

König

Todo reino
guarda
um grande
segredo

Ana Rita Petraroli

König
Todo reino
guarda
um grande
segredo

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e fatos são produtos da imaginação da autora ou pura ficção, não guardando qualquer relação com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos, produtos, eventos ou locais citados, se existentes são mera coincidência ou apenas cenário para o desenvolvimento da trama.

Dedicatória

A minha amada avó materna, Maria Mirtys, que fez
nascer minha imaginação com as muitas histórias
que me contou por toda vida...

Agradecimentos

Ao tempo...

Ao meu futuro que está em minhas filhas...

Ao meu passado tatuado em meus pais...

Ao presente representado por cada amigo que, pacientemente, leu os rascunhos deste livro...

À eternidade que só é possível no infinito amor que tenho pelo meu marido.

Coordenação Editorial Daniela Patrício

Projeto Gráfico Daniela Patrício

Capa Juliana Anjos

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

Petraroli, Ana Rita.

König/ Ana Rita Petraroli ---- 1º edição, Florianópolis:
Bookess, 2012.

ISBN

e-ISBN:

Índices para catálogo sistemático:

The logo for Bookess, featuring the word "BOOKESS" in a stylized, red, serif font. The letter "O" is significantly larger and more ornate than the other letters, with decorative flourishes extending from its top and bottom.

Lauro Linhares, 589, 3º andar,

Trindade, Florianópolis, SC – 88.036-001

Prefácio

O amor na confusão mundial Um casal brasileiro sai para uma viagem curta, primeira parada Munique, onde visitam o castelo do finado rei Luis II, e a curiosa advogada descobre um documento que pode mudar o rumo da história.

O rei morrerá em circunstâncias obscuras e o documento esclarecia um dos aspectos cruciais de sua vida numa linguagem velada.

O marido, executivo financeiro, é chamado a Amsterdã para tratar da crítica situação de sua empresa, enfrentando a grave turbulência de 2008. Ela volta ao castelo para mais averiguações, o que desata consequências inesperadas e em grande velocidade.

Surge um mundo paralelo, um ministro e o presidente da República são envolvidos, o departamento de Estado e o presidente norte-

americano também. A advogada vê-se envolvida numa trama que não compreende e é vítima de uma substância rara e fatal.

Iniciam-se, assim, as tentativas desesperadas de seu marido e de seu amigo Ministro para salvá-la. Este curto resumo dá uma ideia da trama sem estragar o suspense.

König, romance de estreia de Ana Rita Petraroli, enlaça lirismo e espionagem, uma fusão rara, e ela o faz com competência, sem deixar que um dos temas sufoque o outro. Muita gente passa por esta experiência atualmente: ser colhido numa engrenagem que desconhece e ver a vida virar de ponta-cabeça de um momento para outro.

Tempos em que poderes tenebrosos atuam no silêncio, mas às vezes nem tanto, e são verdadeiras organizações para assassinatos seletivos.

Será que o casal sobrevive? Poderá retomar sua vida

anterior? Será pouco o amor que resistiu à passagem do tempo, à corrida vida profissional e à chegada das filhas?

O amor, o sentido de responsabilidade e uma força superior se apresentam a todo instante, o que nem sempre acontece, pois tudo está organizado para a dispersão e o autointeresse.

O próprio marido está enredado numa crise econômica de dimensão grave, não entende o que está acontecendo, duvida que possa enfrentar forças poderosas e obscuras, duvida da recuperação de Francisca, mas segue adiante, pois sabe que sua sobrevivência pessoal sem ela será turva até o final dos dias.

A maioria teria entregado os pontos, a advogada também, ela tem uns raros momentos de lucidez e se dá conta da miserável situação em que se encontra. A ajuda chega e está presente de uma forma muito feliz que a autora encontrou numa organização feminina da Segunda Guerra Mundial.

maioria teria entregado os pontos porque vivemos numa civilização que incentiva o prazer e abomina o sofrimento, estimula a gratificação instantânea e estigmatiza a responsabilidade para com outros.

Desde a Primeira Guerra a vida humana se tornou descartável com bombardeio de civis indefesos e a louca guerra de trincheiras. Disto seguiram-se horrores que não se dissiparam, o casal enfrenta um dos rostos destes poderes obscuros.

O romance ensina que o amor e a fé podem triunfar, só isto já vale a leitura. Mas a autora tem gosto pela narração detalhada e prende o leitor em sua trama.

Que seja só o primeiro trabalho. Muito sucesso, Ana Petraroli!

RAFAEL DOS ANJOS

Fera para ser mais uma viagem, como todas as outras, divertida, leve, rápida. daquelas que sobram somente as fotos e as lembranças.

Francisca não entendia o porquê daquele sentimento, saíam 3, 4 vezes ao ano. As crianças já eram crescidas e há semanas já estavam com a mala pronta, ansiosas pela temporada na casa da tia, com as priminhas. O escritório nunca esteve tão bem. Talvez a estranha ausência de problemas tenha afetado a mente atribulada dela. Aquele vazio, aquela sensação de que falta ou sobra alguma coisa a perturbava, todas as vezes que pensava naquela viagem.

Enfim, desligou o micro, respondendo rapidamente ao último e-mail e fazendo uma força profunda para ignorar o aviso de nova mensagem,

forçou os olhos ao outro lado, arrumou a mesa como todos os dias nos últimos 20 anos, e colocou o Código Penal na frente dos outros, arrumou a almofada florida da cadeira azul na frente da mesa e fechou a porta. Pronto, estaria off-line por quinze dias. Apertou o bolso do casaco certificando-se de que levava consigo seu pen drive, para somente permanecer alheia, se quisesse, sorriu ao sentir que todos aqueles processos cabiam no seu bolso, que a conexão era possível a qualquer momento, de qualquer lugar que tivesse uma rede de internet ou o sinal de um celular, todas aquelas informações estariam em suas mãos. Talvez fosse o primeiro passo para ter o mundo aos seus pés... Mas a sensação de estranheza persistia, Francisca abriu o dicionário de alemão que estava em sua mão e procurou a palavra merda, pronunciou bem alto Scheiße, que em português é algo parecido com

Shaizzan, rindo dessa liberdade, para ela extrema, ficou mais relaxada, apagou as luzes do corredor e se despediu com carinho da secretária. Uma despedida sem troca de olhares, apenas um toque no ombro de Suzana que estava de costas para a porta.

Suzana, secretária de Francisca há anos, estranhou aquele adeus seco, desligou a ligação com alguma urgente desculpa e a seguiu até o hall do elevador, dizendo:

- Tudo bem? Posso ajudar com mais alguma coisa?
- Pode. Faça com que tudo esteja no lugar quando eu voltar.
- Está bem. Mas volte logo.

Voltar logo... Era estranho, mas pela primeira vez na vida, Francisca sequer queria ir, voltar logo era sedutor. Por que não desmarcar tudo e obedecer

a seus sentimentos? Afinal, tudo que tinha, alcançou por sempre ouvir seus próprios conselhos. Seu alerta sempre a impediu de errar muito. Seria um erro ignorá-lo agora. Bobagem, disse a razão, e Francisca entrou no elevador, decidida a seguir em frente.

Ao chegar em casa, tudo já estava resolvido por Ricardo.

É preciso explicar quem é Ricardo. Ricardo é o marido ideal, o pai perfeito, o amante compreensivo, ele é o porto seguro de Francisca, o peito forte e acolhedor para o qual ela volta sempre depois de seus longos desafios. Não há nada que ela faça sem que tenha dois pensamentos: o que Ricardo pensaria disso? Como ele faria? Só depois das respostas agia, é certo que nem sempre como ele pensava ou faria...

Conhecia seu marido como poucas esposas conhecem os seus. Foram primeiro amigos, confidentes, depois amantes e por fim companheiros.

Eram parceiros na vida. Ninguém duvidava disso. Nem Francisca, nem Ricardo. Além de companheiro Ricardo era o amante, romântico a ponto de mandar flores, sedutor ao ponto de errar o tipo e sempre surpreendê-la com alguma novidade, margaridas azuis ou uma orquídea recém-descoberta eram parte de suas escolhas; moreno no sol, quente no inverno, é daqueles que aquecem a cama; sempre tinha alguma coisa para ensinar a ela e não se envergonhava de algumas vezes aprender com ela. Trabalhava como diretor financeiro de um grande banco internacional, era inteligente, imaginativo e excelente em contas. O homem perfeito para trabalhar num banco: bom sorriso e boa matemática. O sorriso dele era o que fazia com que Francisca perdoasse suas falhas. Claro que ele tinha falhas, afinal era homem.

– Pronto, disse Ricardo, malas no carro, crianças na casa da titia, compra na dispensa e o resumo das tarefas da semana que Suzana elaborou nas mãos da Marta. Vamos?

– Vamos, ela disse, sem ter muita certeza.

– Que foi? Não está passando bem?

– Não, estou ótima, vamos.

Dizendo esta última frase, Francisca colocou o casaco dobrado sobre o braço, apalpou novamente o pen drive e repetiu Scheiße. Nunca uma palavra lhe causou tanto relaxamento, verdadeiro mantra. Scheiße, Scheiße, Scheiße, ela repetiu três vezes.

– O que você disse?

– Boa viagem, mentiu Francisca, torcendo para que Ricardo não entendesse o que acabava de ouvir.

No aeroporto depois do segundo uísque tudo estava realmente bem. E assim foi até chegarem a Munique. Não seria a primeira vez deles por lá, mas da última vez, somente ficaram dois dias, o que definitivamente para Munique é muito pouco, menos ainda se descontado o tempo gasto com os compromissos da empresa de Ricardo, que enviava seus contatos, os quais ficaram colados neles por todas as horas do dia e a maior parte da noite. Enfim, seria a chance de andarem por lugares novos na encantadora cidade da Bavária.

No terceiro dia que estavam por lá, foram convidados pelo *concierge* do hotel Kempinski a fazerem um passeio pelos castelos reais que foram construídos pelo rei Ludovico II.

– Excursão? Não... Muito obrigada, há muito tempo não fazemos mais isso. Aprendemos que a liberdade

de ter o próprio horário e o próprio meio de transporte faz toda a diferença entre a alta qualidade e o desastre do passeio. Falou Francisca por entre um simpático sorriso, que por muitas vezes acompanhava seus nós.

– Nem se eu disser a senhora que é um passeio exclusivo do hotel, apenas para nossos hóspedes, em carros separados e privativos, com o guia falando em inglês? Ainda será servida uma taça de vinho premiado da região e almoço típico, ao ar livre, em área privativa do castelo? Prosseguiu o *concierge*, tentando seduzir Francisca.

Francisca piscou os olhos como só ela conseguia fazer e balançando seus cabelos com muito charme, olhou para Ricardo que já dizia sim ao gentil *concierge*.

– Não lhe disse que a viagem seria es-pe-ta-cu-lar?

Você precisa confiar mais em mim, desafiou Ricardo.

– Eu só confio em você, ela respondeu, com um beijo nas mãos dele.

O beijo na mão rendeu. Ainda dentro do elevador, ele beijou seu pescoço, um beijo molhado e morno, com pressão e delicadeza, fazendo com que o ouvido dela zumbisse e ela procurasse o meio de suas coxas, acariciando suas pernas. A distância do elevador para o quarto nunca foi tão longa, tal a pressa de chegarem lá.

Portas fechadas, eles pareciam adolescentes, o beijo cada vez mais quente e sempre novo, a excitação que crescia a cada carinho. As mãos dele, como esponja, caminhavam pelo corpo dela – corpo que ele amava cada dia mais. As mãos dela começavam no seu cabelo, e seguiam escorregando

por suas costas enquanto se movimentavam constantemente, e, ainda de roupa, chegaram ao final daquela dança. Como bailarinos entregaram-se ao descanso depois da efusivo espetáculo. Foi uma sesta incrível.

Francisca abriu os olhos primeiro e sentindo o corpo grudado na roupa preparou um banho bem quente, nada saudável, absolutamente desejado por ela. A fumaça dentro do box completava o ritual. A água muito quente deixava sua pele vermelha e ao contrário do que diziam os dermatologistas, em especial a sua, acerca dos nefastos efeitos da água muito quente, ela pensava que toda aquela circulação ativada na superfície da pele fazia bem. Apesar da sua teoria, olhou para si no espelho e sentiu que o tempo tinha passado. Seu rosto não era mais o mesmo, seu colo mais baixo, sua barriga, seu contorno. Talvez sua dermatologista tivesse razão...

Não conseguiu terminar o pensamento, em torno de si viu surgir um abraço, um monte de beijos que mandaram embora aqueles rigorosos pensamentos. Podia não ser mais a garota de tempos atrás, mas enquanto Ricardo não soubesse disso, tudo bem.

O tempo é desencontrado entre os homens e as mulheres. Ricardo com o passar do tempo ganhava as têmperas brancas e fios de cabelo cinza chumbo coloriam a sua cabeça, misturando-se estrategicamente com os outros ainda escuros, rugas ao redor de seus olhos demonstravam que ele já havia visto muita coisa; suas mãos, com as juntas mais grossas eram mais firmes que as de 10 anos atrás, seu peito com algumas marcas da idade apenas lhe conferiam experiência.

O homem com o tempo ganha um colorido, a mulher envelhece. Luta escandalosamente para

parecer mais jovem, manter o corpo de antes, a pele de antes, o cabelo de antes.

Mas antes ela não tinha vivido tudo que viveu agora, não tem como mudar tudo por fora, porque simplesmente é outra por dentro. Tenta mudar o contorno dos olhos, entretanto, não muda o olhar e o que encanta na juventude é exatamente o brilho dos olhos, olhar de quem nada sabe, nada viu.

Francisca já tinha visto muita coisa. Nesses anos todos de profissão tantos casos já haviam tirado dela muita vida. Cada batalha judicial encarava como luta própria. Francisca comprava brigas e brigar era o que lhe mantinha viva. Amanheceu e após um breve café da manhã, ainda no quarto, estavam prontos para o passeio. O motorista que deveria falar inglês, era inglês. Povo que eles adoravam. Londres era a segunda casa deles, não passava um semestre sem que eles não passassem

uma semana na sua casa de Londres. Era parte do plano ir até lá no próximo mês.

Terry, o motorista, dentro de seu casaco de lã e debaixo de seu chapéu coco, com o guarda-chuva nas mãos veio recepcioná-los dentro do Hotel, levando-os até a Mercedes do lado de fora. Entraram no banco de trás, não perderiam a chance de um namoro nas montanhas. Nem bem sentaram e Terry começou a interagir com eles e a conversa fluiu a viagem toda até chegarem ao Linderhof. Freio puxado, o motorista calou-se, e o guia do castelo veio recepcioná-los. Taça de vinho premiado na mão passou a dar as informações básicas do castelo construído como residência pelo rei Ludovico II.

Depois da aula de história, distraída, o tempo todo pelas mãos de Ricardo, entraram pela porta lateral destino dos “hóspedes especiais” e seguiram

pelo corredor existente entre as paredes, até a entrada principal.

Mal sabiam onde estavam entrando... Dizem que as rugas trazem experiência, as de Francisca não lhe seriam úteis naquela hora. Experiência só vale para aquilo que já vivemos. O que está por vir é sempre novidade, água fresca, caminho a ser explorado. Experiência serve para muito pouca coisa, em especial na vida daqueles que adoram descobertas. Era o caso de Francisca. A rotina, a mesmice, o fazer igual todo dia era decreto de morte. Ela era do tipo para quem Deus inventou as surpresas.

Entraram no quarto de Ludovico II e ouviram a história deste rei de conto de fadas como gostam de defini-lo os alemães.

De dentro do quarto, bem defronte da cama, apoiando-se sobre a cadeira de tecido rosado e

dourado que estava a sua frente, Francisca olhou na direção da janela e na beirada de uma das consolas em porcelana de Meissen existentes no quarto, percebeu um pedaço de papel, pensando ser um papel qualquer, papel de bala, pedaço de folha, estendeu a mão na intenção de pegá-lo, alcançou a ponta do papel e puxou... nada.

‘Como o papel colado no tecido que revestia a parede estava muito resistente, fez com que Francisca perdesse o equilíbrio. Recuperada, aproximou-se, soltou a mão de Ricardo, recebendo dele um olhar de reprovação. Insistiu em puxar aquele papel na sua direção, aproveitou que o guia enchia o copo de Ricardo e puxou com um pouco mais de força, rasgando um pedaço do tecido que cobria a parede.

Ela baixou os braços com tanta rapidez que se ouviu, na sala, um zumbido. Completamente

desesperada, ela percebeu que arrancara o papel da parede. Escondendo a mão com o papel atrás de si, tentou encaixar o tecido descolado por baixo do batente da janela. Foi em vão.

O guia então se virou para encher o copo da senhora que estava a sua frente e percebeu o rasgo, engasgando de desespero. O estampido da garrafa de vinho, já vazia, caindo no chão, chamou a atenção do responsável pelo setor, que em menos de um minuto, já havia subido as escadas e estava com os dedos nervosos, tentando juntar o tecido à parede. Estava funcionando e quem não viu que algo saiu de lá, poderia achar que o problema estava resolvido.

As mãos de Francisca tremiam e suavam. A curiosidade era quase sufocante. O que estaria escrito naquele papel?

Como havia ficado lá todo este tempo? Como nunca fora descoberto por ninguém? A razão lhe

dizia que havia de não ser nada, provavelmente, uma nota da reforma ou uma ordem ou um recado qualquer. A curiosidade afirmava que ela precisava ler aquelas letras.

Correu ao banheiro e tirou o papel do bolso, entrou no reservado para não ser perturbada. Abaixou a tampa da privada e sentou-se correndo, abriu o papel com muito cuidado, de cima para baixo. Como não poderia ser diferente, não entendeu nada do que estava escrito, estava escrito em alemão!

Apalpou o papel, olhou para ele fixamente e pôde perceber que se tratava de um bilhete, uma carta em papel antigo, muito antigo, manchado de tinta de um lado e de cola do outro, escrito com caneta tinteiro, talvez a pena... Ela precisava descobrir o que estava escrito ali.

– Francisca, tudo bem? Precisa que eu vá até aí?
Gritou Ricardo pelo vão da porta.

– Não, estou saindo, tudo bem. Mentiu Francisca.

– Você está pálida, o que foi? Disse Ricardo assim que a viu saindo do banheiro e lhe segurando pela mão.

– Não sei, talvez algo que tenha comido, o frio, não é nada, tranquilizou-o, vamos em frente com o passeio.

A resposta de Ricardo a deixaria confusa:

– Não podemos. Lembra do pedaço de tecido rasgado?

Eles fecharam o castelo para investigar como aquilo foi possível, pior, dizem que sumiu o precioso lustre de ébano da sala de estar do rei. Estão evacuando o prédio.

Francisca ficou em pânico e se na verdade estivessem fechando o castelo porque a viram retirar

o bilhete da parede? E se resolvessem revistá-la e encontrassem com ela aquele papel? Ainda estava pensando nisso quando apareceu Terry que os tirou por outra porta secreta que abriu no meio da parede e eles puderam seguir até o carro sem serem perturbados.

Ela queria muito contar a Ricardo o que aconteceu... Temeu sua reação. Não havia ninguém mais correto no mundo que ele e certamente ficaria chateado com o que ela havia feito. E quando ele emburrava era o fim de tudo e ela estava apenas no começo. Resolveu que falaria depois, se fosse importante.

Mal chegaram ao hotel e o telefone tocou, precisavam de Ricardo, na Holanda, com urgência. Ele mal teve tempo de arrumar as malas e beijar Francisca que os representantes locais de sua empresa já ligavam do hall do hotel informando que

o avião estava a sua espera. Sem Ricardo, Francisca ficou perdida.

A lembrança de que ele voltaria em três dias, fez com que ela respirasse um ciclo completo, pela primeira vez, em minutos, e oxigenado o cérebro voltou a funcionar. Por cautela, pediu para mudar de quarto e foi transferida para uma suíte no setor sul, pediu que o quarto não pudesse ser identificado como seu e que nenhuma ligação lhe fosse transmitida. Pegou o bilhete e copiou o mesmo num e-mail a Suzana: “Suzana, preciso que traduza estas palavras para mim, rápido, e não comente isto com ninguém, envie a mensagem para o meu e-mail pessoal, do Yahoo.”

Naquela noite Francisca planejava pijama e cama, mas a resposta de Suzana tiraria seu sono.

Em outra parte da Bavária, Luis foi chamado às pressas no castelo pelo administrador, quando lá chegou, ouviu a notícia que temeu pelos últimos 30 anos:

- Senhor, a carta sumiu. Disse, com as mãos trêmulas, o vigia.
- Onde está a fita de segurança? Perguntou Luis com medo da resposta. Resposta que veio logo:
- Temos este filme da sala, afirmou o segurança do museu, iniciando a reprodução do filme.

No filme aparecia a parede intacta, muitas pessoas entrando e saindo e quando a câmera voltava para o local da carta, o tecido já estava rasgado e a carta não estava mais lá.

– Como você explica esta câmera andar pela sala, se lhe dei ordens expressas de que somente ficasse focada naquele local? Disse Luis, com o rosto tão vermelho que o segurança achou que ele fosse estourar.

– Senhor, bem, por medida de economia pensei que assim seria melhor e que a segurança não seria comprometida.

Afinal, se fosse algo tão importante, por que ficaria num lugar público, acessível? Luis então começou a gritar uma vez mais:

– Seu completo imbecil! Há vários segredos assim guardados, em vários monumentos públicos, museus, estátuas, parques... Um segredo sempre é procurado na camuflagem, no escondido, o lugar público o torna mais seguro. Assim ninguém tem o

privilégio de guardá-lo e também não pode ser destruído porque nunca se sabe se precisaremos mudar a história mais uma vez. A estátua da liberdade, a torre Eiffel, o Coliseu, algumas grandes pontes, são alguns exemplos de cofres abertos à visitação. Quem suspeitaria que escondessem informações valiosas?

O segurança, sem saber a gravidade de seu desinteresse, deu de ombros. A explicação parou por aí e Luis quebrou tudo que estava em volta de si.

Naquela noite os corpos de Luis e do vigia foram achados dentro do English Garden, num beco escuro.

Francisca tomou um banho daqueles bem quentes, ligou a televisão em um canal qualquer e sem fixar sua atenção em nada, resolveu ligar para suas filhas. Ouvir a voz delas trouxe novamente a realidade e a não ser por aquele velho papel que a fitava de sobre a escrivaninha do quarto, sua vida parecia bem normal. Saiu deste estado letárgico com o som do e-mail chegando em sua caixa de entrada.

Quando viu que era de Suzana, relutou em abri-lo, mas a curiosidade a fez mover-se bem depressa. O email relatava:

“Querida Francisca, Onde achou palavras tão antigas? O que anda lendo deste lado do mundo? Consultei um velho amigo, professor de alemão e metade das palavras tem duplo sentido, algumas segundo ele não existem desde o começo do século

passado, entretanto, gentilmente ele as traduziu – você lhe deve um vinho, dos bons – a tradução ficou assim:

“O poder ao invés de libertar, torna escravo o poderoso. Dói a alma que se debate contra tudo e todos. Dói toda forma de amor. De onde viestes não posso ir. De onde sou, tu não és. Nosso destino é diverso, sendo o meu de servir e o teu apenas seres mulher. De meu lugar avisto o que sempre me faz lembrar de ti, sabendo que apenas na noite posso ter-te aqui, mas, por noites já não vem... Como estás nosso filho? Traga-o a mim, peça ajuda ao R.W., guardião de nosso amor e confidente de meu espírito, afinal tu não tens meu sangue, a realeza não lhe pertence, não és digna da coroa por sua linhagem baixa, embora sejas obra de Deus, certamente a mais primorosa e bela, entretanto, a ele devo ensinar o que nunca soube, pois ele será Rei, continuará ao que não pude dar fim.

Com muito amor, LII”.

König

Ela releu o texto por mais de 20 vezes. O que aquelas paredes escondiam podia mudar todo o destino da nação, ao menos, de uma linhagem, pois se era verdade que o rei Ludovico tinha um filho, tudo seria diferente, a começar pela transmissão do trono após a sua morte.

Em todas as viagens que fez a Baviera e todas as vezes que ouviu ou estudou acerca do Rei Ludovico II, nunca ouviu acerca de uma mulher em especial. Seria este amor que o atormentava tanto? Seria esta a razão de refeições absolutamente sozinho, sem a presença de nenhum serviçal? Será que a troca do dia pelas noites era de fato para proteger este seu amor? Que monumento seria este a amada, nunca descoberto, nunca falado? Daí a paixão incontida pela história de Tristão e Isolda? Ela teve a certeza que temia, teria que voltar ao castelo de Linderhof e teria que ir só, sem Ricardo.

No meio destes pensamentos o cansaço do corpo venceu a velocidade da mente e ela dormiu sentada, encostada nos travesseiros, com a televisão ligada. Acordou com uma pequena dor no pescoço e começou a preparar-se para sair.

Quando estava saindo do banho viu na televisão uma reportagem acerca do castelo, somente pôde entender que havia alguma ligação entre o castelo e pareciam corpos... Alguém havia morrido. Com as mãos tremulas começou a pensar se a carta teria alguma coisa com essas mortes? Quem eram aquelas pessoas?

Sentiu um sopro de frio. Resolveu colocar uma roupa mais discreta e prender o cabelo num rabo de cavalo, colocou seus maiores óculos escuro e desceu pelas escadas, o que lhe garantia o café da manhã. Sentou para o café e o kostlicher butterkuchen era a repetida escolha. Pediu além do delicioso pão doce,

uma xícara de café. A refeição durou 5 minutos. Na saída apenas para especular consultou o *concierge* acerca das mortes:

– Bom-dia, começou a conversa Francisca.

– Bom-dia, senhora, lhe respondeu o sempre atencioso *concierge*, o mesmo que lhe ofereceu o presente do passeio ao castelo.

– Bem, ouvi, ou melhor, vi algumas imagens hoje pela manhã no jornal, que me deixaram perturbada, pareciam corpos. Aconteceu alguma coisa na cidade? É seguro sair? Disse Francisca.

– Claro senhora, não há com que preocupar-se. Eram drogados. Uma pena, inclusive um deles, trabalhava no castelo que a senhora foi ontem. Será que chegou a vê-lo? Sem saber o que responder, ela pigarreou um pouco e disse:

– Não sei, acho que não. Obrigada. Bom-dia.

Saiu mais apressada do que queria, todavia era inevitável.

Se não estavam falando da carta era porque de fato tinha autenticidade, verdade e estava sendo procurada. Pior, se ninguém poderia saber de seu desaparecimento é porque a sua existência era perigosa. Tremeu de novo. Desta vez com razão.

Para disfarçar seu destino, seguiu a pé até Mariaplatz, andou pela rua do Residence, passou pela rua de trás da cervejaria Bauhaus e tomou o primeiro táxi no meio do caminho:

– Castelo de Linderhof, por favor.

Chegou na hora da excursão guiada das 13h15m horas, entrou na narrada em inglês e riu do good morning da guia que mais parecia uma estátua que acabara de ganhar vida. Repassou pelas salas que já havia passado e pôde continuar o caminho a partir do quarto em que o encerrara da última vez. Até o que já havia visto agora era diferente. Da primeira vez o rei lhe pareceu insano, perdido, fútil. Agora, preocupado, fiel, apaixonado, amante e pai.

O que teria acontecido ao filho, herdeiro do trono? Passando pela sala rosa, chegou à sala de jantar, onde narrava a guia:

– Olhem a mesa que sobe e desce por este buraco no chão diretamente à cozinha. Jantava nesta sala somente o rei, sem nenhum serviçal, tendo por

companhia somente suas ideias engenhosas e óperas de Richard Wagner.

Na hora as iniciais R.W. da carta fizeram sentido. Eram confidentes, o rei e o artista. Amigos de paixões, a de Wagner também fadada ao insucesso pela diferença da classe social, mas ao que consta nos registros, esta não lhe trouxera herdeiros, já ao rei... Continuou a guia: “A Sala de Jantar é famosa pelo seu desaparecido monta-cargas chamado *“Tischlein deck dich”*. Este mecanismo foi instalado para que o Rei pudesse jantar ali sozinho. No entanto, a criadagem tinha que pôr a mesa para, pelo menos, quatro pessoas, pois se diz que o Rei costumava falar com pessoas imaginárias...”

Perdida nestes pensamentos, falando em coisas imaginárias, olhou ao canto e viu uma pequena cadeira, primorosa, esquecida por ali. O que

fazia uma cadeira extra na sala intimista do rei? Seria a cadeira dela? Pôde Francisca ver ali as mais tórridas cenas de amor. A escolhida do rei, entrando no escuro da noite e da neblina no castelo por uma daquelas portas secretas e podendo os dois, naqueles momentos tão esperados conversarem acerca de, talvez, coisas banais, talvez segredos de ambos, talvez não falassem nada. Apenas se amassem. Ficou imaginando uma noite de amor naquele castelo.

Após o jantar, saíam para a sala dos espelhos, espelho defronte espelho torna o lugar infinito. De onde se olha se vê a frente e o verso. Eroticamente falando o côncavo e o convexo.

Após o jantar que era intimista demais para época, afinal para não levantar suspeitas ela se alimentava com as mãos, o que fazia com que o rei ficasse cada vez mais excitado, depois do digestivo, saíam de mãos dadas em direção a sala do amor, as

velas que se multiplicavam pelos espelhos, assim como o desejo proibido de ambos. As mãos que se permitiam invadir novos espaços, os beijos lascivos, a vulgaridade plebeia da sua amada era perfeitamente aceitável pelo corpo do rei.

Naquela sala não havia figuras religiosas propositadamente, era a sala do pecado, da vida, das coisas da terra, do reflexo de suas almas. Lá as coisas do céu eram esquecidas. O rei e sua escolhida queriam os prazeres dos mortais, as carícias não terminavam. O amor não terminava. A noite sim, e ela voltava para sua casa e ele ao amanhecer, exausto, ia enfim, ao seu quarto.

Quanta imaginação Francisca! Pensou ela, sem saber que o acontecia naqueles salões superava o imaginado. Então veio a lembrança do trecho da carta: “De meu lugar avisto o que sempre faz lembrar-me de ti...”. Se aquela sala era o local em que

Ludovico passava a maior parte do tempo, do *recamier* ali colocado deveria ser avistada alguma coisa, aquilo que o fazia lembrar seu amor, ainda estaria lá?

Aproximando-se do *recamier*, olhou para cima, nada. Para fora, belo jardim, vista, jardins totalmente alterados pela reforma. Lembrou que o rei era bem alto, ela baixa, talvez se subisse o olhar, chegou seus olhos à altura que supôs ser a altura do rei (1,93m) pelos dados biográficos do monarca, descritos no folder do museu. Chegou mais perto do *recamier*, a guia lhe chamou a atenção, ela desculpou-se, sem mudar de posição e foi aí que viu, em meio à pintura do móvel lateral, a figura de uma mulher e de um pequeno menino, a guia vendo minha reação, explicou que a pintura representava o rei menino.

Francisca questionou então acerca da mulher e a resposta foi que seria alguém do povo, quis o rei,

com aquela obra de arte encomendada à importante artista, dizer que estava perto do povo e que o povo era quem lhe guiava.

Bobagem, ela pensou. Era ela, Francisca sabia. Tirou várias fotos com o celular, bem discretamente, de vários ângulos, inclusive da casa que aparecia por trás da pintura, branca, janelas no sótão, com uma macieira no jardim... Permitiu-se ficar pelos jardins do castelo em busca de qualquer outro sinal e nada pôde observar, além de vários recantos e cantos, cheios de encanto para quem está apaixonado.

Sob esta ótica, de fato, o rei era lunático. Um homem apaixonado perde o chão, a razão, o temor, o medo da dor. Ludovico era assim, perdido de amor. Lembrou-se de Ricardo e do quanto eles eram apaixonados.

Olharam-se por um instante e quando suas mãos se tocaram não se desgrudaram mais.

Trilhavam a vida juntos e achavam isso muito bom. Brigavam, é claro e talvez fosse isso que mantinha a consistência da relação. Eram geniosos, cheios de vontades diversas, nem sempre seus olhares focavam na mesma direção. Detalhe. Seus passos eram no mesmo caminho.

Sabiam que queriam estar juntos, sabiam estar juntos e isto bastava. Nunca tiveram outras pessoas, não por falta de desejo, deles por outros e dos outros por eles, mas por absoluto respeito ao amor que tinham, pois sabiam que somente uma coisa entre eles não era permitida: a traição. Traição que, mais tarde descobriria Francisca, foi vítima o rei.

Tomou o táxi de volta e ficou olhando atentamente as fotos que tirara. A mulher que “representava o povo” era incrivelmente bonita, cabelos castanhos como os do rei, olhos claros, vestida em um vestido amarelo, típico da época,

cabelos em penteado alto e sério para sua pouca idade. A criança era a miniatura do rei. Não lhes espantava que pensassem ser ele próprio. Todo filho é o próprio pai miniatura, seja ele na igualdade ou no avesso. Aquela criança seria Ludovico III, não tivessem agido sobre aquele reinado forças ocultas.

O celular vibrou provocando em Francisca um grito e no motorista um susto, ambos restabelecidos, ela atendeu feliz ao seu marido que ficou espantado com seu retorno ao castelo:

– Você quis voltar ao castelo? Não queria ir e agora quis voltar, sem mim?

Com um sorriso solto, ela respondeu:

– Bobo. Tivemos que sair correndo outro dia e eu precisava ver as outras salas, curiosidade querido, curiosidade. Quando você volta?

Ricardo com a voz triste, disse:

– Não sei, a crise americana agravou com a quebra de mais um banco dos grandes, a economia está confusa e eles querem conselhos. Não sei o que dizer. Não sei o que fazer nem com nosso dinheiro o que dirá com os bilhões deles. Temo por uma decisão errada. Ficarei por no mínimo mais três dias. Tudo bem?

Acompanhada de um longo suspiro veio a frase:

– Que posso fazer? Que forças tenho contra o cataclismo econômico que a TV não cansa de mostrar? Te espero. Boa sorte. E, não se esqueça, te amo.

Ao falar esta última frase, sentiu de fato todo o amor que tinha por Ricardo e como aquilo era bom. Pena que o rei e sua escolhida somente puderam ter poucos momentos juntos, somente à noite e nas noites com neblina.

Ela conectou o micro no celular, ativou o modem e acessando a internet enviou as fotos para seus e-mails de backup nas nuvens, não podia correr o risco de perder aquelas imagens.

Enviou ainda para o programa de edição de imagem e começou a investigar cada detalhe da pintura, até que, absolutamente surpresa, percebeu que a doce moça, a qual vestia um longo de veludo amarelo, quase dourado, com camisa de mangas e golas rendadas cor de champanhe, trazia no pescoço uma medalha, na medalha um nome escrito em letras minúsculas:

König

Anna Sophia Munkhër, escrito por toda a volta da redonda medalhinha. O nome foi enviado imediatamente para um programa de busca que não encontrou nada correspondente ao nome, nem em partes, nem no todo. Continuou aumentando a foto e ao fundo, meio de lado, perdida na imagem, havia uma placa indicando o caminho para Oberammergau. Ela então ordenou ao motorista:

– Vamos a Oberammergau.

Chegaram à cidadezinha com rapidez, ela então começou a olhar para todos os pontos em busca de algo que lembrasse a cena da foto. Tudo era parecido. Lembrou de que nas cidades antigas os registros eram feitos nas igrejas e lançou no programa de busca dados para obter o endereço. Assim que o endereço apareceu na tela, pediu que o

König

motorista se dirigisse à igreja central, anotando num pedacinho de papel o endereço para que ele a entendesse e lá foram os dois.

Nas salas do programa de busca, acendeu a luz do cliente “Oktuber”, na mesma hora, foi enviado um e-mail ao seu endereço eletrônico:

“Prezado Cliente, conforme sua solicitação informamos que o nome Anna Sophia Munkhër foi acessado por 6 vezes, em várias buscas vindas do mesmo IP, através de um link móvel. No último acesso deste IP a busca foi de registros civis na cidade de Oberammergau. Para obter mais detalhes, entre em nossa página da web e acesse o seu cadastro.

Atenciosamente, A equipe.”

Na tela da conta do cliente oktuber a mensagem soou tal qual alarme de incêndio e o leitor, com os olhos absolutamente esbugalhados não podia acreditar no que lia. Como chegaram nela?

Isso não era nada bom. E embora toda a estrutura da Ordem girasse em torno da manutenção daquele segredo, para todos a impressão de inviolabilidade do mesmo era certa.

Qual era mesmo o próximo passo? O homem confuso consultou o livro bordô e ligou para o número lá existente.

Deixou tocar duas vezes e desligou. Ligou novamente, somente um toque desta vez, e desligou de novo. O homem alto e bem-vestido que estava no quarto em que tocava o telefone, começou a ficar agitado. Seria coincidência?

Coincidência absolutamente desfeita, quando o telefone tocou novamente e ao atender no quinto toque, veio a pergunta:

– Boa-tarde, poderia falar com o Sr. Otto?

König

– Quem gostaria? Respondeu o outro com a voz tremula.

– O Rei-Sol.

Telefones desligados os dois sabiam o que aquela conversa significava. Anna Sophia ou qualquer parte do segredo do rei havia sido localizada. A pessoa que estava atrás dela era a mesma que possuía a carta, ou seja, era a terceira naquele momento da história que sabia sobre o herdeiro do Rei.

Francisca entrou na igreja com o nome rabiscado em um papel e inquiriu o religioso que ali estava sobre onde ficavam os registros, levada até os livros, pegou em sua mão aqueles que datavam os nascimentos de 1840 até 1860, afinal, a moça da pintura teria provavelmente a mesma idade do rei. Folheou página por página, até que o que viu causou-lhe náuseas, o registro estava assim escrito: *Anna Sophia Munkhër, 20 de julho de 1849- ... Filha de Frau Inka Munkhër e Izau Munkhër.*

Não era somente isso que Francisca queria encontrar, ela continuou a busca e no livro de 1869, leu: *Maximo José Munkhër Wangler, 05 de março de 1869- ... Filho de Anna Sophia Munkhër e Joseph Wagner Wangler, ilustre soldado do Magnífico Rei.*

Pegou o celular e fotografou as duas páginas do livro e com cara de desilusão devolveu os

mesmos ao religioso, cometendo o pecado da mentira, afirmando que nada havia encontrado, agradeceu e disse que voltaria outro dia com mais dados. Foi convincente, não fosse pelo desaparecimento dos livros duas horas depois...

No jornal da noite a notícia foi:

“O religioso responsável pela guarda dos livros no registro de Obermarengau, apareceu morto no início da noite. Quando a faxineira do convento bateu à porta para retirar o lixo e ele não respondeu, ela entrou na sala e encontrou o corpo caído. Ainda não se sabe a razão da morte, provavelmente algum ataque de vândalos, pois vários livros foram queimados e alguns sumiram. Mais notícias, no jornal da manhã.”

Haveria um amanhã para ela? Francisca pensou em largar tudo e ir embora. Ficou e foi dormir, já cansada com o que teria de enfrentar no próximo dia.

No meio da madrugada acordou com o celular tocando. Era Ricardo, com saudades. Ela queria tanto contar o que vinha acontecendo, mas era melhor não, ele ficaria preocupado, nervoso, contaria quando ele chegasse.

– Oi meu amor, tudo bem? Ele disse com sinceras saudades.

– Tudo querido, e a crise, melhor? Ela respondeu por entre um bocejo.

– Fran, piorou. Sem a aprovação do congresso americano e o consenso dos nomes da economia acerca do que é mais correto, além da incerteza quanto à eleição presidencial, a crise está aumentando nos bastidores. Começou uma corrida aos bancos e todos temem o final desta história. Querendo auxiliar Ricardo, ela arriscou:

– Posso ajudar de alguma forma? Um palpite, um chute... Qualquer coisa?

– Pode. Preciso de sexo. Respondeu ele sem hesitação.

Ela riu e passando a mão pela barriga sentiu o mesmo tesão que ele estava sentindo.

– Muito bem, senhor... Disse Francisca com voz de atendente de tele sexo, qual o tipo de atendimento que deseja.

– Do tipo sensual e intenso, disse Ricardo.

– Assim seja, ligue seu micro e acesse o programa de comunicação virtual na sala criptografada. Esteja pronto para as imagens... E dizendo isso acionou a câmera de seu micro e entrou na sala protegida por senha. Dez minutos após, os dois relaxados, dormiram o melhor sono dos últimos três dias.

Na manhã seguinte, Francisca acordou com a ligação de sua filha mais velha pedindo para ir dormir na casa da amiga e a pequena Isabel chorou de saudade. Francisca pensou, como tantas outras vezes, porque não estava em casa com as meninas, estar lá, permitiria que não estivesse envolvida com toda aquela história em que já morreram, pelo que ela sabia, três pessoas. Todavia, essa era ela e agora que já havia morrido alguém iria até o fim. Disse sim a sua mais velha e consolando a pequena com uma história sobre princesas, foi para seu banho quente.

No escritório central da Ordem os livros foram identificados e todas as digitais colhidas, havia duas muito recentes, a do religioso e a de outra pessoa, seria ela a possuidora da carta? Colheram a digital e mandaram ao banco de buscas de identificação. Nada foi localizado.

Os berros do coordenador eram ouvidos do outro lado da imensa sala:

– Não é possível. Maldita Comunidade Europeia! Maldita liberação de vistos! Certamente quem sabe o segredo do herdeiro sequer é cidadão alemão, talvez nem conheça a história da Bavária, sua importância política, os riscos de sua alteração. Talvez nem sequer tenha ouvido falar no Rei.

– Calma, senhor, vamos localizar a pessoa. Estamos rastreando as imagens daquele dia. Dizia o mais servil dos associados.

Embora observassem o filme atentamente, ninguém lhes chamou a atenção. A entrada e a saída foram acompanhadas de perto com close em cada rosto. Sorte de Francisca ter usado a porta secreta, pelo meio das paredes. Com a morte do vigia do castelo ninguém mais, além do *concierge* sabia da excursão.

Muito bem, pensou Francisca. Vamos aos fatos, tenho os nomes e as datas, nada mais. Perguntar deles seria muito perigoso, o que posso fazer? No meio do seu pensamento, uma ligação do Brasil, de Suzana, a trouxe ao mundo real.

Doutora, bom-dia. Tem um senhor aqui chamado Hansan que diz ser seu cliente e que precisa vê-la, com urgência. Disse para avisá-la que há dois dias fizera 20 anos. Disse que a senhora entenderia...

Claro que ela entendeu. Hansan era um de seus primeiros clientes. Homem forte, imigrante corajoso que veio para o Brasil com sua esposa, seu primo e seus quatro filhos, todos homens. Hanna, a esposa, trabalhava dia e noite fazendo doces para ajudar na manutenção da casa, as crianças iam à escola arrumada por outro primo de Hansan que estava no Brasil há mais tempo.

Certo dia, Hansan que trabalhava como motorista de uma família influente em São Paulo, chegou em casa mais cedo, o que nunca havia

acontecido e descobriu Hanna e seu primo, nus, na cama deles.

Foi demais para ele. Nenhum pensamento lhe ocorreu, caminhou com lentidão até a cozinha, abriu a gaveta abaixo da pia e pegou o facão.

Matou seu primo com apenas um corte. A mulher olhou bem nos seus olhos e lhe implorou perdão, os olhos dela choravam pela morte de Assan. Aquela traição foi a maior, ele viu Assan nos olhos de Hanna. Matou Hanna. Correu na casa de seu patrão para contar o que havia acontecido. O homem chorava tanto, ainda com sangue e o facão nas mãos que Sr. Rafael resolveu ligar para Dra. Francisca que já havia resolvido alguns problemas criminais para ele.

Ela sugeriu que procurassem a polícia, tentaria um acordo para sua prisão, explicou outras coisas mais, inclusive acerca da prescrição que existia

no Brasil naquela época. Se ele ficasse sem ser localizado por 20 anos, não poderia mais ser processado. Vinte anos pensou Hansan... Ele disse à advogada que pegaria algumas roupas em seu emprego e já voltava. Rafael não quis que ele fosse lá, em vez disso, o levou até o aeroporto e comprou uma passagem para Hansan voltar à Síria. Na volta para casa ele ligou para Francisca, contou que havia embarcado Hansan no primeiro voo para fora do país, que lhe havia dado ordens expressas de que nunca mais voltasse, e como resposta ouviu:

– Obrigado doutor, daqui a 20 anos volto para ver meus filhos.

Hansan nunca foi apontado como suspeito. Rafael afirmou em depoimento que ele trabalhava naquela hora, longe dali, em viagem a serviço da

empresa, ninguém além de nós cinco sabíamos o que de fato havia acontecido, mas ninguém conseguiu jamais falar com Hansan e agora lá estava ele, 20 anos depois, no meu escritório.

Francisca pediu a Suzana que o colocasse na sala de vídeo conferência e estabeleceu um link de contato. O homem forte de outrora agora estava velho, magro, calvo, com a mesma paixão no olhar.

– Bom-dia, doutora.

– Bom-dia, Hansan. Você voltou! Que bom, tentamos tanto falar com você nos últimos anos!

– Eu sei, ontem à tarde o Sr. Rafael me contou tudo, falou o homem com forte sotaque. Estou trabalhando com ele de novo, agora nas indústrias. Na minha terra paguei pelo que fiz. A senhora nem imagina o que passei por lá, as punições a que me submeti. O pior é que todas as noites quando fecho os olhos vejo

os olhos de Hanna e neles vejo seu amor por Assan.

Não há punição maior. Da sua justiça estou livre?

– Sempre foi Hansan. Tentamos tanto contatar você para contar a história toda... E somente agora encontramos você, ou melhor, você nos encontrou.

– Muito bem, cumpri minha pena no exílio por 20 anos e agora vou pagar o resto de minha vida pelo que fiz. Fui castigado ao ter tatuado em minha alma aquele olhar. Obrigado doutora.

– Não tem porque agradecer. Boa sorte. Deixe que seus olhos olhem para outros olhares, quem sabe não se encontra em algum desses e pode ser feliz de novo?

– Não, eu não mereço.

E com essa frase encerraram a conversa. Ela tentando entender este amor que mata e ele passando as mãos de Suzana o presente para

König

Francisca. Suzana colocou o presente sobre a mesa dela e retirando a pasta do caso Hansan do arquivo a colocou no arquivo morto.

Francisca resolveu ir atrás do nome do soldado, “pai” de Maximo, Joseph Wagner Wangler. Seu nome no programa de buscas voltou com várias informações, ele foi comandante do batalhão especial do Rei, na Guerra austro-prussiana ocorrida entre a Áustria e a Prússia, no ano de 1866, por apoiar os austríacos, que perderam a guerra, Luis II viu-se obrigado a assinar um tratado de colaboração em 1870 com a vizinha Prússia, cujo poderio militar parecia imbatível na época. Joseph foi quem alinhavou, nos bastidores, este acordo.

No mesmo ano da assinatura do tratado, o rei precisou de seus serviços novamente e o mandou a linha de frente durante a Guerra franco-prussiana, que durou um ano, desta vez, aliado à Prússia, atacou a França. Acreditando que com a ajuda da Prússia poderia construir um império, incorporou a

König

Baviera ao império alemão. Sua desilusão foi grande por não conseguir o apoio dos prussianos a seus projetos de aumentar os territórios, embora tenha obtido garantias da manutenção dos privilégios especiais desfrutados pela Baviera. Foi uma escolha errada.

Quando o Rei foi deposto, todos os seus homens de confiança e conselheiros, bem como os comandantes de seu exército foram perseguidos, alguns fugiram para a Inglaterra, outros pediram asilo na Prússia. Joseph fugiu para Portugal.

Em uma das batalhas conheceu o grão mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários e a ele pediu proteção. Foi então morar na cidade de Leiria e segundo constava, não havia levado ninguém com ele. Como pesquisar sobre ele sem levantar suspeitas? Não queria a morte de mais ninguém.

König

Pensa, Francisca, pensa, forçou ela a mente já tão atribulada. Muito acostumada a este tipo de ordem.

Resolveu sair para caminhar pelas ruas de Munique. O dia estava especialmente bonito com a temperatura amena, em torno dos 14 graus, com os bávaros vestindo suas roupas tradicionais, a distração fez com que o tempo passasse cada vez mais rápido. Caminhou pela “Maximilian Road” até o final, contemplando o lindo parque que existe em sua margem esquerda, passou pelas pontes de um lado para o outro, até que entrando em direção a Mariaplatz, avistou a igreja de São Miguel, parando na frente da igreja leu algo perturbador no seu guia turístico de bolso: lá estava sepultado o Rei Ludovico, o seu rei particular. Como isso lhe soava ridículo!

Ela precisava entrar... Abriu a porta com muita solenidade e dentro da igreja, em reforma, vários turistas exercitavam seu passatempo favorito:

tirar fotos. Ela tentou entender alguma explicação do guia, foi absolutamente inútil. Nenhuma das palavras faladas em perfeito alemão encontrou tradução em seu vocabulário. Continuou andando por baixo dos andaimes até que chegou ao lado esquerdo do altar, a uma pequena abertura no chão, com uma pequena escada de poucos degraus, sem corrimão. Já havia arriscado tanto, por que não seguir em frente? Perguntou-se.

Desceu vagorosamente, testando seus olhos com a penumbra do local. Um senhor, logo na entrada, atrás de um pequeno balcão, a fez entender que deveria pagar dois euros para descer na cripta dos reis. A nota mais baixa dela era de 10 euros. Entregou ao senhor. Sua ansiedade era tão grande que nem esperou o troco e perdendo-se entre a leitura do papel com a sucessão do trono na Bavária, entrou na sala.

König

A saleta era impressionante, quase vinte caixões, uns grandes, outros menores, alguns de fato, bem pequenos, de crianças e bebês. Aquela imagem lhe causou arrepios. Como seria confortável ter Ricardo com ela agora.

Concentrada neste saudoso pensamento, quase derrubou a vela na sua frente. Dando um pequeno pulo para trás, deparou-se com o maior caixão de todos, protegido por uma cerca de ferro escuro, tal qual o próprio caixão.

Na parede, o brasão da Bavária, iluminado por um foco de luz direta. Francisca duvidava do que via. A vida já havia lhe ensinado que coincidência demais, sempre tinha alguma razão.

Sentiu como se fossem amigos, conhecidos de outras épocas. Afinal, agora, compartilhavam de um segredo. Alguém saberia de seus segredos? Temia por eles. Temia por ela. Que diferença faria ao

mundo a declaração de um herdeiro para um rei já sem reino? 2008 era o ano da verdade, talvez só isso importasse a Francisca. Uma verdade que fosse sua. Uma boa causa, se fosse justa melhor ainda. Qual justiça maior poderia haver que entregar ao verdadeiro herdeiro seu trono, sua história? Entregar a história ao seu dono? Devolver o passado roubado? Sentiu-se como no centro acadêmico da faculdade: revolucionaria e justiceira.

Ficou olhando a lápide pedindo que ela falasse com ela, tal qual seus processos falavam. Das folhas dos processos saíam verdades, mentiras, meios fatos que sempre ajudavam Francisca nas escolhas de suas teses.

Certa vez na condução de um processo de atentado violento ao pudor, onde a ex-mulher acusava o pai de seu filho de violentá-lo sexualmente, as mãos de Francisca suavam frio, ela

queria muito que seu cliente não fosse culpado, não por ela, pela criança.

Ela folheou o processo de ponta a ponta, fez várias entrevistas com seu cliente e depois ficava assistindo aos vídeos, em busca de qualquer coisa que pudesse usar no processo.

Numa tarde de muita chuva, dia final de seu prazo para apresentar sua defesa, o processo falou com ela. Ao ler o depoimento da criança, a frase: “ele punha a mão no meu bumbum...” repetida por diversas vezes e utilizada com maestria e cinismo pelo Promotor, chamou a atenção dela.

Relendo o contexto do depoimento da criança, parecia que ela se referia a um tapa. É isso! Ao dar uma palmada no menino, o pai, de alguma forma, põe a mão no bumbum da criança. Suas esperanças aumentaram e ela teve coragem de solicitar um novo

depoimento da criança junto à psicóloga, na frente do pai e do Juiz.

Na audiência estavam todos muito tensos. Quando a criança entrou na sala e sorriu ao ver o pai, correndo em sua direção e dizendo estar com muitas saudades, ela estava certa de que estavam no caminho correto.

No final do depoimento o sentimento dela foi comprovado. O pai saiu livre, a criança mais livre por não perder o pai de forma tão cruel. O que mais comoveu Francisca foi o comportamento da mãe. Acostumada a ex-mulheres raivosas e vingativas, a mulher olhava para o ex-marido com piedade e arrependimento. Ao ouvir o depoimento da criança chorou copiosamente de medo da injustiça que poderia cometer. Na saída, após retirarem as algemas do ex-marido, o beijo na testa confirmou

para Francisca o tipo de pessoa que Valéria era e daí a amizade dos três existe até hoje.

Afastou aquelas lembranças que trariam outras tantas, os papéis de seus processos falavam com ela, loucura? Talvez falem com todos. Francisca sabia ouvir, talvez nem todos saibam e talvez, só talvez, essa seja a grande diferença das pessoas.

Ela precisava de um desses sinais, alguma coisa, uma direção, um nome? Conhecer um pouco mais de história, enfim, qualquer migalha de ajuda. Mais que uma migalha... Tirou com o celular muitas fotos do local.

Com muito carinho e respeito, colocou sobre o túmulo a palma da mão direita e fez uma oração, ao seu jeito, ao seu Deus, em nome de seu novo amigo, o König da Baviera.

Na beira do túmulo havia uma rosa vermelha bem fresca e uma pequena flor, muito cheirosa, de

um rosa mesclado de branco do lado oposto. Quem as teria colocado?

Precisava deixar algo seu para o Rei. Retirou a fivela dourada de seu cabelo, liberando a rebelde e longa franja sobre os olhos e a pousou na beirada da tumba, queria que o rei tivesse algo dela, em troca da preciosidade que ela tinha dele.

Quando começou a se afastar, ao dar três passos para trás, sentiu o chão solto, a reforma, enfim era bem-vinda, percebeu que o ladrilho que estava solto, tinha por baixo um buraco, afastando a peça com o pé, viu que o piso escondia um pequeno espelho, que refletia a imagem de São Miguel que era visível pelo buraco do teto, que saía no chão do altar. E a imagem olhava diretamente para o espelho.

Ela saiu dali em direção ao altar, subindo as escadas com pressa, tropeçou no penúltimo degrau, sendo amparada por um jovem japonês.

Subiu no altar com o desrespeito de quem não é católica e olhou pelo buraco no piso diretamente no espelho e se inclinando na ponta dos pés para alcançar o mesmo ângulo da imagem, viu que o reflexo era o do caixão de Ludovico.

A luta do arcanjo Miguel foi com o demônio, a de Luis II também. Cada um tem uma espécie de diabo que deve enfrentar durante a vida, sorte dos que os reconhecem e maior sorte ainda tem os que conseguem derrotá-lo. Miguel conseguiu. Luis II foi derrotado.

Francisca quase morreu de susto quando foi cutucada nas costas. Virou-se com um grito seco e viu o senhor da entrada das criptas, estendendo a mão com seu troco. Ela colocou as mãos sobre a dele, e sorrindo, respondeu em bom português:

– Por favor, compre flores para o Rei Ludovico. Sem saber se ele entendera, ela saiu, dando as costas para o altar.

Sem nenhuma nova ideia, permaneceu com a ideia de que precisava ir a Portugal, buscar a tal ordem ou qualquer informação na cidade de Joseph.

O que diria a Ricardo? Agradeceu por Portugal fazer parte da comunidade europeia, voltou ao hotel em passos apressados, não fechou sua estadia no hotel, avisando que passaria uns dois dias em BadenBaden, pedindo que mantivessem suas coisas por lá. Estava dentro do táxi, quando lendo o mesmo guia de bolso, viu que o rei Luis II havia construído outro castelo na mesma época e a seguinte informação do folheto, em espanhol a deixou curiosa:

König

“En la ceremonia de colocación de la primera piedra celebrada el 5 de septiembre de 1869, y siguiendo la tradición de Luis I, se depositaron retratos del promotor de la obra y monedas de su época de gobierno.”

Luis II colocou algo mais embaixo daquela pedra? A curiosidade quase consumiu Francisca, que teria que se contentar com o que sabia até então, pois remover o Castelo atrás do que foi depositado era impossível. Comentou com o motorista acerca das coisas lá depositadas e por ele foi informada de que o Castelo valia a visita. Era uma obra-prima, com salas dedicadas a Richard Wagner, compositor muito admirado pelo rei.

– Vamos lá, então. Ela disse.

Fazendo o primeiro retorno, dirigiram-se até o Castelo de Neuschwanstein, no caminho o motorista

König

contou que: *“O Schloss Neuschwanstein foi construído na segunda metade do século XIX, perto das cidades de Hohenschwangau e Fussen, no sudoeste da Baviera, na fronteira com a Áustria, inspirado na obra de seu amigo e protegido, o grande compositor Richard Wagner. A arquitetura do castelo possui um estilo fantástico, o qual serviu de inspiração ao “castelo da Cinderela”, símbolo da Disney. O nome Neuschwanstein significa “novo cisne de pedra”, uma referência ao “cavaleiro do Cisne”, Lohengrin, da ópera com o mesmo nome.”*

Continuou, o talvez mais culto taxista de Munique, gabando-se que conhecia aquela história como ninguém e a havia escrito na Wikipedia : “ A ópera acima conta a história de Lohengrin, o qual aparece para defender a princesa Elsa da falsa acusação de ter matado seu irmão mais novo, que na realidade está vivo e reaparece no final do espetáculo. De acordo com a interpretação de

Wagner, o Santo Graal fornece ao Cavaleiro do Cisne poderes místicos que só podem ser mantidos se sua natureza permanecer em segredo, justificando o perigo da quebra do tabu da pergunta sobre seu nome e sua origem.”

Enquanto ouvia a narrativa percebeu que o celular vibrava, quando viu o nome de Suzana ficou muito preocupada, afinal era quase madrugada no Brasil.

– Alô, Suzana, o que foi, tudo bem? Disse desconfiada da resposta.

– Dra. É o Sr. Alan. A esposa dele ligou dizendo que nem os policiais o encontram, ela percorreu a delegacia local, a seccional e ninguém sabe dele. Já tentei junto a Dra. Sandra e ela também não conseguiu localizar ninguém que pudesse ajudar, por isso liguei.

– Tudo bem. Fez bem. Transfira a ligação para o celular do Dr. Sérgio.

Após alguns toques a voz rouca e sonolenta do outro lado lhe saudou com um sonoro bom-dia, seguido de um você não sabe que horas são?

– Sérgio, desculpe. Acontece que a Suzana acabou de me ligar contando que o Alan sumiu. A polícia não o encontra em lugar algum.

Alan havia participado do primeiro governo democrático do Brasil depois de anos de ditadura. Foi Ministro de um governo que acabou com a renúncia do Presidente que tentava evitar sua cassação, naqueles dias, muitas histórias foram contadas, umas comprovadas outras para sempre serão lendas.

Com relação ao Alan muitas dúvidas sobraram, homem da confiança irrestrita do Presidente, o acompanhou na subida e na descida, sendo que quando atingiram o fim do poço foi deixado de lado por quem protegeu o tempo todo. Acabou foragido e réu em mais de 50 processos sob todo tipo de acusação, de corrupção e participação em homicídio.

Quase vinte anos depois todos os processos estavam encerrados, entretanto, muitos de seus inimigos estavam vivos e pior, no poder. O mais preocupante eram os que estavam na sombra do poder. O que ele sabia, só ele sabia, ninguém mais. E toda essa sabedoria era uma espada sobre a sua cabeça. É claro que ele havia tomado certas precauções quanto a deixar a informação gravada em várias mídias, o que não impedia do medo da morte

ser seu diário companheiro. Este era o demônio de Alan.

– Como assim sumiu? Espantou-se Sérgio.

– A Denise ligou para o telefone de emergência do escritório e a Suzana atendeu. O resto todos sabemos a mesma coisa: nada!

– Francisca, disse o Ministro, é melhor você voltar imediatamente, meu instinto diz que o aconteceu não é nada bom. Pode envolver a segurança do Presidente. Preciso de você.

– Voltar? Tudo bem. Se for necessário pego o primeiro voo para o Brasil e... Interrompendo a fala dela, o Ministro lhe disse:

– O jato do Ministério está na base francesa e pouso em Munique daqui a 4 horas, esteja no Aeroporto no setor de embarque das autoridades, vou dar alguns

telefonemas. Boa viagem. Fran, o que ele sabe em mãos erradas pode abalar a segurança nacional.

Voltar agora não estava nos planos de Francisca, mas ela pediu que o motorista retornasse ao Hotel Kempinski, o castelo ficaria para depois. Ricardo não poderia ser o último a saber de seu retorno, então telefonou para ele, o celular somente atendia na caixa postal. Ligou então a sua secretária e deixou o recado.

De repente um sorriso invadiu a alma de Francisca, lembrou que veria suas filhas, de quem sentia muitas saudades.

O sorriso virou lágrima saudosa. Ela arrumou as coisas, tomou um quente e rápido banho e colocou a carta dentro da bolsinha em que carregava os euros de maior valor. Pronto.

Tocou o telefone e sua alma alegrou-se uma vez mais, era Ricardo. Ela suspirou ao reconhecer o número e atendeu ao telefone:

– Amor, você nem imagina o que aconteceu.

A história foi contada tão rapidamente que Ricardo fazia um enorme esforço para entender o que ela dizia. No final, ele apenas disse:

– Que merda. Isso não é nada bom, Fran, tenha muito cuidado. Haviam me liberado no final de semana e estou sentindo tanto a tua falta... Poderia ir com você se tivéssemos certeza do retorno na segunda pela manhã.

– Eu sei. Você também me faz falta. Não podemos prever a volta. É o Alan, a Denise, o Sérgio, a estabilidade de nosso país... Não posso pensar em nós agora. Volto o mais rapidamente possível, disse ela, torcendo para ser verdade.

– Então, boa viagem. Beije nossas florzinhas, ok? E não esqueça de dar notícias. Fran, não esqueça que te amo e cuidado.

Cuidado. Era uma palavra que inspirava terror em Francisca. Cuidar de si, da família, dos funcionários, de sua mãe, de suas irmãs, dos seus clientes... Era muita responsabilidade!

Alguém bateu à porta e ela abriu sem pensar, era o carregador. A partir daquele momento teria que ligar todos os seus alertas e estar preparada para tudo, afinal já fazia mais de 30 horas e nenhuma notícia do Alan.

Ela resolveu ligar para a Denise, que entre soluços e muito silêncio lhe agradeceu por voltar. Disse que eram 05h15 e o Alan tinha saído para caminhar como fazia todas as manhãs.

Ela sentiu um arrepio quando ele passou a mão pelo seu pé e pediu que ficasse, dando um beijo na sua testa, ele a tranquilizou, falando:

– Volte aos teus sonhos. Tá tudo bem.

Denise então parou a narrativa e gritou:

– Eu não devia ter deixado ele sair! Fran, eu senti que aquele arrepio era de adeus, foi igualzinho ao que senti no dia em que meu pai morreu.

– Dê, calma, você não podia fazer nada. Ninguém podia.

Fique firme, ele precisa da sua força e eu também.

– Está bem. Até mais... e Fran?

– Fala, querida.

– Você se lembra de como se reza?

– Claro que sim, embora não tenha fé, tenho minha espécie de crença, tenho filhos, lembra?

– Acho que teremos que rezar.

– Até mais e se isso te tranquiliza, fique com Deus.

König

Toda aquela conversa de reza a fez lembrar da Igreja de São Miguel e das pistas do Rei Ludovico. Este pedaço da história teria que esperar. O presente era mais forte que o passado e não podia ser ignorado.

O carro que a levou para o aeroporto quase voava, carros alemães normalmente voam... O celular tocou de novo e era sua mãe já sabendo de sua volta. Dna. Tereza e a esposa do Sérgio eram grandes amigas. Quando soube do Alan ficou com medo por Francisca.

– Mamãe, tudo bem. Quanto a mim sou mais útil viva e na minha vida. Não se preocupe. E as crianças? Perguntou.

– Estão ótimas! Ficarão felizes em te ver, venha jantar em casa. Disse Dna. Tereza com suadades e temor

– Jantar? Tomara. Farei todo o possível. Falamos depois. Beijos. Disse Francisca, desligando ao telefone.

Viu um homem muito bonito vindo em sua direção,
chegou a corar. E ele, com os olhos fixos nela, falou:

– Dra. Francisca?

– Sim?

– Sou Douglas Souza, vim a pedido do Dr. Sérgio. A senhora está pronta? Podemos ir?

– Sim, é claro.

Ele pegou a sua bagagem que se resumia a uma mala pequena de mão e seu casaco que, aquela hora do dia, não lhe era útil.

– Quanto tempo de voo, ela perguntou?

– 12 horas.

Seguiram em passos rápidos até uma entrada lateral do aeroporto e ela viu na sua frente um avião do exército com a bandeira e o brasão brasileiros estampados na lataria. Logo lhe veio a imagem daquelas aeronaves de guerra onde os soldados sentavam no chão e a temperatura era absolutamente desregulada devido à péssima vedação da cabine.

Quando entrou a surpresa foi agradável. Nada de bancos desconfortáveis e o chão como destino. A decoração era clara, toda em tons de bege, com o Brasão da Republica nos carpetes, nas paredes e no encosto das oito poltronas, que eram amplas, novas e o melhor: estavam vazias.

Francisca escolheu a janela do lado direito e assim que levantaram voo ela abaixou o encosto,

levantou os pés e dormiu pelas próximas 12 horas. Acordou com o Comandante Souza pedindo que arrumasse a cadeira porque iriam pousar.

Foi mais rápido que qualquer outro voo que tivesse feito na vida. Estava pronta para o dia que teria pela frente. Mal desceu da aeronave, já foi interceptada por outro enviado do Ministro. Seguiu com ele até a Esplanada. Subiu direto pelo elevador privativo e quando a porta abriu, lá estava ele ...

Alan, conversando com Sérgio. Pasma, meio com raiva da cara alegre deles, foi logo perguntando:

– O que está acontecendo aqui? A Denise sabe desta trama?

– Calma, Fran, disse Sérgio com a ausência de tensão digna do político que ele era. O Alan deu uma sorte do cacete. Lembra do Branquinho?

– Claro que sim.

– Pois é, ele fazia parte da turma que foi contratada para sumir com o Alan e ...

Alan não aguentou ficar calado e parado. Pulou nos braços da amiga, da advogada, da companheira de ideais, passeatas, reuniões secretas, noites de discussão e bebidas:

– Fran, obrigado. Você veio.

– Até rezei por você! Disse já relaxada e abraçada ao amigo.

– Fran, quando vi o Branquinho ele piscou para mim e eu soube que tudo daria certo. Saí para caminhar como sempre, e na primeira virada uma Blazer preta fechou na minha frente. O segurança da casa da esquina tentou atirar quando viu que era um sequestro, não acertou nada e eles fugiram comigo. Disseram que o dia tinha chegado. Quando o carro

parou, o tal do filme tinha passado de novo. Eu só pensava na Dê e no quanto ele me pediu para não sair naquela manhã.

Me jogaram no chão e quando olhei estava cara-a-cara com o Branquinho! Quase beijei a boca dele. Ele aceitou o serviço só para me libertar.

– E onde ele está agora?

– Sendo interrogado pelo pessoal do Sérgio.
Respondeu Alan.

Sérgio ligou a tela em frente a sua mesa e pudemos todos ouvir o depoimento do Branquinho:

– Então, eu vivo destes serviços especiais, sabe? Cobrança, marido infiel, mulher vagabunda, avisos... Fui procurado por serviço que era pegar um granfino e jogar na Serra da Cantareira. Quando soube que era o Alan, aceitei na hora.

Era o único jeito de proteger o cara. Fiz tudo como mandaram, com exceção de apagar o chapa.

– Mandaram? Quem?

– Tu sabe por que estou vivo até hoje? De cabelo branco?

Porque nunca sei quem me contrata. Agora fala aí, como vão proteger o Alan? Ele tem que sumir... Pro bem do negão aqui e pro bem dele também.

O Sérgio abriu a porta nos deixando ver que a sala do interrogatório era logo atrás da sua. Continuamos vendo pelo monitor.

Branquinho passou a fazer parte do programa de proteção a testemunha, junto com Alan e Denise que ganharam identidade nova e um novo endereço no Uruguai. Todos ali sabiam que aquilo duraria

pouco. O Branquinho porque não tinha vocação para a vida fácil e o Alan porque era alucinado pelo perigo.

Ambos se conheceram nos corredores do DOPS, foram presos políticos. O Alan, filho da burguesia, e o Branquinho, filho da mãe, sem pai. Apanharam juntos por 2 meses.

Quando saíram cada um foi para um lado da rua, ambos com a mente no mesmo pensamento: aquilo tinha que mudar.

Optaram por facções absolutamente diferentes, ambas criminosas, ambas perigosas, ambas aprisionaram os dois. Um foi para o governo, o outro para o poder paralelo.

Os dois experimentaram o poder e se machucaram muito por isso. Agora os dois eram testemunhas vivas de um período não muito patriótico do Brasil.

Branquinho disse que ouviu muitas vezes as palavras “calar o panaca”. O que dificultava a identificação do sequestrador porque muita gente queria calar o Alan.

Quando ele disse essa frase: “calar o panaca...” Francisca lembrou da frase célebre: o canalha do Carlos Leão, o maior doleiro da época áurea do mercado paralelo de moedas e dos títulos ao portador. Carlos montou uma estrutura invejável, tinha mais de 30 pontos de troca de moedas, sem se importar para quem comercializava ou de quem recebia.

Se dizia democrático, na verdade, era sem princípios. Tinha os seus próprios limites que eram praticamente inexistentes.

Alto, pele queimada de sol, sempre em forma, tinha vida farta de mulheres e foi uma das suas mulheres que acabou com ele. Quando viu que não

era a única denunciou o seu esquema à Polícia Federal, foi alvo de investigação profunda, verdadeira devassa foi feita e esta mulher, embora fútil, era muito esperta e guardou o maior segredo de todos para si e para seu namorado na época: o Alan.

Foi ele quem a encorajou a denunciar e quem a apoiou nos momentos de crise. Logo depois se tornaram amantes e ele estava com ela quando foi assassinada. Temendo pela própria segurança deixou que todos soubessem que o que sabia morreria com ele, mas se algo lhe acontecesse todos saberiam do que sabia. O que teria mudado? Por que o medo da descoberta da verdade não era mais temido por Leão? Ela gritou o nome dele:

– Carlos Leão. Aposto que foi ele.

–Você está muito desatualizada. O Leão foi assassinado faz 15 dias... Sérgio parou e coçando

queixo como costumava fazer desde os tempos da escola disse:

– Foi o mesmo cara que matou Leão. Ele quer que a história toda se espalhe.

– Claro, faz todo sentido. Como anda o inquérito do contrabando de armas? Francisca resumiu a história para que Alan pudesse entender: O caso do contrabando de armas envolvia mais de 5 países, três continentes, Ministério Público e da Justiça de vários outros países e permanecia um mistério que envolvia muito dinheiro, envios de dólares ao exterior, contrabando, tráfico de drogas e, claro, homicídio. Ela mesma havia feito a defesa de um empresário envolvido no esquema. Ele era proprietário de uma indústria de medicamentos e usava o Leão para fazer remessas a sua conta no exterior e estas remessas funcionam mais ou menos assim, você deposita o seu dinheiro numa conta indicada pelo doleiro e alguém

deposita na sua conta do exterior. Surgem aí dois problemas: de quem é a conta em que você faz os depósitos e quem é que faz depósitos na sua conta.

No caso do cliente de Francisca, um dos maiores traficantes de armas para os países instáveis da África era quem fazia os depósitos. Como explicar que seu único crime era o de evasão de divisas e sonegação fiscal? Crimes que diante dos que era acusado se tornavam suaves... O nome dele era Rubens.

Quando o Dr. Rubens viu o nome de seu banco envolvido na trama já ficou preocupado, vindo o desespero em seguida, com a informação do seu gerente que dados da sua conta haviam sido solicitados. Por regra do Banco Central das Bahamas, os dados do correntista são protegidos, mas toda a rede de depósitos, saques e transferência não. Assim

chegaram ao seu filho que acabara de casar com uma das socialites mais conhecidas da Bahia.

Com filho ninguém mexe. Dr. Rubens chegou o escritório de Francisca com os documentos, o pagamento e seus medos. Na verdade nada existia contra ele. Ele queria que existisse para que deixasse de existir contra seu filho. Contou a ela que o menino havia feito medicina, não quis os negócios do pai, era de outra massa, dizia, nunca tinha passado as suas dificuldades, era culto, viajado, estudado e agora bem casado.

Era preciso esclarecer a situação. Os jornais durante um mês deram os passos da investigação e a cada notícia, vinha um telefonema cada vez mais aflito.

Sua tese de defesa foi absolutamente ignorada por ele. Quis a indicação de um advogado especializado no exterior. Francisca indicou um

grande amigo, Bernardo Itti, especialista em lavagem de dinheiro, evasão de divisas e direito bancário, não tinha ninguém melhor para orientar e resolver os problemas dele. A indicação dela foi aceita e foram a Santiago, no Chile, onde ficava uma das filiais de seu escritório e na sala de reuniões mais elegante que Francisca já viu, com janelas decoradas pelos Andes, ouviu o maior absurdo de sua vida, Dr. Rubens queria falar com o Procurador que cuidava do caso.

– Como assim, espantou-se Bernardo?

Francisca não pôde falar, o que para ela era uma raridade.

– Doutor veja bem, disse Rubens, se ele me vir, ouvir a minha história, entender do meu negócio, não vai permitir que essa investigação prossiga contra o meu filho. Preciso contar que minha intenção era

preservar o meu patrimônio, nada mais. Falar a ele do Brasil, do confisco que vivemos, da instabilidade da moeda. Não sou bandido, não sou perigoso. Quero falar com o Promotor.

– Sr. Rubens, tentou argumentar Bernardo, não é bem assim que as coisas funcionam. Primeiro que para ser recebido você terá que se identificar e no processo você sequer aparece!

– Eu não, mas meu filho sim e isso não pode acontecer.

Foi presente de casamento o dinheiro que mandei. Queria que ele fizesse bonito com sua mulher nova, que não ficasse por baixo, que pudesse falar de igual para igual. Dr. Bernardo, catei lixo na rua, fiquei dias sem comer, não fui ético muitas vezes, roubei, blefei, alterei pesos e fórmulas, falsifiquei produtos, nomes, não fui bom marido, mas pai, sempre foi a única coisa da qual me

orgulhei na integridade, por inteiro. Era impecável. Preciso manter esta única qualidade. É o que me mantém vivo, com coragem de olhar para o espelho todas as manhãs: meus filhos. Preciso protegê-los, sempre o fiz e agora a proteção é de mim mesmo.

– Fran, o que você acha? Perguntou Bernardo.

– Loucura, insanidade jurídica. Sou veementemente contra.

– Eu vou de qualquer jeito. Com vocês ou sozinho.

Disse com uma firmeza fria Sr. Rubens.

– Vamos com você, disse Bernardo, para total espanto de Francisca, que respondeu:

– Vamos? Como assim?

– Vamos, eu, você, o Sr. Rubens e a esposa dele. Ele disse ser casado, não é? Pega bem mostrar o lado família. Não é esse o objetivo?

Na mesma hora não permitindo qualquer espécie de contestação e aproveitando o espanto de todos, chamou sua secretária, pediu que agendasse com o Procurador, reservasse os voos e os hotéis e mandasse a conta ao Sr. Rubens, alertando que somente receberia em dinheiro. Em euro, um dia antes da partida.

– Perfeito, disse sorrindo Dr. Rubens. Agora quanto a minha esposa ela é muito nervosa, sofre de pressão alta, é cardíaca... É dona de casa. Não está acostumada com nada disso. Não imagina o que faço. Pensa que meu negócio prosperou por conta própria, só pelo meu “talento”. Levá-la significa contar a verdade a ela, dizer o que fiz, quem eu sou... Este era o demônio dele. Ser quem ele era. Foi interrompido por Bernardo:

– Com ela ou nada feito.

– Ok, espero a data. Respondeu o homem.

Enquanto Dr. Rubens ia para casa, com uma dor inexplicável no peito, Francisca duelava com Bernardo:

– Você enlouqueceu? Qual a chance disso dar certo? Entregar alguém que sequer é parte? É regra contrária ao bom direito. Você somente fez isso pelos honorários, não foi? Mercenário!

– Fran, pode dar certo. O Procurador é o Dr. Jean Servi e ele é bem razoável. Lembra da bomba perto do lago? Do jovem que morreu? Era filho dele. Você lembra o que ele fez no dia do julgamento? Sua reação naquela audiência fez com que ficasse afastado por dois anos da promotoria e a história do Dr. Rubens, certamente, mexeria com ele.

- É para o bem ou para mal...
- Só descobriremos indo, não é mesmo?

Aquele brilho nos olhos dele deixou Francisca apavorada e excitada como uma adolescente. Seu desejo era chegar à idade do Bernardo com o mesmo brilho no olhar. Ela chegaria...

Rubens chegou em casa. Helena abriu a porta sorridente, tímida, acariciando suas costas e fazendo com que ele tivesse coragem de entrar. Sentaram no sofá e ela estava levantando para pegar o uísque do marido, quando ele a segurou pela mão. Pela primeira vez em anos, ela olhou e viu o marido. O achou velho, muito velho... Trinta anos de casamento e o amor dela por ele era tão forte que nem havia reparado que ele estava quase careca, com o rosto enrugado, os olhos cansados, sem brilho. Sofreu por ver seu companheiro tão triste.

König

Como mulher antiga, não perguntou nada, apertou a mão dele mais forte e ele a fez sentar novamente.

Olhando nos olhos de Helena ele começou a chorar. Fora o dia em que sua mãe morrera ela não o vira chorar nenhuma outra vez, nem quando nasceram os filhos. Apavorada, levantou o queixo de seu marido e disse as seguintes palavras, com muita doçura e sinceridade:

– Seja o que for, lembre-se que estou com você.

Ele contou tudo, cada detalhe dos negócios e das negociatas. Vomitou o passado ali mesmo, sem poupar nada. Depois de contar toda a história, ele havia ficado menor, aos seus olhos, aos olhos de sua Helena, maior! Quanto sacrifício por amor. Quantas noites em claro, se culpando pelo que fizera, quanta

luta para dar a família o que nunca tivera, Helena o amou mais por isso.

– Quando vamos? Foi sua única pergunta.

– O advogado está marcando a audiência. Será breve. Prepare-se, foi a resposta dele.

Olhando nos olhos do seu marido e apertando suas mãos com suavidade, ela disse:

– Estou pronta.

Algumas semanas após, o dia chegou. Foram todos de primeira classe. O silêncio imperava na viagem sem fim. Dr. Rubens foi instruído a falar e Helena a ouvir. Chegaram no hotel, trocaram a roupa, tentaram almoçar, com exceção de Bernardo,

ninguém conseguiu, repetiram o expresso três vezes após o almoço e saíram.

Na entrada do prédio da Promotoria, a segurança era intensa. Homens para um lado, mulheres para outro, Francisca tentou fazer com que o Dr. Rubens acreditasse que Helena ficaria bem. Ele envelheceu mais cinco anos naquela hora.

Ela não precisava passar por isso! Respirou fundo e entraram, cada um por uma porta. Depois passaram por um detector de metais, por um de líquidos, pelo Transpor® – aparelho que olha por baixo das roupas e por dentro do corpo.

Os guardas sempre sisudos, condoeram-se com a agonia de Helena, seu coração, exposto na tela do monitor, batia tão acelerado que temeram pela saúde dela. Entretanto, ela ficaria bem. O terço que tinha entre os dedos, o amor que carregava no corpo e a fé da sua alma, fariam com que ela ficasse bem.

Continuaram pelo corredor, cercado de alarmes e câmeras de vigilância e guardas e grades, muitas portas, nenhuma janela. Helena que tinha um pouco de claustrofobia evitou olhar para os lados, seguiu firme, em frente, ansiosa por ver seu Rubens novamente. Enfim, chegaram a uma sala cor de laranja, mármore alaranjado no chão e nas paredes.

Foram orientadas a esperar no centro da sala, em pé. Pediram que abrissem as mãos e os dedos. Sobre elas desceu do teto uma cápsula. A luz foi apagada e se acendeu sobre a cabeça delas uma luz fluorescente. Ali, mais uma vez foram inspecionadas por um novo modelo do Transpor[®], como nada as impedia, seguiram para o próximo salão, uma sala de paredes de madeira escura e piso de granito verde também escuro, embora do teto pendessem cinco enormes lustres. Foram, então, submetidas a uma última verificação com luz negra para que fosse

verificado se possuíam alguma substância perigosa na pele.

Limpas, seguiram finalmente a mais simples das salas, piso claro, parede branca, cadeiras de linha retas e uma única mesa no centro da sala. Logo chegaram Bernardo, Rubens e um guarda. Em seguida o elegante Promotor.

– Pois não? Foram suas palavras e sem emendar uma boa tarde, perguntou:

– Em que posso ajudá-los?

– Doutor, trago aqui um homem aflito, o qual carrega uma história única, romance desenhado pelo melhor dos romancistas: o destino. Ele lutou contra minha colega Francisca, contra mim, contra meus instintos e praticamente me forçou a esta viagem. Queria falar-lhe.

Bernardo e seu rebuscamento, pensou Francisca, com um sorriso no canto dos olhos. Dirigindo-se diretamente ao cliente deles perguntou:

- Sr. Rubens, não é mesmo? Em que posso ajudá-lo?
- Ouça-me. Apenas deixe que lhe conte minha história.
- Se for breve. Se for interessante. Se eu achar verídica... Prossiga.

Dr. Rubens então relatou ao Promotor o que todos naquela sala já sabiam. A riqueza dos detalhes fez com que Dr. Jean prestasse muita atenção, às vezes tomava nota de alguma coisa. Ele prosseguiu pelo tempo em que foi necessário.

Contou a história toda. Helena estava com os olhos cheios d'água e segurava cada vez com mais força seu tercinho. O Promotor, com os olhos

parados no papel no qual fizera as anotações. A história acabou e o eco do silêncio incomodou a todos. Foi quebrado pelo Promotor:

– Ouvi, anotei, pensarei. Bom retorno aos senhores. Ele ligou na portaria questionando se tinham o nome do seu visitante e seu endereço, diante do sim e olhando para Helena, disse:

– Até logo senhora. Olhando para Fran, disse:

– Foi um prazer conhecê-la.

Saiu ignorando o Sr. Rubens e Bernardo. Francisca chegou a ver alguma compaixão nos olhos dele, que saiu no mesmo ritmo e com mesmo andar em que entrou. No papel sobre a mesa a palavra “culpado” em inglês aparecia. A ignorância salvou Dr. Rubens do desespero. Bernardo pegou o papel e

mostrou a Francisca que não foi salva pela ignorância. Saíram da sala, cada um com suas conclusões. Bernardo e Francisca certos da condenação; Dr. Rubens, certo de que o convencera. Helena, simplesmente, espantada com a coragem do marido.

A reunião no hotel foi muito difícil. Dr. Rubens não aceitava veredito dos advogados acerca da audiência. Pegaram o próximo voo para o Brasil. Bernardo iria para a França e Francisca para Holanda, encontrar Ricardo. Ali no aeroporto seguiram seus destinos, sem saber o final que aquele caso teria, por pouco tempo...

Ao chegar ao Brasil o motorista os esperava, foram para casa. Dias depois, a intimação que tanto temeram. A Promotoria havia enviado as declarações do Dr. Rubens à justiça brasileira e ele seria indiciado. Sua reação foi de alegria incontida: havia

livrado seu filho! O que ele ainda não sabia é que na sua história entregou o que restara do esquema de Leão...

O maldito doleiro matou Dna. Helena e os quatro filhos do Dr. Rubens, no mesmo dia, da mesma forma e fez questão de que soubessem que foi ele que ordenara o massacre.

– Muito bem, daqui continuo eu. Disse Sérgio.

– Rubens, a partir daquele dia, não tinha mais o que perder. Soube esperar. Há 15 dias, enfim, matou Leão e jurou que faria tudo para que ele ficasse desmoralizado, que não sobrasse nada aos seus filhos. Na tortura Leão falou de Alan como guardião de seus segredos e o círculo ficou completo. Quando Francisca entendeu a história pegou o celular na mesma hora e ligou para o Bernardo. Ele sugeriu que ela fizesse o que ele faria: ficasse de fora deste

assunto. Ela por enquanto obedeceu. Se ligasse para o Dr. Rubens ele saberia que Alan estava vivo e isso não seria bom para ninguém.

Colocou a mão na bolsa que trazia junto ao corpo e lembrou-se da carta, lembrou do filho de Ludovico e lembrou-se de suas filhas. Lembrou de sua mãe e do jantar. Disse adeus a todos e foi correndo para o aeroporto para pegar o primeiro voo para São Paulo.



o abrir a porta, o cheiro da comida da Tina – cozinheira de sua mãe há mais de 30 anos – fez com que relaxasse. O grito das crianças a tirou do mundo real e ela então permitiu se entregar àquele momento.

Abraçou as crianças, respirando o cheiro delas, cheiro de inocência. Como era bom tê-las assim, nos braços, quase imóveis, em êxtase!

Crianças devem, de fato, serem fadas, anjos, deusas. Seus corpos pequenos, tão intensos, tão cheios de amor, fizeram com que Francisca chorasse, deixando o rosto molhado, lágrimas sem razão, sem saber por que ou porque sabia que momentos assim, simples, deliciosos são muito raros. A raridade da paz, do aconchego da família são detalhes que não nos apercebemos no dia a dia, mas ao acontecerem fazem com que todo o ar ao redor fique embaçado, como que embebido. Magia do bem.

As crianças começaram a gritar ao mesmo tempo, pedindo que a mãe entregasse os presentes. Francisca teve que mentir, afirmando que era apenas uma visita e que os presentes estavam com o papai e ele os traria em breve.

O jantar, depois do longo banho, foi a melhor coisa nas últimas horas e ela valorizou cada instante daquele momento.

Estava com as meninas e uma ensaboava suas costas, enquanto a menor misturava todos os xampus da avó. Quando a pequena começou a atacar os cremes, Fran achou melhor sair do banho. Enrolou-se na toalha e enrolou cada uma das meninas igualmente. Retirou a maquiagem dos olhos. Achou que havia envelhecido nestes últimos dias. Aumentou de peso como se todas aquela história carregada pela pequena e velha carta pesasse uma tonelada. Várias toneladas.

Depois do delicioso jantar que Tina preparou – carne de panela com batatas, salada de endivia quente com queijo gorgonzola e de sobremesa Mousse de chocolate –, foram dormir, as quatro juntas, vovó, as crianças e Fran. A cama *king size* estava ficando pequena, elas estavam muito grandes!

Fran pensou que precisava arrumar mais tempo para ficar com elas. Seu eterno conflito. Sucesso como advogada, sentimento de fracasso como mãe, às vezes como mulher. As prioridades dela estavam confusas. Amava a família acima de tudo, mas era incapaz de rejeitar um bom caso... Amava sua profissão, amava a profissional que se tornara. Entretanto, aqueles corpinhos quentes ao lado do dela esquentavam sua alma. Teria o filho de Ludovico dormido com seus pais desta forma alguma vez? Soube que tinha pai?

Ela precisava continuar investigando. Amanhã, pensou Francisca, amanhã. Quando seus olhos estavam finalmente cedendo ao sono, seu celular tocou. Era Ricardo. Como foi bom ouvir a voz dele! Seu corpo relaxou na mesma hora. Ao mesmo tempo, agitou seus instintos.

– Que bom ouvir sua voz. Disse com carinho Ricardo.

– Adivinha quem dorme comigo? Provocou Francisca.

– As nossas florzinhas, é claro. Não são?

– Claro que sim, seu bobo. Quem mais? E com você quem dorme? Provocou Fran.

– Comigo? A saudade e o pânico. Você leu os jornais hoje? Fran a crise está ficando cada vez pior. Agora quase faliu a maior seguradora do mundo. Dá para acreditar?

– E o banco, como estão as coisas?

– Você sabe o quanto conservadores sempre fomos...

Com exceção dos últimos meses em que resolvemos acompanhar o movimento mundial e passamos a ser menos rigorosos, menos, por incrível que pareça, no Brasil onde o controle do Banco Central é efetivo e o governo intervem na economia.

O que os gurus entendiam como atraso, mostrou-se competência. Fran, mandaram o Paulo embora ontem e hoje foi a vez do Telles. Estou me sentindo como um garoto, confesso que com medo, no meu departamento sobramos eu e a Tânia. Por enquanto.

– Ah, querido, não se preocupe, você é o melhor e nas piores épocas é dos melhores que se precisa. São os últimos a serem descartados. Queria tanto que

você estivesse por perto. Posso passar por aí, o que você acha?

– Acho que seria ótimo. Quando você volta?

Questionou Ricardo com esperança.

– Amanhã. As crianças estão de viagem marcada e vou aproveitar a carona do avião do Sérgio, assim de Paris vou para Amsterdã.

– Perfeito. Te espero. Ele disse.

– Te amo. Amanhã falamos.

O sono que estava difícil ficou impossível. Pegou a carta e a tradução que havia levado consigo, desceu as escadas da casa de sua mãe, que agora lhe pareciam tão pequenas, e sentou-se na sala de estar. Abriu o notebook e achou estranho que seu anti-vírus estava bloqueando um programa desconhecido. Colocou o nome do programa na busca e descobriu tratar-se de um rastreador de IP.

König

A insônia virou pesadelo. Como chegaram nela? Seria apenas um hacker ou seriam as pessoas que mataram o religioso de Oberamengau? Ela imediatamente jogou o notebook no chão e a caixa abriu-se, ela então agradecendo o curso, até então, inútil de montagem de micros, arrancou o modem. Foi até a churrasqueira e o colocou no meio do carvão, jogou álcool em grande quantidade e colocou fogo, queimando todas as peças.

Quando sua mãe desceu, desperta pelo barulho no quintal, foi muito difícil explicar tudo aquilo, mas ela precisava protegê-los. Disse que eram documentos sigilosos e ela precisa dar um fim definitivo neles. Como boa mãe, Dona Tereza fingiu que acreditava, fez um chá para filha, a quem desistira de dar conselhos há tempos, e voltou para cama.

Na sala da Ordem o grito de Scheiße foi repetido várias vezes pelo jovem ruivo que estava sentado junto ao computador. O homem alto e de bigode saiu de sua sala envidraçada para ver o que aconteceu e se deparou com a tela do operador que dava a mensagem de dois segundos para localização do IP e depois a tela paralisada.

– Senhor era a última esperança. Não há registro deste IP em nossos sistemas de buscas, mas pelo prefixo é brasileiro.

– Brasileiro? Como assim? Você quer me dizer que toda esta confusão está sendo causada por um cidadão brasileiro?

– Cidadã, senhor, em minha opinião pelos últimos sites de acesso do IP só pode ser uma mulher, veja o histórico.

Dentro do histórico, de fato, cor-de-rosa, havia dois registros que se repetiam com certa frequência: o do programa de buscas e o do Banco APT. Sabemos três coisas disse o homem alto: é uma mulher, muito curiosa e correntista do APT.

- Temos acesso aos registros do banco?
- Vou tentar. Sorriu diante do desafio o ruivo de olhos esbugalhados.
- Acesse também o site deste escritório, Toledo, Barros e Minch, que se repete duas vezes, quem sabe aumentamos nossa chance.

O homem ruivo digitava com tanta rapidez que o teclado quase se desgrudava da mesa. Depois de algumas horas, entrou na sala do homem alto com uma listagem nas mãos.

König

– Senhor, já temos todos os correntistas, mas não conseguimos as nacionalidades. O sistema separou os de nome em português, mas não há nenhuma garantia de estar certo e são mais de cinco mil nomes... Mil mulheres. Está em ordem alfabética. Vou dormir um pouco, qualquer coisa me chame.

– Vá, vá. E com os olhos fixos naqueles nomes o homem ficou parado esperando que eles lhe dissessem alguma coisa.

Francisca horas depois ainda tremia. Ficou olhando as crianças dormindo e se questionando se não seria melhor queimar a carta também e esquecer tudo aquilo. Quem conhecia Francisca sabia que esta jamais seria sua escolha.

As crianças acordaram e ficaram muito felizes que ela estava lá. Tomaram o café da manhã juntas, com direito a panquecas e milk-shake. Prepararam as malas e contaram à mãe em êxtase que iriam passar o resto da semana na fazenda de sua tia. Francisca fingiu-se surpresa:

– Como assim? E eu?

A mais velha, muito marota, logo respondeu:

– Arrume as malas também e vá ficar com o papai.

Era exatamente isso que faria. Beijou as crianças além do carinho, na beira do desespero.

Como criminalista já havia ficado aterrorizada outras vezes, ameaçada outras tantas.

Desta vez era pior. Não sabia de onde vinha o perigo e pior se era do governo, de uma instituição poderosa ou de alguma agremiação de loucos. A última hipótese lhe fez mais sentido, afinal já haviam morrido três pessoas. Dona Tereza, ainda jovem apesar de seus 75 anos, entrou no quarto em que dormia a filha que arrumava suas coisas, depois da saída das crianças e lhe estendeu um par de tênis e um abrigo.

– Vamos caminhar.

Francisca sabia que não adiantava relutar. Quando Dona Tereza usava frases pequenas, as ordens eram inquestionáveis.

Mãe e filha juntas formavam um belo exemplo de gerações. Muito parecidas e absolutamente

diferentes. Eram mãe e filha. Francisca, a mais nova de três irmãs, sempre se entendeu melhor com o pai, por pura falta de tempo da mãe que era professora, depois diretora de escola e muito preocupada já com suas irmãs adolescentes. Francisca nasceu de repente, sem que ninguém planejasse.

Dona Tereza casara-se aos 17 anos e dois anos depois já era mãe de Lara e Maria Thereza. Treze anos depois, no auge da crise de seu casamento, veio Francisca. Daí a proximidade com o pai que mais velho – ele era 20 anos mais velho que sua mãe – nesta fase trabalhava menos e dava mais valor aos sentimentos. Viajava com ele. Era ele quem lhe contava as histórias antes de dormir. Seu confidente, sempre ria de seus temores. Foi a ele quem contou que estava namorando, que seria advogada. Pena que tenha morrido antes de conhecer Ricardo. Iria gostar muito dele, o acharia sábio por fazer com suas

filhas aos trinta, o que ele somente conseguiu aos 50. Seriam grandes amigos. Ficou com muitas saudades dele.

Lembrou-se de que pouco antes de morrer, quando descobriu o câncer, a chamou para jantar. Como isso não era incomum ela não estranhou. Encerrou a defesa que estava preparando, entrou em seu banheiro, arrumou os cabelos, os prendeu um pouco para trás formando um pequeno topete, reforçou o batom, na saída olhou para a foto da família, elas quatro e ele. Admirava o seu sorriso franco. Era um jogador.

Aplicava na bolsa e deu seus melhores anos para crises seguidas, para a inflação, para o sobe e desce do mercado, até que de uma vez só, fez uma operação tão bem-sucedida que ele e todos os clientes deste fundo não precisaram nunca mais fazer nada.

Francisca então olhando a foto teve muito orgulho de seu pai, ajeitou o taier e saiu.

Chegando ao restaurante paulista preferido dele, o Antiquarius nos Jardins, estranhou que ele não estivesse sentado na mesa cativa, na qual sentaram juntos nos últimos 20 anos, estava em outra mesa, no canto e com o copo de uísque ainda cheio. Ao olhar para ele, percebeu que estava envelhecido, embora fosse um quase setentão muito charmoso, achou que os anos estavam pesando para ele, seus olhos estavam cansados, com pequenas bolsas e olheiras. O canto de sua boca já estava vincado e seus cabelos, mais brancos que pretos, rareando nas têmporas. Era bonito, muitos achavam que eram um par quando chegavam juntos a algum lugar em que não os conheciam.

Ela se aproximou e sentiu um forte arrepio. As costas dele estavam arcadas. Ela nunca vira seus

ombros arqueados e estavam assim na hora daquele olhar. Lembrava de suas palavras como se fosse hoje. Lembrava dele todos os dias. Ele lhe disse:

– Senta Fran, depois de lhe dar um beijo úmido na bochecha direita e um abraço forte e desajeitado. Ela sentou e antes que dissesse qualquer coisa, colocando as mãos dela em concha dentro das suas, ele continuou:

– Estou com câncer. O médico disse que tenho um ano se fizer uma cirurgia para retirada de parte do intestino e de 2 a 3 meses com qualidade de vida se não fizer nada.

Fran, nada disse. Não conseguiu. Era como se o seu mundo tivesse parado de rodar e ela tivesse sido arremessada para fora dele. Quem ousava entrar na sua vida e arrasá-la desta maneira? Quem

esse câncer pensava que era para invadir o corpo do seu pai e levá-lo embora? O infarto não conseguira.

A úlcera tentara até aqueles dias, mas também foi vencida pelo seu modo mais zen de viver. Um acidente de automóvel inacreditável do qual ele saíra tal como fantasma de dentro do que restou do carro apenas lhe rendeu atraente cicatriz. Por que agora? Estavam tão bem... Ela sentiu imensa raiva. Teve raiva de todos aqueles que acreditavam em algum Deus, porque ela, mesmo não acreditando, se sentia, até então, protegida e abençoada por ele. Começou a chorar.

Seu pai então se levantou e abraçando a filha, chorou baixinho com ela e disse:

– Tem mais uma coisa. Às favas com os bons modos!

Sou velho e doente terminal. Que me perdoem os justos e equilibrados. Você é a pessoa que mais amo no mundo e, Fran, você não é minha filha!

Aquele dia estava ficando insuportável, o que ele estava dizendo? Seu pai, vendo o nervosismo em seus olhos embaçados pelas recentes lágrimas, pousou sua mão sobre a dela e continuou o homem que ela amava como nunca amaria mais nenhum outro:

– Sua mãe e eu estávamos em profunda crise quando ela engravidou de você. Percebi que existia alguma coisa errada quando ela começou a me procurar na cama de novo. Fazia quase um ano que mantínhamos apenas as aparências, não éramos mais um casal, no máximo uma dupla. Uma dupla que se desentendia com certa frequência e que em nome de

bens maiores continuam caminhando na mesma direção.

O monólogo impossível continuava, com um leve e constante aumento da pressão das mãos dele sobre as mãos dela. O cheiro da vela sobre a mesa do restaurante misturado ao perfume das pessoas e a história que ela estava ouvindo, começaram a provocar náuseas em Francisca e ela forçou concentrar-se nas palavras dele:

– O amor era raro, havia momentos em que ele nos rondava, mas sempre com lembranças do passado, não havia futuro e o presente era um fardo. De repente Tereza começou a me procurar de novo, fazia os pratos que eu gostava, fazia amor como eu gostava e com uma frequência de adolescente. No principio passei a achar bom e me acomodei, passei a

amá-la novamente, você sabe, é muito fácil amar Tereza.

Nesse momento a voz dele ficou muito embargada e somente depois de um novo gole de sua bebida ele continuou:

– Logo no mês seguinte ela não podia mais disfarçar a barriga e os enjoos, então armou um jantar em família e contou a novidade. Estava grávida!

– Fran, não sou um cretino, na mesma hora em que ela fez esta declaração eu entendi tudo. O bebê não era meu. Quando você nasceu aos 7 meses e meio, enorme e linda eu tive a certeza de que não era. Entretanto, se você não era minha, Tereza voltou a ser. Era a melhor esposa e companheira que eu podia querer, ridículo, mas eu me apaixonei, como nunca, por ela. Perdoei. Quantos bebês são de outros pais,

inseminações, adoções... Só não deixei que ela soubesse que eu sabia, este é o grande segredo para que funcionem as grandes mentiras.

Continuou o homem que adoecia mais a cada frase:

– Ficamos nesse segredo por 20 anos e eu te amava mais que tudo porque me sentia responsável por você, sentia que éramos cúmplices, tínhamos um segredo que nos unia e você sempre foi a garota do papai.

Mais um gole foi necessário para que ele pudesse continuar:

– Até o infarto. Eu estava na UTI, e Tereza entrou desesperada, eu estava imóvel pelos remédios que me deram e ela começou a chorar muito, pedindo

desculpas. No meio de palavras desconexas ela dizia seu nome sem parar e implorava meu perdão. Fiquei desesperado porque eu não podia responder nada e ela cada vez mais em pânico, chorando mais e mais.

– Até que numa explosão, ela disse: Francisca não é tua filha, ela disse no meu ouvido, eu sabia disso desde que você nascera, mas 20 anos depois você era mais minha que de qualquer um. Temi que ela contasse quem era seu pai biológico, tentei me mover com todas as minhas forças, que foram poucas, muito poucas, e continuei torcendo para que ela não contasse o nome dele. Fiz força para fechar meus ouvidos, parei de respirar para que algum equipamento disparasse.

Ele sofria com a reação da filha. Agora teria que ir até o fim. Afastou a almofada que os separava e ficou a centímetros dela:

– Sei que você não acredita em Deus, em nada que seja divino, naquela hora rezei, queria ficar surdo, até morrer, meu coração disparou e todas aquelas sirenes da UTI dispararam. Tereza saiu correndo com medo que eu morresse e, de repente, lá estava você, com seus olhos mareados, inchada de tanto chorar e foi você que ficou lá segurando a minha mão até que tudo voltasse ao normal.

– Na semana seguinte, quando estava no quarto, Tereza tentou iniciar o assunto novamente e eu a calei, disse que sabia e isso me bastava e a fiz prometer que não contaria nada a você. Nunca, nem depois que eu morresse. Confesso que daquele dia em diante, nunca mais havia pensado no assunto.

Bem, depois que minha morte passou a ter data certa e pensei que este segredo morreria comigo, vi o quanto posso ter sido egoísta em não permitir a você conhecer a verdade, em aliviar o peso da mentira das costas da tua mãe. E teria que ser eu a te contar para que você acreditasse no meu amor por você e por ela. Francisca sentiu que estava nocauteada. Quantas informações, todas desencontradas e confusas, novidades nefastas.

– Papai, câncer? Como assim?

Num primeiro momento aquela informação de não ser filha daquele homem lhe pareceu sem nenhum sentido, lembrou-se da foto na saída de seu banheiro, eram tão parecidos, ele e ela, todos diziam que suas irmãs saíram à mãe e ela ao pai. Não, não fazia sentido. Augusto pegou as mãos da filha e,

como todas vezes, ela se espantou com o quanto eram macias, olhou nos seus olhos mareados e embaçados e sorriu.

Aquele sorriso tal qual borracha apagou do seu peito as dúvidas e as confusões e ela disse:

– Não, você é meu pai e isso também me basta.

Pegou a caneta que estava na bolsa e fez como faziam quando ela era criança um coração no dorso de sua mão, ligando as manchas que lá existiam. Tinham aumentado tanto, pensou Francisca e pela primeira vez na vida ficou com muito medo de perder aquelas mãos.

O pai então lhe contou todos os detalhes da doença e lá fizeram muitos planos. Programaram viagens a lugares que queriam ir, peças de teatros, filmes e parques. Momentos de silêncio para simples

convivência e promessa de muitas ligações por dia. Apenas por duas semanas cumpriram seus planos, ao final de 14 dias, seu pai estava morto. Ela olhava aquele homem grande e forte por fora, devorado pela doença por dentro e quase não acreditava. Ele não tinha braços, tinha asas.

Sempre foi livre, até na hora de escolher que morreria sem nenhum tratamento. Dizia que tudo que quis, teve. Era hora de conhecer novos mundos e comprovar se Deus realmente existia. Ele prometeu a Francisca que se pudesse voltaria para contar a ela como era o mundo de lá. Pensando na fé dele, ela rezou.

Tereza quase morreu junto. Remorso, dor, amor, solidão. O que ela mais temia era a solidão, embora Francisca morasse com ela, ela sabia que era por pouco tempo e as duas nunca foram muito confidentes. Temeu pelo seu futuro, por sua velhice,

pela doença que a levaria embora. Temeu por ter que contar a verdade a Francisca, mas até este fardo, Augusto já havia tirado de suas costas.

Quando Tereza chamou Francisca após a missa de sétimo dia para uma conversa no escritório de sua casa ela sabia qual seria o assunto. Abraçou a mãe e não deixou que ela falasse nada, disse apenas:

- Ele me contou tudo o que sabia. No mesmo dia em que soube que tinha câncer.
- Você não quer saber quem é seu pai?
- Eu sei. Ele morreu há sete dias.

Nunca mais tocaram no assunto. Dona Tereza perdeu o encanto para Fran e somente se reaproximaram quando a filha de Francisca nasceu. A pequena nasceu 10 anos após a morte de seu pai e o segundo pensamento que ocorreu a Francisca é que

seria muito bom se seu pai estivesse ali. Naquele momento quando olhou aquele bebê tão pequeno, tão frágil e tão guerreiro ao mesmo tempo, não passou a acreditar em Deus, mas em milagres.

Sua mãe, com o atual marido, João Roberto, a quem via raras vezes, chegaram, após olhar para sua mãe, agora que era mãe, sentiu algo absolutamente diferente. Esta transição de filha para mãe é um choque. Agora alguém dependia dela e ela pôde ver e sentir tudo que se sente por um filho. Uma onda de gratidão invadiu o coração dela e ela desatou a chorar.

Quanto tempo perdido. Por que havia enterrado a sua mãe viva? Olhou então o homem e sentiu um calafrio quando ele colocou a mão esquerda no queixo, empurrando-o para cima com o indicador, exatamente como Francisca fazia. Ela teve

certeza de que ele era seu pai biológico. Sua mãe seguiu seu olhar e começou a chorar como se lesse os pensamentos da filha, olhou para o marido e disse:

– João, querido, ela já sabe.

Ele contido por todos estes anos, andou apressado, totalmente sem jeito, na direção de Francisca e lhe deu um beijo carinhoso na testa, dizendo:

– Será que no teu coração há espaço para mim? Esperei tanto este momento! Por toda a tua vida espero esta apresentação.

A mente rápida de Francisca estava paralisada, conheceu sua filha e seu pai no mesmo dia. Dali em diante voltaram a ser uma família e sua mãe a ajudou muito com as crianças, permitindo que

ela criasse sua carreira. João Roberto era um ótimo avô. Foram muito felizes até que ele também deixara sua mãe viúva. E ela, novamente, sem pai.

A surpresa veio em seguida. Quando seu pai morreu deixou uma pequena fortuna a cada filha, algo em torno de cinco milhões de dólares, e para cada uma um presente especial.

Deixou uma casa fantástica na praia, para sua irmã mais velha, para a do meio montou seu sonhado restaurante e para Francisca o barco dos seus sonhos. Era muito mais do que ela podia imaginar, foi o que ela sempre quis.

Por mais que imaginasse, jamais sonharia com que estava por vir. Pouco tempo depois da descoberta de outro pai, a quem aprendeu a amar, veio o susto, outro velório, outro enterro, muitas outras lágrimas. Outra herança. Desta vez estarrecedora, Francisca herdou, sozinha, quase

trinta milhões de dólares. Dinheiro era uma preocupação que ela deixou de ter.

Todas estas lembranças ficaram recentes e passaram por sua mente enquanto ela colocava o tênis. Qual surpresa Dona Tereza teria agora? Depois de dez minutos de caminhada, Dna. Tereza iniciou o dialogo:

– Fran, sei que você é adulta, respeitada, como mãe, mulher e profissional, mesmo que tenha cem anos, continuará sendo minha filha. O que está acontecendo? Problemas com o Ricardo? Por que ele ficou?

– Mamãe, não seja boba. Está tudo bem entre nós. A empresa dele, como todas, está em crise e é só. Fora isso, tenho meus problemas, meus dilemas, meus fantasmas, fantasmas que tento trazer para a luz – nunca um comentário havia sido tão literal – nada

demais, vida de adulto, às vezes chata, às vezes libertadora.

Afastando o cabelo do olhar da filha e segurando com gentileza seu braço, Dona Tereza disse:

– Saiba que estou aqui.

– Eu sei. Vamos voltar? O avião parte daqui a 6 horas, não posso perdê-lo. Vou aterrissar em Paris e depois viajar até Amsterdã para encontrar Ricardo. Fico feliz que as crianças tenham ido para fazenda. Por que você não foi?

– Vou aproveitar que todos estarão fora e reformar a casa, aumentar o orquidário e instalar um aquecedor na piscina.

– Muito bem, Dona Tereza, gostei de ver.

Mãe e filha arrumaram a pouca bagagem de Francisca e o motorista de sua mãe foi levá-la ao aeroporto. Dentro do avião o piloto era o mesmo da vinda e o voo foi igualmente perfeito.

Desembarcar em Paris era animador, pena que desta vez seria apenas ponte para chegar até Ricardo. Ligou para ele dizendo que estava chegando. Ele não atendeu, ela deixou mensagem na secretária eletrônica, não quis ligar no banco, as coisas estavam tensas demais por lá.

Enquanto esperava o embarque para Amsterdã leu as manchetes do jornal e viu que embora o melhor candidato estivesse na frente pela corrida presidencial a crise estava a cada dia pior, temeu pelo emprego do marido, ele era louco pelo seu emprego, pelo dinheiro que ele rendia, pelo status que lhe dava, pelo dia a dia que lhe forçava a viver.

Na sala da Ordem, o homem ruivo levantou às pressas e, pela primeira vez na vida, entrou na sala número 02 sem bater, estava afoito com uma lista de funcionários do APT nas mãos e lá constavam o nome de 5 brasileiros. Três deles haviam estado na Holanda nos últimos dias. Um deles esteve em Munique na semana passada, conferiu na fatura do cartão de crédito despesas na cidade e ao que tudo indica não esteve só e melhor, ainda estava na Holanda. Era casado com de Francisca Alvy Barros, advogada, brasileira, cartão adicional sem limites, sócia do escritório que ele havia passado o nome.

– Onde está a mulher? Falou o homem que estava sentado e tinha o olhar muito cansado.

– Liguei para o hotel e ela viajou anteontem. A moça

que forneceu a informação fazia parte da lista dos bons e disse que ela é uma hóspede recorrente e havia deixado as malas no depósito informando que retornaria em breve, após uma rápida viagem.

– É ela. Tenho certeza. A moça pode verificar e fotografar as malas? Ponha uma roupa melhor, nós vamos até o Kempinski.

Dois homens muito elegantes chegaram ao hotel e foram à recepção perguntar por Francisca, foram informados que não havia data para seu retorno e se queriam deixar uma mensagem. Disseram que não. O *concierge* sempre solícito os abordou e disse ser amigo pessoal dela e se realmente não precisavam de nada. O olhar do homem ruivo deixou gelado o corpo do *concierge* e o do homem alto, embora fosse elegante, era dono de

um olhar muito cansado o que entregou sua frieza. O que aqueles homens queriam com a Sra. Francisca?

– Não, senhor, agradecemos. Até logo. Disse o do olhar distante, com a voz rouca.

Saíram, percebendo o *concierge* que o ruivo piscara para a moça do balcão. Ele falaria com ela mais tarde. O *concierge* disse um sincero adeus, torcendo para não ver aqueles homens nunca mais.

O anúncio do avião de Fran foi feito e ela disparou para o embarque, a saudade de Ricardo era dolorosa. Embarcou, sentando na poltrona 3D, corredor, sua eleita em todos os voos, agradeceu o vinho oferecido e no primeiro gole relaxou.

Na sala da Ordem o alarme tocou de novo, chegando a mensagem de uso do cartão de crédito de Francisca Alvy Barros, emissão de passagem para Amsterdã dizia a informação, pelo preço, em classe

executiva concluiu o mesmo homem ruivo. Logo em seguida chegaram as fotos da bagagem, por fora e as tiradas com infravermelho e na tela nº 2 abriu-se a enorme foto de Francisca.

No mesmo instante, Ricardo olhou para foto de sua mulher no celular ao lado de sua mensagem que dizia que ela estava chegando. Como contaria a ela o que aconteceu? Precisaria muito de seu apoio.

O homem ruivo colocou a imagem do rosto de Francisca no buscador de imagens da Internet e começou a aventura de buscar seu reflexo em todos os sites que conhecia. Seu interesse era especial pelo findenyou, um site de relacionamento onde todos colocam imagens de suas férias e a grande diversão é você se encontrar em filmes alheios. O site ainda possui associações com várias cidades que cedem a eles a imagem de suas câmeras de segurança dos

lugares públicos e diversão e do tipo “Onde está Wally”.

As imagens começaram a aparecer na tela em maior número do que ele esperava, a tal mulher era conhecida no Brasil, apareceram várias fotos em jornais, revistas, entrevistas de TV, imagens de viagem apareceram às dezenas no findenyou®, até que uma delas chamou a sua atenção. A dona da imagem era uma estudante londrina, que filmava a parte de fora de Lindendorf, no dia do sumiço da carta e lá estava Francisca, na entrada do castelo pousando para uma foto. Com certeza era ela. Tão bonita e tão enxerida.

– Que pena, prefiro matar as feias, pensou alto, com grosseria e desprezo o algoz de Francisca.

As fotos da moça do Kempinski nada revelaram. Lá a carta não estava, nem o computador de Francisca. Teriam que esperar por ela. Por precaução solicitaram que alguém a seguisse em Amsterdã. Deram um jeito de substituir o motorista enviado pela companhia aérea aos passageiros em classe executiva, por alguém da lista dos bons. Ao ser informada de que o motorista havia sido substituído, Francisca saiu rapidamente do voo e pegou o primeiro táxi, furando a fila atrás de si.

Chegou ao hotel e Ricardo ainda não estava. Ótimo, pensou ela. Tomou um longo banho, pediu uma massagista no quarto, relaxou. Com a pele bem macia, vestiu a camisola e deitou na cama na intenção de descansar um pouco. A massagem foi tão eficiente que Francisca dormiu.

Foi despertada pelas mãos de Ricardo, de tanto conviverem, qualquer distância era motivo para profunda saudade.

Era muito bom ser tocada por ele novamente. O calor do abraço aqueceu Francisca, acendeu seus instintos doces e selvagens, despertou todo seu corpo, em especial suas entranhas, seu amor por Ricardo era visceral. Ele fez com ela um atribulado sexo, suas mentes desligaram-se de tudo e seus corpos se entenderam como nunca. Foi um sexo sem palavras.

Gemidos aos montes, suor suficiente para que suas mãos deslizassem, sorrisos e mordidas pequenas, as orelhas tampadas, os sons estavam distantes, tudo ficou distante. Só os dois estavam próximos, muito próximos, quase ocupavam o mesmo lugar, absolutamente encaixados, pararam por fim e selaram o reencontro com um longo beijo.

Fran foi a primeira a recompor-se:

– Aconteceu tanta coisa... Eu preciso te contar...

As palavras dela, sem serem escutadas por ele, foram atropeladas pela fala de Ricardo:

– Fran, despedi o Thomas e o Rui, eram eles ou eu.

Francisca embora compreendesse, quase não aceitava.

Thomas era padrinho de casamento deles! Ele que havia trazido Ricardo para o APT, soava como traição. Ela ainda guardava na alma muita ideologia, principalmente a ideologia da lealdade. E o que Ricardo fez, no seu código, não era permitido.

– Como assim? Ela perguntou já cobrindo o corpo, quase com nojo do marido.

– Assim como te disse. O Henry nos reuniu na sala e disse que somente um ficaria. Saiu e me chamou à sala dele. Pediu que eu demitisse o Rui e o Thomas. Claro que eu argumentei, briguei, discuti. Em vão. Ele disse que se eu não fizesse, faria ele e que em eu fazendo poderia combinar os termos que quisesse, em sendo ele, os termos seriam os dele. Eu era a melhor opção.

– Você deveria ter resistido, brigado, contrariado. Você é tão bom nisso comigo, por que não com eles? Ricardo, são o Thomas e o Rui! Que merda!

– Fran, preciso de seu apoio. Eles entenderam, por que você não?

– Porque te amo. Sei que você é melhor que isso. Você poderia trabalhar em qualquer lugar, os três poderiam montar uma empresa juntos. Falou uma mulher muito brava

– Fran, acorda! A crise é terrível e só vai piorar. Daqui a 2 ou 3 anos a recessão que os analistas desenham é ilimitada e cruel. Além do que pelo meu apoio fui promovido.

– Foda-se! Promoção a este custo é decepção para mim. Ricardo nós não precisamos do dinheiro, você sabe tão bem quanto eu.

– Não é o dinheiro. Você sempre vem com este argumento. Vá à merda com seu dinheiro, a porra da sua herança e tudo que isso significa. Estou falando do meu futuro profissional, da minha carreira, de ambição, poder. Será que você entende alguma coisa destes assuntos? Agora sou vice-presidente do banco e nada vai mudar isso e eu espero sinceramente que você possa entender.

Ele se levantou e colocou a roupa às pressas, saindo do quarto e deixando Fran atordoada com

tudo que ouvira. Não, ela não entendia nada daquilo. Aprendeu bem cedo o valor e o poder do dinheiro e por isso fazia muita questão de deixar bem claro quem mandava em quem, ela usava o dinheiro, não o dinheiro usava sua vida. Já quanto ao poder, ela não entendia nada disso, não fazia a mínima questão dele, o anonimato era sua busca, sucesso sim, sem que isso interferisse na sua vida, na sua privacidade. Mais um de seus demônios.

Como continuava raivosa, levantou, arrumou a pequena mala e deixou um recado: vou para Munique, se mudar de ideia, me ligue. Ela precisava esperar a raiva passar e a raiva era tudo que sentia por Ricardo agora. Olhando sua roupa na cama, sentiu seu perfume, e reformulou o pensamento: raiva e atração. Combinação muito explosiva, era melhor que saísse.

Ligou para o serviço de auxílio do cartão de crédito e pediu uma reserva de passagem para o próximo voo para Munique. Na mesma hora, na sala da ordem, a conversa foi reproduzida.

Quando Ricardo voltou, vinte minutos depois, com flores nas mãos, encontrou o bilhete e não acreditou no que lia. Quanta infantilidade! Em que mundo aquela mulher vivia?

Lembrou que no dele e entendeu que ele não poderia deixar que isso acontecesse. Saiu atrás dela. Pegou o carro na garagem do hotel e dirigiu o mais rápido que o limitador de velocidade permitia. Largou o carro na entrada do aeroporto com a lanterna acesa e correu para o embarque, o próximo voo para Munique seria em 45 minutos, o nome de Francisca estava entre os passageiros, mas ela não havia efetuado o *check in*, talvez ele tenha chegado rápido demais.

Resolveu esperar um pouco e foi caminhando na direção da porta principal do aeroporto, viu seu carro ser guinchado e viu, no mesmo momento, ela descendo do táxi, sua paixão por ela era quase juvenil, irresponsável, que se dane a vice-presidência, o que não podia ficar era sem ela, embora fosse tentar ficar com as duas, a promoção e a esposa.

Foi ao encontro dela e pôde ver quando dois homens enormes se aproximaram dela e a derrubaram no chão, depois a levantaram e a carregando nas costas começaram a correr.

Ricardo não entendeu nada! O que poderia ter acontecido? Certamente alguém confundira Francisca com outra pessoa. Ele precisava correr, literalmente, atrás dela. Largou as flores na poltrona a sua frente e saiu correndo, elas caíram e se esparramaram no chão chamando a atenção dos

seguranças do aeroporto que saíram correndo atrás dele. Infelizmente, em tempos pós-atentados, pétalas abandonadas e pólvora podem ser a mesma coisa.

Na sala da Ordem o telefone tocou e ao ouvir a mensagem o rosto do homem ruivo iluminou-se.

– Estamos com ela, gritou para quem quisesse ouvir. Os aplausos da equipe de idiotas era o seu alimento. A vitamina que fazia crescer o monstro que criava em seu peito. Glória pela maldade. Entrou na sala do superior e passou a informação, o homem não se alterou.

Ricardo era embebido em sentimento similar, seu monstro era alimentado pela competição, o poder em primeiro lugar, da cadeira de espaldar mais alto, do andar mais elevado, tudo isso o seduzia.

Era em Ricardo que Fran pensava enquanto era carregada por aqueles homens. Quem seriam? Como a acharam? A roupa do que a carregava fedia a peixe, conseguiu olhar para trás e viu Ricardo correndo atrás dela com uma turma de seguranças atrás dele.

Ela levantou a blusa do homem e mordeu com toda força suas costas muito peludas e sujas. Com a dor profunda o homem a largou e ela começou a cair em direção ao chão, mas o grandalhão a agarrou pelo pé. Os passos dele batiam em seu rosto e ela segurou um de seus pés, fazendo com que caíssem ao chão. Ricardo ainda estava muito longe... Ela precisava ter outra ideia e rápido.

Ricardo gritava aos guardas para que parassem os homens e os guardas passavam mensagens pelos rádios, mensagem que Francisca ouvia no rádio que estava na cintura do homem a

sua frente. Pôde olhar aos seus pés e reconheceu as botas dos seguranças do aeroporto. Ele gritou ao homem que a carregava:

– Vira à direita e some!

Eles viraram e ele arremessou Fran ao chão, fazendo com que ela sentisse um choque profundo, um gosto muito amargo na boca e depois tudo escureceu e ela não viu nem ouviu mais nada.



cordou com Ricardo abraçado a ela e havia muita luz no teto, onde estavam?

– Fran, está tudo bem! Estamos no hospital, estou aqui. Relaxe.

Francisca estava desesperada. Ela precisava contar tudo a Ricardo, passou a mão pelo corpo procurando a bolsinha que usava junto ao corpo com a carta e percebeu que estava numa daquelas camisolas de hospital.

– Cadê minha bolsinha, meu celular? Falou Fran com muita dificuldade e com a língua bem enrolada. Ricardo acariciando suas mãos respondeu:

König

- A bolsinha está no armário com suas roupas, o celular, sua bolsa e seu casaco eles levaram. Se não fosse aquele guarda...
- O guarda estava com ele. Estavam juntos, parceiros...
- Não Fran, o guarda te encontrou desmaiada.
- Preciso contar a você uma longa história. Ela insistiu.
- Não Fran, não precisa, precisa descansar, disse ele pousando a mão sobre a boca da mulher.

Ela tentou reunir todas as suas forças para levantar e acabou desmaiando de novo. Ricardo correu para apertar o alarme e logo os médicos chegaram. Mediram os sinais vitais dela e afirmaram que tudo estava bem, precisavam aguardar o resultado dos exames.

Ricardo sentou na beirada da cama e olhando para mulher foi invadido por uma onda de insegurança e medo. Nunca tinha visto a mulher desmaiada, imóvel, sem nenhuma expressão no rosto. Adormecida como que por uma poção. O que acontecera a ela? O que aconteceria a ele se ficasse sem ela? A ideia fez com que seu coração acelerasse escurecendo a sua vista e o deixando um pouco tonto.

Ela acordou novamente, desmaiou novamente e esta foi a dinâmica por dois dias seguidos. Até que encontraram a razão. Havia sido injetado no corpo dela uma poderosa droga com alta dose de radiação. O diagnóstico é de que estaria morta em apenas uma semana. Informaram que essa droga era injetada em espões quando ainda precisavam de alguma informação e depois de alcançá-la largavam o sujeito

para morrer em qualquer lugar. Pareceria um ataque cardíaco.

– Toda droga tem um antídoto, falou Ricardo desesperado. O que podemos fazer? Tem, não tem?

– Relatamos o caso ao serviço secreto e um agente virá hoje à tarde conversar com o senhor. Tenha esperança. Foi a resposta.

A vontade de Ricardo era surrar o médico. Esperança? Ele queria era solução! Pensou na pessoa mais poderosa que conhecia, ligou para o Sérgio e relatou o inacreditável. O Ministro, na mesma hora, embarcou para Amsterdã levando na bagagem um pedido do Presidente da Republica para que a ONU agisse imediatamente, classificando Francisca como interesse do governo brasileiro.

Ricardo se lembrou da preocupação da mulher acerca da bolsinha e abriu o zíper,

deparando-se com a carta em alemão em papel muito velho e a provável tradução, impressa em papel novo e timbrado, do Kempinski:

“O poder ao invés de libertar, torna escravo o poderoso. Dói a alma que se debate contra tudo e todos. Dói toda forma de amor. De onde viestes não posso ir. De onde sou, tu não és. Nosso destino é diverso, sendo o meu de servir e o teu apenas seres mulher. De meu lugar avisto o que sempre me faz lembrar de ti, sabendo que apenas na noite posso ter-te aqui, mas, por noites já não vem... Como está nosso filho? Traga-o a mim, peça ajuda ao R.W., guardião de nosso amor e confidente de meu espírito, afinal tu não tens meu sangue, a realeza não lhe pertence, não és digna da coroa por sua linhagem baixa, embora sejas obra de Deus, certamente a mais primorosa e bela, entretanto, a ele devo ensinar o que nunca soube, pois ele será Rei, continuará ao que não pude dar fim.

Com amor, LII.”.

O que aquilo significava? Será que ela havia comprado como souvenir no museu?

Bateram na porta e ele colocou a carta no bolso. O homem fazia parte da lista dos bons, a Ricardo pareceu um ser do mal. Ele sentiu profunda onda de frio ao ver o homem vir na sua direção.

– Sou agente da polícia e tenho uma ordem judicial de apreender tudo que estava em poder de sua esposa na hora do sequestro.

– Boa-noite ao senhor também, falou Ricardo irritado. Sim, ela está bem, mas as perspectivas são terríveis e tudo por falha da sua segurança e o senhor chega aqui dando ordens? Foda-se sua ordem judicial. Quero saber do antídoto, quero que Francisca sare. O choro veio e só aumentou a raiva de Ricardo, ele estava quase avançando no homem,

quando chegou o embaixador do Brasil na Holanda. Sérgio havia pedido a intervenção do Marcelo Melo Proença Couto, amigo pessoal de Sérgio.

– Boa-noite senhores, disse o embaixador. Apresentou-se e colocando-se ao lado de Ricardo interpelou o “policia!l”:

– Em que podemos ajudá-lo? Repetiu o homem no mesmo tom, com o mesmo olhar: Sou agente da polícia e tenho uma ordem judicial de apreender tudo que estava em poder da mulher na hora do sequestro.

– Identidade funcional, por favor, pediu Marcelo.

– Aqui.

– De fato, Ricardo, trata-se de um agente da polícia secreta.

Ricardo puxou Marcelo para o lado e lhe contou que Francisca no raro momento que acordou

falou que o homem que estava com aquele que a carregou no colo era um policial.

– Posso confirmar a ordem policial, pediu o embaixador. Esticando a mão com muita má vontade o documento foi entregue.

– Ricardo, a documentação está em ordem, o que estava com ela naquela hora?

Ricardo omitindo a carta, por puro esquecimento, entregou a roupa e a bolsinha.

– Você trouxe um auto de entrega ou coisa assim?

– Não, volto depois. Disse o policial saindo em direção à porta.

O embaixador se colocou no meio do caminho e sacando o telefone do bolso tirou uma foto do

policial e do que ele levava consigo. Olhou desapontado a Ricardo dizendo:

– É tudo que podemos fazer, por enquanto.

– Merda, sussurrou Ricardo. Monte de merda!

Ricardo desculpou-se e agradeceu a Marcelo. Sentou-se novamente na beirada da cama e deixou cair de seu bolso a carta. O embaixador abaixou para pegar o papel e leu o final: Com amor, LII.

Ricardo disse que havia encontrado nas coisas da esposa, sem saber o que significava, mas a carta original parecia ser de fato antiga e autêntica, mostrou o documento ao embaixador que empalideceu.

Marcelo era membro dos embaixadores guardiões da ONU. Ricardo já ouvira uma lenda de que a ONU possuía protegidos pelo planeta. Pessoas

que de alguma maneira eram muito importantes para a humanidade, fosse pela sua história, pela sua inteligência, pela sua sensibilidade, por seu perigo ou que pudesse interferir de alguma forma no futuro da humanidade. Dentre os protegidos existiam também pessoas que desconheciam seu passado e que se passassem a conhece-lo poderiam mudar a história ou o equilíbrio político ou econômico do mundo.

Embora fosse difícil acreditar, a desordem aparente era orquestrada e controlada por poucas pessoas, elas faziam com que eleições fossem ganhas, com que diretrizes econômicas fossem mantidas ou alteradas, deixavam o caos sob controle, obviamente no entendimento delas. Estas pessoas, que faziam parte do aparente equilíbrio, eram vigiadas, protegidas e os protetores tinham ordem expressa para levarem estas pessoas para abrigos especiais em

caso de guerra ou perigo às suas vidas. A lenda ganhava vida ali mesmo, bem na sua frente.

Marcelo ligou para seu mentor na mesma hora, disse apenas:

– Equilíbrio em perigo. Hospital Expry em Amsterdã.

Ricardo apenas confiou e esperou que seu instinto de confiar em Marcelo estivesse certo. Fran começou a tossir e um pouco de sangue escorreu de seu nariz. Ela disse o nome das filhas e começou uma crise convulsiva. Ricardo ficou em pânico. Entraram vários médicos no quarto e controlaram a convulsão de Fran.

Para Ricardo era absolutamente impossível que tudo aquilo estivesse acontecendo. Matemático, ateu, financista. Dilema para ele eram apenas juro,

porcentuais e variações cambiais. Tudo era racional e calculável. Pela segunda vez em sua vida estava diante de uma situação que independia de sua ação, reação ou pensamento. Fran estava lá imóvel, envolvida com uma história mirabolante que englobava ONU, serviço secreto, venenos nucleares, coisas surreais para acreditar.

Ele próprio somente acreditava porque estava lá. Era espectador de camarote, maldito camarote, daquela história que, infelizmente, era capítulo da sua vida.

A frase equilíbrio em perigo tornou a cena ainda mais inacreditável e causou em Ricardo enorme mal-estar. E a velha história do um minuto repetiu-se na sua cabeça: se ele tivesse esperado um minuto a mais para contar para Fran o que aconteceu, se ela não tivesse saído naquele minuto, se ela tivesse chegado ao aeroporto um minuto antes.

Enfim, pensamento inútil já que o aconteceu, aconteceu e lá estava ele temendo pelo que mais pudesse acontecer.

Na sala da Ordem o telefone da ponta tocou e antes que o toque terminasse o homem ruivo atendeu a chamada. Pela sua cara a notícia não era boa. Entrar na sala do Coordenador sem bater estava tornando-se um hábito e isso não era bom.

– Senhor, era o policial de Amsterdã informando que a carta não estava com ela e que o estado de saúde da mulher é muito grave. Acho que ela não falará mais nada.

– A situação é pior do que você imagina. Cacete, pedi que tomassem cuidado. Era apenas uma mulher e vocês acabaram com a missão. Ela quase morta sem poder falar, a carta desaparecida e pior, muito pior,

virou a tela do computador para o homem ruivo que leu a mensagem na tela: EQUILÍBRIO EM PERIGO.

– Senhor, desculpe-me, o que isso significa?

– Significa que não cumprimos nosso papel. Alguém mais sabe da história e é alguém que conhece o manual. Você sabe o que isso significa?

O homem ruivo apenas meneou a cabeça para dizer que não.

– Claro que não, você não sabe porra nenhuma. Significa que o segredo vai ser revelado e nós falhamos. Nosso passado vai ser reescrito e nós perderemos a importância, nos tornamos obsoletos e perigosos. Não protegemos o que deveríamos guardar e sabemos demais.

O homem virou a cabeça para o lado e pediu que o ruivo saísse. Mal o homem fechou a porta, ouviu o tiro. Voltou correndo, não mais havia tempo

de qualquer reação, o coordenador estava morto. Ele fechou o escritório e saiu dali.

Ao virar a esquina, cumpriu o determinado pelo artigo 18 do manual: destruir as pistas. Apertou o botão do controle que trazia no bolso e o incêndio começou no galpão, depois se ouviram cinco explosões, a última quase causou um terremoto nas regiões próximas.

No jornal da noite o homem ouviu que uma forte explosão num depósito nos arredores da cidade havia causado uma cratera similar a de uma explosão nuclear, o local estava sendo vasculhado, mas nada pôde ser encontrado.

Pronto, pensou o ruivo. Seu gordo, idiota, quem é o incompetente agora? Eu estou vivo...

Foi seu último pensamento antes de sentir frio, muito frio. Depois deste frio não sentiu mais nada. Afinal, sempre existe alguém mais competente,

mais poderoso. O homem ruivo também foi apenas um meio. O homem que acabava de guardar a arma no bolso apertou o botão azul do seu celular com apenas três botões e no mesmo instante, todas as salas da Ordem, com exceção da principal, foram abandonadas, higienizadas e prontas para serem explodidas e exterminadas, apagando qualquer vestígio.

Ricardo olhou para a mulher com profunda tristeza. Ela estava irreconhecível. Lembrou da briga de pouco antes e sentiu-se muito idiota.

O que faria com a vice-presidência se perdesse Fran? O que faria com sua vida sem Fran? Essa era uma opção com a qual ele não contava. Virou as costas para ela e a imagem dela, naquela camisola verde, abatida, muito branca, com profundas olheiras, o canto do nariz ainda com um pouco de sangue, as mãos cheias de veias, as veias todas muito

dilatadas, o cabelo rareando, o corpo imóvel, os olhos fechados...

O travesseiro estava cheio de fios de cabelo, ele mal podia acreditar, todo aquele estrago em tão pouco tempo. Era um pesadelo terrível.

Enquanto ele pensava, Fran abriu os olhos, descobriu-se sem forças para falar, arriscou de novo, novamente fracassou, buscou forças onde não tinha, mas o silêncio era sua voz, passou a mão pela cabeça e quando as abaixou, viu que estavam cheia de fios de cabelo, grunhiu, um gemido horrendo.

Ricardo virou em sua direção, desesperado, pensou que Fran estivesse morrendo. Sentou ao lado dela e viu os fios de cabelo na mão dela e seu olhar de incompreensão. Fran olhou nos olhos do marido e embora seus olhos estivessem completamente embaçados, viu no olhar de Ricardo algo que nunca havia visto antes, viu medo, muito medo.

Ricardo começou a acariciar a mão da esposa e a dizer-lhe o que havia ocorrido:

– Fran, te amo, vai dar tudo certo. Nós vamos escapar desta. Você foi...

Fran começou a convulsionar novamente e alarmes do quarto tocaram e aquele batalhão de enfermeiros e médicos entraram no quarto, começando toda a luta para manter Fran viva.

Ela ouvia um eco na sua cabeça, nós vamos escapar desta, a voz dizia. Ela sentia muita dor, percebia o sangue passar pelas veias, o ar ao entrar nos pulmões queimava e todo o resto parecia que estava ralado, em carne viva, exposto.

Fran sabia que estava morrendo, mas ela não podia concordar com isso. Não poderia deixar que isso ocorresse. Suas filhas precisavam dela, seu marido precisava dela, seus clientes e funcionários

dependiam dela, ela dependia da vida, tinham muitas coisas planejadas que ela não podia simplesmente deixar de lado. Iria brigar contra aquilo fosse o que fosse e pela terceira vez em sua vida, Fran rezou.

Os médicos conseguiram uma vez mais controlar a crise convulsiva e a sedaram, induzindo-a ao coma. Neste instante, com Ricardo chorando como criança, ao lado da mulher em coma, Sérgio chegou. Abriu a porta e correu na direção do amigo. Ao ver o rosto de Ricardo ficou com muito medo de olhar para Fran, mas era preciso, ele então virou-se na direção dela, e a visão de sua amiga entubada, ensanguentada e imóvel, causou nele um desespero poucas vezes experimentado.

– Que merda, merda, puta que o pariu, cacete, Ricardo o que fizeram com ela? Estivemos juntos há dois dias e ela era a Fran de sempre.

Ricardo resumiu a história, em uma frase:

– Ela está morrendo. É questão de horas.

Marcelo havia relatado ao Ministro todos os acontecimentos, entretanto não foi muito realista e Sérgio temeu pela vida de Fran. Imediatamente pegou o telefone e determinou que o representante da ONU providenciasse o antídoto, não tinham mais horas, era questão de minutos.

Ao ouvir a previsão do amigo, Ricardo apavorou-se. Sérgio abraçou Ricardo e disse que fariam o que estivesse ao alcance deles. Pediu que Ricardo lhe contasse tudo novamente e arrependeu-se de não ter dado a palavra a Fran. Ele sabia que ela escondia algo naquela bolsinha que afagou tantas vezes. Que merda!

Sérgio resolveu pedir a intervenção direta do presidente do Brasil. O presidente contava com o apoio internacional após deflagrar, junto com Sérgio, uma operação similar as mãos limpas ou tolerância zero, o movimento funcionou e o país que era conhecido pela sua corrupção, exploração sexual e financeira, tráfico de drogas, de mulheres e de órgãos, passou a ser reconhecido pela vitória naquela batalha e o presidente entrou para o rol dos memoráveis da ONU.

Sérgio nunca havia pedido nada a ele. Em compensação o que pediria agora era muito. Estava certo de que pelo engajamento de Fran nas eleições, por sua ajuda constante a cada problema durante o mandato e durante a reeleição, e por ele próprio o Presidente não negaria ajuda.

– Presidente? Boa-noite. Essa linha é segura? O assunto pode envolver a segurança nacional. Apontando o botão de distorção de voz e camuflagem de língua, ele disse: – Vá em frente.

Após ouvir todo o relato do Ministro falou o Presidente:

– Vou ligar para os Estados Unidos e estou certo de que o presidente ajudará. É o melhor que posso fazer. Mantenha-me informado. Ligue a hora que for.
– Obrigado, Presidente.

Desligou o telefone e disse a Ricardo:

– Vamos esperar por um milagre.

Nem vinte minutos depois, entrou quarto adentro uma equipe de roupão cor de laranja, capacete vedado, oxigênio nas costas e pediram que saíssem. Sérgio resistiu questionando quem eram, e o menor deles apenas respondeu:

– Viemos por ordem do governo americano em colaboração com a ONU e estendeu a ele uma carta de apresentação pedindo que fossem ler do lado de fora. Ricardo não tinha qualquer força de luta, ajudado pelo amigo abriu a porta e saiu olhando para a mulher com muito amor.

As lágrimas escorriam pela face de Ricardo. Homem não chora, lembrava que seu pai lhe dizia todas às vezes que chorava. E ele chorava muito. Filho mais novo do segundo casamento da mãe, morando com seu quarto marido e seus outros três

König

irmãos, todos homens e todos filhos do mesmo pai. Ele não teve infância, seu único sonho era crescer e sumir dali. Este homem não permitia que ele chorasse, mas chorou quando sua mãe morreu e chorou quando nasceram suas filhas. Chorou no seu casamento e agora era impossível parar de chorar.

Quanto tempo dura uma espera? De fato o relógio certamente não corre na mesma velocidade em diversas

situações. Quando há diversão, prazer, os ponteiros agitam-se, correm contra a satisfação, acelerando o tempo. Ao reverso, quando se quer ver o tempo passando acelerado, correndo, encurtando as horas, os ponteiros são vagarosos, lentos e por vezes tem-se a sensação que o tempo para. Era essa a sensação de Ricardo, para ele o tempo havia parado. O ar pesava, os movimentos estavam em câmera lenta, nada mais importava, Fran estava morrendo.

Ao contrário da sensação o tempo passava muito depressa e a equipe do quarto estava perdendo as esperanças.

Haviam demorado muito, os danos eram grandes demais. O antídoto havia sido injetado por completo, mas o efeito ainda não aparecera.

Desligaram os aparelhos causando em Fran uma parada respiratória, ao ouvir o alarme dos aparelhos do quarto, Ricardo também parou de respirar, como tinham ido parar ali?

Fran permanecia consciente, seu coma parcial não a impedia de pensar. Em seus olhos ela via um filme, via suas filhas, via sua mãe, via Ricardo, seu escritório, suas coisas sobre a mesa, seu livro de direito favorito, sua estante cheia de livros com muitas anotações... Ela via as crianças crescendo, via a festa de quinze anos, os primeiros amores, as conversas com as meninas na sacada, as primeiras desilusões.

Via as filhas moças, na faculdade, via o orquidário da mãe pronto, a piscina aquecida. Via ela e Ricardo envelhecendo juntos, lembrou-se da história de amor interrompida do rei Ludovico e jurou para si que aqueles mesmos vermes não

impediriam a sua. Ordenou que seu corpo reagisse. Suas forças talvez não fossem suficientes para isso.

Enquanto ela pensava, diante do diagnóstico da equipe, Ricardo ligou para as filhas e pediu que gravassem na caixa postal do celular uma mensagem para ela, sem dizer o motivo, a mensagem das meninas era pura esperança, era pleno amor... Ele então colocou o telefone no ouvido de Francisca.

A voz das meninas era bálsamo para o ouvido dela, ela acalmou, os batimentos cardíacos diminuíram, tornaram-se regulares, para ele o rosto da mulher ficou iluminado, ele aproximou-se dela e beijou a boca machucada da esposa, beijou com tanto amor que as feridas pararam de doer na mesma hora, muitos estragos foram feitos, talvez irreversíveis. Fran abriu os olhos, mas antes que falasse qualquer coisa convulsionou novamente.

Ele foi retirado do quarto e sedado. Agora nenhum dos dois mais sabia se o que viviam era realidade ou sonho. Cada qual prisioneiro de seu corpo, refém de suas vontades, escravo de suas ambições. Será que se fossem livres destes sentimentos curariam seus males? Seus demônios?

O novo relatório médico não trazia boas notícias, entretanto, uma das frases lá constante deixou Sérgio mais animado, era o oitavo dia. Todos sabiam que aquela droga matava em seis dias. Fran sobrevivia mais dois além do prazo final.

Todos os dias, mais de uma vez por dia, Ricardo colocava a gravação das crianças para ela, fazia com que ouvisse suas músicas preferidas, a beijava como se estivesse linda e sexy, passava creme em seu corpo agora tão debilitado. Afastou-se do emprego, sabia que perderia seu cargo, mandou a vice-presidência à merda (deveria ter feito isso

enquanto tinha o que perder). Dedicaria cada segundo da sua vida a esperança de ter Fran de volta.

No décimo terceiro dia Fran entrou em coma profundo e os médicos pediram a Ricardo autorização para desligar os aparelhos. Ele pediu que esperassem que a mãe dela chegasse.

Para as crianças arrumaria uma forma mais suave de contar o que aconteceu. O chão sumiu... Poucas horas depois a mãe de Fran chegou. Ao ver a filha naquele estado ajoelhou ao lado dela. Ao contrário de Fran, sua fé era inabalável. Pediu a Deus pela filha, pelas netas, a vida sem ela seria árida demais. Enquanto ela rezava com sua calça Dior ajoelhada no chão do hospital a equipe cor de laranja retornou e tirou todos do quarto, começando nova tentativa com nova droga, dessa vez fornecida pelo governo russo a pedido do presidente dos EUA.

Na prece de Dona Tereza encontrava-se tudo que existe no coração de uma mãe, perdão, compaixão, medo, amor, ternura, muita ternura. Enquanto ela falava com Deus se lembrava das mãos pequenas de Fran e do quanto estavam grandes agora e de quão queridas eram para ela. Sua filha... Ah, os filhos são uma mistura dos temperos que mais gostamos, o nosso e daquela pessoa que naquele momento é o sal de nossas vidas. São a razão de luta, a razão do medo e da coragem, a razão do cansaço e a do descanso. Deitar no colo de um filho é descobrir quanto seguro pode ser o mundo, porque naquele instante, nada é capaz de atingir-nos. Os filhos nos tornam adultos, fortes, deixamos de ser filhos e passamos a ser pais. Temos que saber tudo e ao mesmo tempo aprender com eles. Ver um filho morrer é o pesadelo de toda mãe, o medo diário de

quem sabe da fragilidade da vida e do poder da morte.

Dona Tereza pensava tudo isso e rezava, para, por fim, pedir a Nossa Senhora que deixasse Francisca com ela, um pouquinho mais, ao menos tempo suficiente para que ela fosse primeiro. Assim deveria ser. Era a ordem natural das coisas.

Fran no quarto podia sentir a prece da mãe, o amor do marido e das filhas, o carinho dos amigos. Não conseguia reagir e teve muito medo de que fosse o fim. Rezou então pela quarta vez na vida.

Enquanto estava naquele torpor de sedação e pensamentos, sonhou com o rei Ludovico, com sua amada, com suas noites de amor. Lembrou das suas com Ricardo, do calor das mãos dele, do calor dos olhos dele. Do poder que ele exercia sobre ela, ela não podia partir. Como poderia reagir?

Começou a forçar os movimentos dos pés, tentou abrir os olhos, mexer as mãos... Em vão, a única coisa que remexia sem parar eram os seus pensamentos.

A equipe laranja isolou a cama de Fran dentro do tubo magnético e começou a sessão de carga nuclear invertida inventada pelos russos. Ela nunca sentiu tanta dor, a máquina começou a tirar o chumbo do sangue de Fran e ele começou a ser puxado para fora de seu corpo pelos seus poros, não havia um poro do corpo dela que não estivesse sangrando e ela teve outra parada cardíaca.

Ricardo começou a suar frio com o alarme, sabia que aquele som poderia ser o fim, o fim do único sentido que teve na vida. Entrou porta adentro e viu o pavor nos olhos de sua sogra que permanecia ajoelhada na sala de espera. A equipe de resgate os levou para fora da antessala, reanimaram Fran e a

submeteram a novo bombardeamento de ondas invertidas.

Ela perdeu completamente os cabelos e as unhas. A dose desta vez foi tão forte, que somente liberaram o quarto no final do dia. Durante todo este tempo fora armado no corredor um verdadeiro centro de inteligência, onde por ordem do Presidente dos Estados Unidos a pedido do Presidente Brasileiro buscariam todos os meios de curar Fran.

A cada hora chegavam novas pessoas, de novas nacionalidades e começavam novamente as perguntas. Determinaram que Fran seria transferida e Ricardo somente soube disso quando o helicóptero chegou e começaram a tirar Fran do quarto. Toda a gritaria dele foi inútil. Estava certo de que muitos não o entendiam e os que entendiam, talvez por não terem respostas, o ignoravam.

Ele tentou acalmar Dona Tereza enquanto ligava para Sérgio que antes de atender ao celular adentrou no hospital, com as bochechas vermelhas e os olhos cheios de olheiras.

– Ricardo, desculpe, vim assim que soube da transferência, vai ser melhor para ela e para nós. A radiação do corpo dela não faz bem a ninguém. Ela será enviada para o quartel do governo americano nas proximidades da Finlândia, mas terá que ir sozinha. Você tem de confiar que o que digo é verdade e que é a única saída.

Nessa hora Ricardo viu Fran sair do quarto. Ela estava irreconhecível, muito branca, sem os cabelos, sem as unhas, parecia sem os dentes, parecia sem alma... Ele a amava mesmo assim, pediu apenas um momento que por ordem e interferência de

Sérgio lhe foi concedido. Aproximou-se, pegou uma das mãos da mulher, sujou de sangue dela as suas, beijou a mão com ternura, a mão que tantas vezes o levou ao prazer, que tantas vezes com o dedo em riste não lhe deu razão, a mão da mãe de suas filhas. Temia que as meninas não pudessem conviver mais com a mãe, sentiu tanto amor que sentiu dor. Beijou a testa de Fran e sussurrou em seu ouvido:

– Amo você!

Fran nada ouviu, sentiu um enorme calor, não conseguindo mais manter o pensamento em seu corpo. Vagou, deixou que a alma saísse de seu corpo, viu a cena de cima. Ficou aterrorizada, o choque fez com que voltasse ao corpo e a aceleração de seu coração fez com que afastassem Ricardo. Ele a deixou ir, mais uma vez.

- Ricardo, precisamos conversar. Disse Sérgio com gravidade na voz.
- Está bem, deixe apenas levar Dona Tereza ao hotel e aí você me pega às 20h00, ok?
- Não, vou com você.

Abraçado a Dona Tereza, Sérgio entrou no carro e por todo o percurso seguiu segurando as mãos dela, ela não parou de orar um só segundo. Quando chegaram ao hotel ele lhe disse:

- Vou tentar tudo. Quando disserem que não há mais nada, vou tentar mais. Vamos conseguir. Ela levantou seus olhos claros e muito tristes e com um sorriso de obrigada disse apenas:
- Deus te ouça e te abençoe. Você sempre foi um bom amigo.

De volta ao carro após instalar a sogra na suíte do Hotel, Ricardo mal podia dirigir e Sérgio foi lhe mostrando o caminho, no meio da estrada, ele pediu que parasse o carro, desceram a pé até a beira do morro e ali foram pegos por um furgão. Levados a uma espécie de caverna tecnológica, coisa de filme de ficção científica, com telões, portões com senhas, luzes e raios X em cada entrada. Estavam dentro da principal sala da Ordem na Holanda.

– Encontraram este lugar esvaziado, com os equipamentos ligados porque após uma pequena explosão o sequencial falhou e o incêndio que começara não foi forte o suficiente para vencer a ação dos bombeiros. Disse Sérgio.

Ricardo não conseguia ouvir nada, estava com o olhar fixado na tela onde passavam imagens de

Fran: fotos, documentos, filmes, currículos, a casa deles, o escritório dela, as fotos dos funcionários de Fran, uma devassa.

– Ricardo, você está me ouvindo?

Ele não estava. Pegou a cadeira que estava em sua frente e arremessou na parede, começou a quebrar tudo. Foi impedido por Sérgio:

– Ricardo, escuta, são pistas, para, caralho! Para. Pensa cara. Vamos pensar juntos, achar alguma coisa que possa ajudar Francisca. Vamos lá, calma.

O embaçado dos olhos de Ricardo começou a arrefecer. A clareza voltou à sua visão. Sérgio tinha razão, para ele manter a razão era quase impossível, sentia como que chegando do enterro de Fran.

– Você tem razão, me desculpe. É que a sensação que tenho é de ter enterrado Fran. Vamos abrir os olhos, veja lá na tela a imagem dela, seus movimentos, faço qualquer coisa para pegar estes desgraçados.

Enquanto isso, o avião que levava o corpo de Fran pousava no quartel americano. Eles retiraram a maca e entraram com ela no quarto branco, sem janelas e paredes de aço. Ao lado dela todo o equipamento de descontaminação e antirradiação que pudesse existir. Os médicos que a acompanhavam entregaram o prontuário de Fran aos novos médicos da equipe do exército e as Lottas que ainda ajudavam naquela base.

– Quem cuidará da Fran? Quem está com ela?

Questionava um agitado e inseguro Ricardo.

– Ricardo, ela está em boas mãos. Esta base americana na Finlândia é especializada em cuidar de espiões, heróis de guerra, pessoas que não existem... A força militar é auxiliada pelas Lottas, um corpo de mulheres voluntárias, que surgiram durante a guerra e mesmo depois se tornaram um organismo de ajuda humanitária com várias ações na Finlândia. Elas darão atenção a Fran.

– Eu vou vê-la novamente?

– Pedi ao Presidente e ele tentará uma visita assim que for possível, foi o máximo que ele conseguiu. Os médicos dizem que ela passará por tratamento intensivo nestes dias e o contato com ela poderia ser fatal para você. Além de ser uma base secreta.

– Besteira, não se mata quem está morto.

–Vamos Ricardo, anime-se, ainda não é o fim. Vamos olhar em volta, me ajude, ponha sua raiva a nosso favor.

König

– Desculpe-me, Sérgio, você tem razão. Vamos pegar estes filhos da puta.



Lotta Ellina foi designada para cuidar de Fran. Quando olhou dentro da cápsula em que ela estava, muitas lembranças vieram a sua mente.

Lembrou de um antigo espião na Segunda Guerra que chegou no mesmo estado de Fran, quase sem pele, sua vida escorria pelos poros, assim como aquela moça. Mas estávamos em 2008, como isso era possível? Quem teria feito isso? De onde ela seria? Esticou o braço para alcançar o prontuário de Fran, leu com muita atenção, ficou com muitas dúvidas. Pediu uma audiência com o General responsável pela paciente.

–General, prostrando-se em sentido perante o homenzarrão, começou a perguntar, qual a situação de fato? O prontuário é incompleto e não fala nada da paciente. Qual a sua história?

–Elli, como era carinhosamente chamada por todos. É uma paciente brasileira, enviada pelas forças especiais da ONU, a pedido do Presidente dos Estados Unidos. Não sabemos no que estava envolvida, mas pelos coadjuvantes deve ser numa questão muito séria. Não bastasse, apesar de estar morta, recebemos ordens expressas de salvá-la. Como faremos isso? Ressuscitar alguém, isso nunca fizemos...

– General, qual a droga?

– Além do inverno chegando?

– Estou falando sério!

– Não sabem. Imaginam ser a PH21 russa, mas o antídoto não funcionou, então teremos que descobrir.

– Eu sei. Desafiou Elli.

– Sabe? Espantou-se, mas não muito o General, afinal, o que ela já havia visto daria para escrever uma enciclopédia de maldades.

– I39. Respondeu a Lotta.

– Iron 39? Não é possível! Após o final da guerra fria, os governos se comprometeram a acabar com todas as amostras de todos os materiais envolvidos em pesquisas da época.

– Claro General. E quantas vezes o senhor viu o papai Noel, ele mora aqui tão pertinho, na Lapônia...

– Elli, estamos falando de segurança nacional, mais, segurança mundial, sob risco de severas sanções da ONU.

Ellina cortou o discurso patriota do General.

– Está bem, mas se quiser cumprir a ordem de salvar a moça, pode acreditar, trata-se de I39. Lembra-se

daquele espião que foi enviado para cá após a Guerra de Inverno, no mesmo estado que esta jovem? Nós éramos tão jovens, tínhamos tantas esperanças de que as coisas seriam diferentes.

Lembro que assim que cheguei à base, comecei revolucionando a relação enfermeira-paciente, organizei saraus, convoquei músicos, artistas, para tentar amenizar o clima de guerra.

Hoje vejo que era um erro, nos enganávamos por alguns momentos, quando devíamos estar em alerta máximo.

- Elli, só sobrevivemos por causa destes momentos.
- Obrigada General. Pois bem, ele chegou aqui igual a ela, tenho certeza, vou pegar minhas anotações.

König

Tomara que ela tenha razão pensou o General.
Salvar o que já está perdido não é minha
especialidade.

Naquela mesma hora, na única sala da ONU que não funcionava dentro do prédio da ONU, e que para todos os efeitos não existia, estavam reunidos todos os guardiões, cuja existência é negada por todos.

O memorando sobre o assunto foi distribuído e um deles começou a ficar muito nervoso. Era o guardião de HANSEN, Jens Hansen.

– Senhor Isaac, algum problema? Perguntou o guardião chefe.

– Talvez a solução. É um dos meus protegidos que está para ser descoberto. Os dois tataranetos do Rei, hoje moram em Copenhague, na Dinamarca. Ele é um importante embaixador, ambicioso e perigoso a qualquer propósito pacífico. Já iniciou muitos conflitos, principalmente com a Suécia. Seu pai faleceu quando ele tinha cinco anos e sua avó foi

König

uma cientista medíocre e seu bisavô – o herdeiro legítimo do trono, filho do Rei e Anna Sophia. Foi removido da Alemanha para que não se casasse com a Rainha, sua prima direta e pusesse a história em perigo. Sua tataravó ao que consta nos registros, a mãe do herdeiro de Ludovico II, morreu ainda jovem, após ter enviado o próprio filho com o Joseph Wagner Wangler, um importante soldado do Rei, para Portugal a fim de protegê-lo após a morte do rei.

Continuou o Sr. Isaac:

– Em outras palavras, não chegaram até ele, mas já chegaram pelas informações de nosso homem infiltrado na ordem até a ida do soldado para Portugal, se chegarem ao tubarão do Hansen,

estamos perdidos. Ele iria reivindicar a coroa e seria um caos.

– E o outro protegido? Você disse tataranetos...

Insistiu o guardião chefe.

– Outra. Uma religiosa que mora num convento na Suécia, em Estocolmo.

– Ela sabe? Perguntou o guardião que estava à esquerda de Isaac.

– Claro que não. Ninguém sabia até o início do mês.

Nem a Ordem sabe quem são. Apenas conhecia o segredo original.

Lá no convento, dentro de seu quarto a irmã Anna teve seu corpo envolvido por um vento muito frio, seguido de um demorado arrepio. Fazia anos que ela não tinha esta horrenda sensação. Da última vez, foi no dia da estranha morte de sua avó. Lembrou-se da carta que recebeu e resolveu ler suas palavras novamente: “Querida, saiba que não é bom saber tudo. Mistérios como a fé são necessários para que se tenha coragem de acordar na manhã seguinte. Perdi minha fé e com ela minha coragem. Nunca perca a sua. Beijos em seu coração real, vovó.”

Junto com a carta veio um caderno de anotações, quase um diário de sua tataravó onde ela contava a linda história do romance de uma jovem com um rei. A história tinha passagens encantadoras. Voltando no tempo, a Irmã Anna, leu:

König

“É a primeira manhã do outono. As folhas cobrem a grama que ainda está verde, tingida pela chuva do verão que acabou de passar. Ele está voltando do castelo de caça, vem me ver. Coloco meu mais primoroso vestido, o espartilho mais apertado, as meias que deixei embaladas nas pétalas das rosas que me mandou. Lavo os cabelos com alfazemas francesas e no sexo coloco folhas de uva. Após secar ao vento ainda morno da tarde, prendo as madeixas no alto da cabeça, em meio coque. Coloco entre os seios, duas gotas de perfume importado.

Passo pó no rosto para alcançar a brancura dos anjos. Traço sobre os olhos risco negro e firme, de ponta a ponta. Coloco o vestido de seda azul que ele me mandou bordar como se rainha fosse. Ah, em seus braços não sou nada, sou divina, sua deusa, sua escrava. Não vejo a hora que chegue. Com seu cavalo, seu uniforme, as melodias de seu amigo Wagner. Não vejo a hora de estar nos seus braços. Rei da minha vida. Vida longa ao rei. Ao meu rei “

A próxima narração já era do dia seguinte:

“Ele chegou na hora marcada, como sempre, com o rosto marcado pelo vento, seus cabelos estavam misturados com a poeira da estrada, seu cheiro era de suor de cavalgada. Suas mãos nem grossas nem suaves, tinham a força ideal, idem aos braços que em abraços envolventes me levaram a cama, cama tantas noites vazias, que sobrevivia na esperança de vê-lo nela. Ah meu rei... Quando vais leva minha alma contigo, na lama coloca meu peito, nas nuvens minhas ideias, no impossível desta união meus sonhos. Volta logo com meu espírito, pois só de corpo não poderei manter-me viva. Só sou viva ao lado teu.”

Virou a irmã várias páginas, chegou no trecho da narrativa que mais a impressionava, a letra

trêmula deixava transparecer emoção pura, leu o seguinte trecho em voz alta:

“Dentro de mim pulsa o filho do rei, sei que é homem, sei que é meu e dele. Não sei o que será além de herdeiro de minhas emoções, vítima de minhas escolhas. Temo por esta vida. Fruto do mais puro amor. Será o amor maior que o poder? Será o poder superior ao que sentimos? Será o reinar maior que o ser pai? Como tornar possível o que não existe? Bastardo? Será este o teu destino? Coloco a mão em meu ventre, já grande, já indisfarçável, já real. Sinto o pulso da criança em mim, do pequeno homem, da proibição. O que será de nós nesta vida? O que será de nós no céu? Ainda teremos direito a ele? De onde vem esta alma que tanto sofrerá? Vem a este mundo atrás do pôr do sol? Vem para ver a seca dos rios, a queda das folhas, a explosão das flores? Virá para trazer a paz? Será mensageiro da guerra? Será guerreiro da terra? Será um

König

pássaro, livre no ar? Será sobrevivente deste amor escondido? Será prisioneiro da sina real? Será capaz de enxergar além dos moinhos, por trás das montanhas, por dentro dos rios, por baixo das pedras do caminho? A única certeza que tenho é que serás meu e teu. Deus traz coragem ao meu coração, apazigua minha alma ausente, dá tranquilidade ao meu viajante pensamento. Ele está para chegar. As flores já brotam nas macieiras. O que dirá o rei quando olhar o tamanho do meu ventre? Tirará a criança de mim?

Já levou consigo minha essência, levará minha esperança? Fecho a janela para ganhar tempo, rezo para ganhar coragem. Mais uma folha brota, trazendo consigo novo broto de flor, o perfume se espalha, no dia segundo após a primavera ele virá e a angústia da espera terá chegado ao fim, será a hora da verdade: preferirá a honra ou a mim, a nós? Guarde-me, Deus."

Lá no passado o barulho dos cavalos invadiu a casa de Anna Sophia, logo ela ouviu a porta abrindo e os gritos de: Cheguei, onde você está? Ecoaram pela casa e pela sua cabeça.

– Estou aqui, nos fundos. Respondeu Anna Sophia sentada na beira da floreira dos temperos, com as mãos cheias de alecrim. O sol iluminava sua pele e seus cabelos nunca estiveram tão brilhantes. Seu sorriso escondia algo bem no canto da boca.

Ele correu ao encontro dela. Logo a abraçá-la sentiu que havia algo entre eles. Olhou nos olhos dela, descendo a mão até sua barriga, sentiu seu filho mexendo por dentro de Anna. Um arrepio de sentimento novo percorreu o corpo do Rei. A sensação de fazer algo por si, criar do zero, trazer dos

céus uma alma, ser agraciado com a extensão de sua vida, fez com que se sentisse muito poderoso. Era um momento sem palavras. As árvores estavam paradas, pequenas poeiras de pólen voavam pelo ar.

O ar era rarefeito, a respiração ofegante e descompassada, nada precisava ser dito. O que se sentia era o bastante. Foram andando lentamente até o fundo da casa, o Rei puxou a coberta que estava estendida no varal do lado de fora e forrou a grama com ela, fez com que Anna se deitasse.

Nunca ficaram tão quietos. Ele começou por beijar o seu corpo, acariciar seus seios já aumentados, acarinhar sua barriga e costas. Beijou seu pescoço, suas orelhas, sua testa, suas mãos e cada um de seus dedos, beijou seus cabelos que estavam muito cheirosos. O perfume de Anna misturou-se ao da primavera, ao do alecrim, ao da coberta recém-lavada, ao da vida que gerava e o Rei depois de

passar por seu corpo todo, sem receio, sem rodeio, invadiu o corpo dela, foi gentil e frequente.

O encaixe dos corpos não terminava. Os olhos não se soltaram um minuto, os olhares se invadiam, confundiam, as mãos mesclavam-se. Depois da dança, ao final da música, a semiconvulsão fez com que os olhares se soltassem, as pálpebras fecharam e as mãos se entrelaçaram com mais vigor.

Os corpos sedados, sedentos, deixaram-se levar pela energia do momento e ficaram-se inertes, imóveis, apenas com os peitos arfando, ali mesmo, no chão, sob a chuva de pólen.

Alguns minutos depois a primeira palavra. Disse o rei:

– Ele é meu. Vamos encontrar uma saída para tua origem, um novo tempo se inicia, vou acabar o

König

castelo e vamos nos mudar para lá. Nada irá nos impedir.

Anna, a tataraneta não entendia porque aquela paixão não dera certo. Era de outra época, não conseguia compreender as obrigações do poder, embora estivesse envolvida na mesma rede de obrigações que envolvera Anna Sophia e o Rei. Como religiosa, tinha uma vida cheia de regras, cheia de privações. As pessoas daquela família não conseguiam ser felizes. Só Anna sabia dos motivos que a levaram àquela escolha, mas estavam tão escondidos que ela não mais se lembrava deles. Sua sexualidade se resumia a ler o diário da tataravó, seus relatos apaixonados.

Do outro lado do continente, Elli continuava tentando convencer o General das causas dos problemas de Fran:

– Veja só, não disse? Radiação causada pela reação química do ferro enriquecido com I39, veja as fotos

dele. Igual a ela. A cura foi uma infusão de quatro tipos de ervas cultivadas na mesma região onde foi desenvolvido o I39, na China.

– Quais são Elli? Perguntou empolgado o General.

– Este é o problema, não mais existem. São quatro sementes que guardam em seu DNA a cura para radiação provocada pelo I39: uma deve ser diluída em soro e injetada, a outra inalada, a terceira espalhada pelo corpo como loção e a quarta ingerida.

– Como não existem? Perguntou o General, perdendo a empolgação.

– Na última invasão alemã ao nosso quartel, foram todas confiscadas e levadas pela Gestapo. Podem estar em qualquer lugar ou terem sido queimadas ou simplesmente jogadas no lixo.

– Precisamos tentar. Descreva-as para mim agora mesmo que vou enviar um alerta pela rede.

König

Elli ditou e enviou o documento digitalizado com a foto das sementes ao General. Ele as enviou a rede do comando e determinou a sua localização.

– Pronto, disse o General, agora é só esperar.

Enquanto, longe dali, Dona Tereza rezava, Elli sentou-se na cadeira em frente à cama de Fran e começou a ler um livro para ela. Fran nada ouvia, seus pensamentos eram confusos, um misto de desentendimento e dor.

Na sala da Ordem eles buscavam informações, qualquer uma. Ricardo só pensava em ir embora. Seu peito estava apertado e doía provocando falta de ar. Aquela imagem de Fran no telão só aumentava a sua dor.

– Filhos da puta! Sérgio me prometa uma coisa, quando souber quem são, seja quem for, me diga, antes de qualquer um.

– Ricardo, sei que para você é muito pior que para mim, mas acredite, amava Fran. Vou fazer tudo para

que ela seja salva. É nisso que temos que nos concentrar agora.

– Filhos da puta... Disse, mais uma vez, Ricardo, olhando para a tela que agora exibia uma mensagem do General Willians Körn, da base de Vyborg, Finlândia, e a mensagem dizia: “Senhores, estamos com uma importante pessoa em nosso quartel e suspeitamos que a mesma esteja contaminada com I39. Em nossos registros houve um caso anterior em que outra peça foi curada pelo composto chamado, as “ 4 ervas da China”. O último paradeiro do kit que tínhamos em nossa base, foi levado na Segunda Guerra pelos alemães, que devem tê-lo escondido em alguma de suas bases. É a única chance que temos. Seguem as imagens documentadas e pedimos que as respostas sigam para este e-mail. Para entregas utilizem as aeronaves da Prescott Support. Friso a urgência.

Código 1001-1"

– Eles tinham acesso aos dados da ONU, da CIA, de onde mais? O que é o código 1001-1? Perguntou um Ricardo muito confuso.

Sérgio que já estava ao telefone com Marcelo passando as informações, fechou a cara ao responder:

– 1001-1 significa morte em horas...

– Filhos da puta, disse Ricardo mais uma vez. Que ervas são essas? Onde posso encontrá-las? Sérgio fique atrás deles, vou procurar informações sobre as ervas.

– Você está bem? Tem certeza que quer envolver-se tanto? Perguntou o Ministro.

– Já me envolveram, não acha? Retirando o celular do bolso, fotografou a imagem do telão onde estavam estampadas as ervas.

– Boa sorte. Dê notícias. Leve esta credencial e este telefone por satélite, podem ser úteis. Lembre-se que muita gente está atrás destas ervas e, outras, de quem está atrás delas.

Falando isso, após um abraço se despediram e Ricardo deixou o abrigo em uma moto cedida pelo policial que acompanhava Sérgio.

A investigação prosseguiu por mais ou menos 2 horas, até que perceberam uma parede falsa e ao derrubá-la, Sérgio ouviu um grito:

– Senhor, disse um dos agentes que acompanhavam Sérgio, veja isso...

Quando Sérgio olhou não podia acreditar no que via, telões e mais telões com câmeras de segurança de diversos locais, inclusive da sala inexistente dos protegidos da ONU.

Então ele entendeu tudo, os protetores e a Ordem estavam juntos e este era o maior segredo de todos. Sérgio viu uma pequena luz que começou a pulsar quando entraram na sala, sem fazer qualquer alarde de que tivesse compreendido o fato, começou a afastar-se e saiu correndo o mais rápido que podia, gritando para que todos fizessem o mesmo. A explosão que seguiu ainda o pegou no meio da fuga, arremessando seu corpo para bem longe, caindo na beira da montanha, aos pés do riacho criado pelo degelo. Olhou para cima e pôde ver um carro preto saindo em alta velocidade.

Ele teria que se esconder, ao menos por algum tempo. Precisava avisar Ricardo.

Depois de relatar tudo o que aconteceu pelo celular do assessor da embaixada, Ricardo disse:

– Você está bem? Que merda! E agora? Conseguiram alguma pista?

– Nada saiu de lá, apenas o que vimos. Vou voltar para o Brasil, por ordem do Presidente, ele acha que a confusão pode alcançar proporções diplomáticas. Continuarei te auxiliando, o que precisar, me peça. Buscarei apoio do Presidente para esclarecer a situação. E as ervas, notícias? Relatou Ricardo:

– Falei com o Michael, o Presidente do Banco em que trabalhava, ele é alemão e seu pai foi do comando na Segunda Guerra, maldito nazista. Disseram-me que muitas das coisas apreendidas nos países europeus foram enviadas pelos Estados Unidos de volta aos países de origem, e muitas outras ficaram em museus nos próprios países invadidos. Havia um

grande quartel da Gestapo na Dinamarca, em Copenhague.

Ele disse que se tivesse que apostar, apostaria no museu nacional, a coleção chinesa é enorme, além de uma vaga lembrança de ter vistos potes com sementes e chás no museu, na última vez que esteve por lá. Mostrou-me inclusive uma foto destes mostruários com as ervas. Por falta de opção vou na mesma aposta.

– Ok. Dê-me notícias. Estarei a bordo do jato, com o telefone ligado o tempo todo.

– Ok. Falamos depois.

Ricardo passou no hotel, beijando a testa da sogra pediu a Dona Tereza que voltasse para casa e fosse com as filhas para a fazenda. Depois do que Sérgio lhe contou, todos corriam perigo. Esperou que

ela arrumasse suas coisas e levou a sogra para o aeroporto, comprando uma passagem para ela no próximo voo.

– Filho, cuide de Fran, está bem? Cuide de minha garota. Cuidarei das suas.

Beijando a sogra, ele mesmo foi ao guichê comprar a sua passagem para Copenhague, pagando em dinheiro. O próximo voo somente sairia dali a 3 horas. Aproveitou o tempo para tentar equacionar o pensamento. Ele era muito bom nisso. Era tudo tão absurdo que sua linha de raciocínio cartesiana não conseguia checar as informações. Fechou os olhos e pensou em Fran.

Fran, na cama da base americana, era só sentimento. Parecia ausente de sua própria alma. Pela primeira vez teve certeza de que estava morrendo, convulsionou novamente, fazendo com que Elli entrasse correndo no quarto e iniciasse o processo de desmagnetização uma vez mais. Mais dor, mais sangue pelos poros, menos esperança.

Pobre criatura, pensou Elli. Controlou a crise de Fran e foi até a sala do General. Quando ela abriu a porta já falando, o que viu fez com que se calasse: ele estava morto, com sangue escorrendo pelo canto de sua boca. Cheirando seu hálito percebeu que foi envenenado.

Sentiu muito a morte dele, foram companheiros por quase 40 anos na base. Eram grandes amigos. Elli fechou os olhos do General e

colocou em seu peito sua medalha da guerra, que ficava na primeira gaveta de sua escrivaninha. Tinha uma nova guerra agora e sobreviveria. Olhou pela última vez ao General e queria que nada daquilo tivesse acontecido.

Olhou ao redor e seja lá quem tenha feito aquilo foi alguém lá de dentro! Logo ligou Fran ao fato e percebeu que seguir o código não seria suficiente, todos da base conheciam o código, certamente quem matou o General também. Lembrou-se de seu juramento de Lotta e reunindo todas as forças que restaram do passar dos anos, desceu pelo túnel mais escondido da base e levou Fran na maca para o abrigo nuclear.

Ninguém conhecia aquele lugar, somente as Lottas. Lá estariam seguras. Abriu o compartimento de remédios e aplicou uma injeção em Fran, aproveitou e tomou um remédio para dor de cabeça

e dois comprimidos de cafeína, não podia dormir, precisava manter a máxima atenção.

A diversão ia começar, pensou. Sentou-se na frente do monitor de vigilância e viu a base ser invadida. Explosões, tiros, gritaria. Sorte que havia poucas pessoas na base. Não eram mais que 10, ela a única Lotta, o que lhe garantia o sigilo de seu esconderijo.

– Pronto. Agora somos só você e eu, disse olhando nos olhos parados de Fran. Pôde ver quando entraram no quarto em que Fran estava.

Mediram a radiação e a presença de fluidos recentes, ouviu o homem mais alto urrar. Elli confessou a si mesma que estava adorando tudo aquilo, esta era sua vida que ficara adormecida por décadas.

Esta sim era daquelas vidas que valia a pena guardar, deveria ser muito valiosa... Qual seria seu segredo, o que não contou?

Resolveu escanear o rosto de Fran atrás de informações e a primeira delas causou em Elli temor: estava sendo procurada pelos guardiões e sabe-se lá por mais quem, por quase todos... Eles normalmente encontram quem procuram. Ela temeu, pois sabia que havia Lottas a serviço da Organização. E se alguma falasse do esconderijo? Ela precisaria achar forças para seguir com o plano. Preparou o transporte, olhando para Fran teve certeza de que ela não sobreviveria. Falou com ela:

– Filha, temos que sair daqui. A viagem é dúvida, o ficar certeza da morte. Um pensamento interrompeu sua fala, e se as Lottas a serviço da organização

König

contarem do transporte? Certamente contariam...

Pensou isso com brilho nos olhos.

Na sala da ONU chegaram as Lottas convocadas. Foram questionadas sobre a base, sobre esconderijos, sobre rotas de fuga. Disseram que uma Lotta estava com a prisioneira e que corria perigo, elas precisavam passar a localização exata. A Lotta mais velha perguntou quem estava com a prisioneira e eles disseram:

– Elli.

A Lotta mais velha, então disse:

– Não se preocupem, ela não corre perigo algum, correm perigo os que a perseguem. Ela manterá a protegida viva.

– Este é o problema, a queremos morta, disse com frieza o homem mais feio que Emma já havia visto.

- Por quê? Ela questionou.
- Não é da sua conta, disse o homem.
- Muito bem, em não sendo da minha conta, vou embora.

Ela só parou quando ouviu a voz da Lotta mais nova:

- Eu conto.

Emma gritou:

- Não faça isso. Ela sabe o que fazer, se está protegendo alguém é porque entende que o sistema está errando. Temos que apoiá-la! Lembre-se do nosso juramento!
 - Não, temos que apoiar nossos superiores.
- Respondeu a outra.

Emma sentiu ódio como há muito não sentia. Não lhe restou alternativa a não ser ficar e ouvir.

– Senhor, temos um abrigo secreto, que somente nós conhecemos. A senha muda todos os meses e é enviada pela central. O único problema é que há uma embarcação submarina na base que deve ser usada nestes casos. O que certamente já ocorreu. Vocês estão procurando no lugar errado. Peçam auxílio da marinha e busquem um pequeno meio de transporte submarino.

Elli preparou o transporte, colocando peso no mesmo, radar e outras parafernálias detectáveis e lançou o mesmo através do piloto automático em direção à Rússia, cuidou de inserir uma câmera no equipamento e conectou ao seu sistema. Lançou o transporte no mar com uma prece, uma prece para que se fudessem! Todos eles, à merda!

O homem da coordenação ligada à célula desconhecida da ONU determinou que a Marinha fosse acionada e olhando para a Lotta questionou:

– Qual seria a rota?

Ela pensou um pouco e disse:

– Rússia ou Suécia.

Ele repetiu no rádio:

– Comandante, Rússia ou Suécia.

Emma queria esganar a Lotta ambiciosa, foi seu último desejo, o homem atirou nela ali mesmo na mesma hora. Ele e a outra saíram abraçados da sala, deixando Emma para trás. Ao passarem pelo guarda da terceira porta, ele disse:

– Clean.

O segurança entendeu, mais alguém havia morrido naquela sala. Ele estava cansado disso tudo, até quando sangue, mortes, segredos. Entrou na sala e antes de fazer o seu serviço fotografou tudo, ficando muito triste, afinal aquela Lotta lhes prestava serviço por muitos anos, isso era o que chamavam naquele lugar de gratidão! Ele abandonara o exército pensando tornar-se soldado da paz, de uma

König

organização acima de qualquer suspeita e chegou à conclusão de que: paz e guerra, certo e errado são conceitos mutantes, temporários e relativos.

Isso o incomodou muito. Operou conforme o manual, menos o fato de deixar tudo registrado na câmera do seu celular...

Elli enviou um alerta em código para central das Lottas, havia encontrado em seus registros que as ervas provavelmente estariam no museu de Copenhague, pois outro espião russo com os mesmos sintomas fora tratado com as mesmas ervas e elas estavam no museu.

Recebeu o sinal de volta. Sem se identificar – não sabia em quem podia confiar – emitiu o seguinte alerta: paca booond pedi. Traduzindo, o que Elli pediu é que as ervas fossem protegidas para que pudessem ser utilizadas em uma pessoa protegida por ela. Na mesma hora, uma mensagem chegou a uma Lotta afastada, tal qual soldado da reserva, que agora morava num convento na Suécia, a Lotta mais próxima da Dinamarca.

Meio enferrujada para entender a mensagem, Anna fechou o diário de sua tataravó e precisou

consultar o manual para entender a mensagem. Sentiu o sangue na face novamente, era disso que ela precisava. Talvez fosse isso que sua tataravó lhe dissesse todos os dias: coragem para viver, para correr riscos, para morrer. Dar e tirar a vida, disse ela várias vezes em seu diário.

Anna pediu seu desligamento no convento, como reclusa por opção não precisou falar com mais ninguém além da madre superiora, pegou o primeiro voo e foi na mesma hora para Dinamarca. Em 50 minutos estava dentro do avião.

Em menos de duas horas, pousou em Copenhague, xingou o homem que saiu correndo do aeroporto na sua frente e furando a fila pegou o primeiro táxi, o táxi dela.

Ricardo desembarcou em Copenhague e começou a lembrar do último passeio que havia feito com Fran no Tivoli. Como a vida deles era boa,

pensou com muita saudade. Que merda, foi o próximo pensamento. Sem mais pensar pegou primeiro táxi na frente do aeroporto, furando a fila e ignorando os xingamentos da moça que estava no primeiro lugar. Embarcou dizendo:

– Para o museu nacional. Anna entrou no próximo táxi e falou:

– Para o museu nacional, por favor.

Elli não podia fazer mais nada por Fran, a não ser amenizar o seu sofrimento. Ligou Bach no seu ipod e colocou nos ouvidos de Fran, colocou sobre seus olhos uma compressa de uma erva local tipo camomila, passou creme nas mãos e nos pés de Fran, colocou uma touca de tecido na cabeça sem cabelos daquela misteriosa mulher. Fran, só alma, recebeu de

bom grado aquela atenção, quase um carinho e agradeceu muito por aquele anjo em sua vida. Por mais uma vez teve a sensação de que a morte estava bem próxima e realmente estava. Nem bem Elli acabou o banho íntimo de Fran, ela teve outra convulsão. Lá no esconderijo havia muito pouco a ser feito. Elli a virou de lado, e deitou-se sobre seu corpo para acalmá-la, a convulsão demorou 20 minutos e no fim, Fran começou a vomitar sangue. O que fez com que Elli começasse a perder as esperanças.

O som ensurdecedor que veio pelo túnel por onde ela enviou o transporte marítimo confirmou as suas suspeitas, haviam explodido o transporte. Pronto agora em que pensavam que estavam mortas poderia sair para ao menos pegar o desmagnetizador e alguns remédios para Fran.

Na sala que não existe da ONU todos comemoravam. A última ameaça ao segredo de um dos protegidos havia sido eliminada, mais uma vez.

O telefone do Ministro tocou, era Marcelo, meio sem graça dizendo a ele que a missão havia sido finalizada e o segredo mantido.

– O que você quer dizer?

– Tudo limpo. Pistas e testemunhas. Eles não sabem que vocês sabem e eu não contarei em nome de nossa amizade, estão seguros.

– E Fran? Está morta?

– Sim.

– Filho da Puta. Como assim? Morta? Não estava segura? Confiei em você. Ela era minha amiga, pessoa de confiança do Presidente, mãe de lindas meninas, esposa de um grande amigo, e filha de Dona Tereza.

Marcelo, friamente, respondeu:

– Sérgio, quantas vezes nossos atos desagradam? Por quantas vezes alguns são sacrificados em benefício de muitos? Você tem ideia do que significaria agora a volta de um líder da Bavária? A alteração da Europa agora unida? Em protegendo sua amiga, dezenas de milhares de vidas seriam perdidas, a credibilidade do sistema afetada, política, economia e até saúde pública entrariam em colapso. Muitos surtos de doenças seriam apontados como obra do sistema. Você faz parte do sistema meu amigo, não me venha com falsos discursos, a questão é densa, é nossa guerra privada, onde alguns soldados sempre acabam sendo sacrificados, não há guerra sem baixas.

Este era o demônio deles. Escolher quais vidas seriam sacrificadas, acreditando que isto valia a pena.

– Marcelo, vá à merda. Vou relatar o caso ao Presidente. É certeza?

– Não há dúvidas. A Lotta que cuidava dela, tentou uma fuga após a invasão a base. A Lotta informante do sistema passou o próximo passo do manual que seria a escapada pelo fundo do mar, num veículo assemelhado a um submarino.

Comunicaram a marinha e o veículo foi abatido, explodido, nos primeiro quilômetro de navegação, usaram munição nuclear e tudo desapareceu, da mesma forma que o último avião dos terroristas que seria arremessado sobre a Casa Branca.

Sinto muito, mas a manutenção do equilíbrio mundial não podia ser desestabilizada, muito menos agora, em época de crise econômica e forte mudança política nos Estados Unidos e na Europa, você é Ministro de Estado não se acostumou ainda a este tipo de procedimento? Baixa mínima para salvamento alargado.

– Está bem, ouvi a explicação. Marcelo, com todo respeito: vá à merda.

Sérgio desligou o telefone e ficou imóvel, como há muito tempo não ficava. O que estava fazendo de sua vida? De seus relacionamentos? A Fran vítima do sistema, não era possível. Uma vida como a dela não podia acabar assim, desaparecendo, sem corpo, sem nada, só o vazio. Passou por um daqueles momentos que passamos, às vezes, de contestação generalizada. Ligaria para Ricardo? O

que diria? Ricardo havia confiado em Marcelo porque ele havia dito que Marcelo era confiável.

– Porra.

Pegou o telefone e ligou para o Presidente:

– Você tem um minuto?

Pela falta de formalidade o Presidente entendeu que o assunto era muito sério. Respondeu:

– Venha tomar café da manhã comigo, traga seus problemas.

– Acho que desta vez nem você vai conseguir, disse Sérgio desligando o telefone e afrouxando a gravata. Não teve coragem de ligar para Ricardo, nem para Dona Tereza. Saiu e foi em direção ao Palácio da Alvorada encontrar o Presidente.

No caminho viu que a secretária de seu celular tinha uma mensagem perdida: “Sérgio, é Ricardo, estou na porta do museu e vou falar com o administrador para pegar as ervas. Ligo depois. Notícias de Fran? Até mais.”

A coragem de contar o que aconteceu diminuiu, ele deixou que o tempo passasse mais um pouco.

Ricardo na porta do museu perguntou ao guarda onde ficava o administrador e foi levado pelo guarda até a antessala da diretoria. Os dois minutos que passou esperando pareceram uma eternidade.

Anna desceu do táxi e entrando no museu pegou no balcão da entrada um mapa das galerias. A área chinesa era a que lhe interessava. Subiu pela escada do café aos fundos e passando pelos trajes dos guerreiros pegou a escada em caracol à esquerda, pronto, estava na ala chinesa.

O museu era pequeno e ela em menos de 5 minutos estava defronte às quatro caixinhas de acrílico exatamente como dizia a mensagem. Sementes e miúdas flores. Olhou em volta e viu as câmeras de segurança, como faria? Se aproximou bastante das caixas e logo um segurança chegou para

checar o que fazia, ela se afastou um pouco e simulou estar tirando fotos. O segurança foi embora e Anna chegou a sentir gotas de suor brotando em sua testa.

Ricardo entrou, enfim, na sala do Administrador do museu e tentou convencê-lo de que precisava de algumas amostras de umas ervas guardadas na ala chinesa. A princípio foi tido por louco, entretanto, após uma análise mais detalhada, o administrador do museu que era um homem muito culto e vivido, começou a observar as olheiras recentes de Ricardo, seu bom relógio, seu impecável asseio e pediu sinceridade:

– Filho, estou neste ramo há mais tempo que você tem de vida e acredite que este nem é o pedido mais estranho que já me fizeram. Não sei bem porque, acontece que a esta altura de minha vida, quase

sendo múmia igual as que aqui estão, aprendi a confiar em meus instintos e eles me dizem que você realmente precisa destas ervas. Que ervas são e para que?

– Senhor... Disse Ricardo, procurando pelo nome do homem em algum lugar...

– Malmon Begg.

– Malmon a história é irreal até para mim que a estou vivendo, e...

Foram interrompidos por um alarme muito alto vindo do quadro da segurança, na mesma hora o Sr. Malmon abriu a janela que tinha atrás de si e viu exatamente a luz da sala chinesa piscando, buscou com celeridade estranha aos seus quase 80 anos as imagens dos últimos minutos daquela sala.

O Sr. Malmon e Ricardo ficaram muito pálidos ao verem parte do rosto de uma jovem e bem claramente suas mãos abrindo umas caixinhas de

acrílico e retirando delas um pouco de seu conteúdo. Um sabia o que aquilo significava, o outro pôde imaginar.

– São suas ervas, disse Malmon.

Ricardo saiu correndo pelas escadas e muito rapidamente estava na calçada e viu na esquina os mesmos cabelos da sala chinesa, saiu correndo atrás deles. Anna estava muito arrependida do tempo de clausura, quase não conseguia mais correr, somente tendo a força da adrenalina que tomou conta do seu sangue conseguia mover-se.

Ricardo derrubou um jovem que vinha na bicicleta e saiu correndo atrás de Anna. Ela virou a esquina do parque Tivoli e contornando pelo Hard Rock Café, entrou na avenida onde ficava o quartel de Hitler durante a Segunda Guerra.

Ricardo cortou caminho pelo calçadão em frente ao cinema colorido de Copenhague e pegou Anna bem de frente. O choque fez com que ela caísse ao chão, suas mãos estavam tão presas na sacolinha com as ervas misturadas que a alça da sacola chegou a cortar sua pele. Ricardo viu a polícia virando a esquina e atirando o seu casaco e o de Anna no lixo a abraçou, forçando um beijo.

Anna tremia muito, não sabia se pelo medo, pela aventura ou pelo beijo. Não era beijada assim há muitos anos, embora seu espírito fosse regado com as histórias de sua tataravó, sua sexualidade ficou enterrada em alguma parte, muito distante, de sua vida. Ela se permitiu permanecer naquele beijo. A boca dele, ao contrário da de Anna estava acostumada ao beijo. Uma boca acostumada aos lábios macios de Fran, a sua pele terna e morna, aquela boca era fria.

Seus ouvidos perceberam que a polícia havia se afastado e ele fingindo com o dedo estar armado, disse a Anna:

– Quieta. Abrace-me e venha comigo.

Anna tomada por um sentimento muito estranho, confiou nele. E com os braços dele em sua cintura seguiu com o estranho até o Hotel Copenhague Plaza INN. Lá, em dinamarquês fluente, ele pediu uma suíte. Ela não tinha vontade de resistir. A vibração do beijo forçado deixou Anna emburrecida, ela não mais pensava.

Ao entrarem na suite, ele vendo que ela não resistia, pediu que sentasse e olhando nos olhos dela, perguntou:

– Quem é você? O que faz com estas ervas? Eu preciso delas. Minha vida está em jogo.

– São para salvar uma vida, ela disse, de uma mulher.

– Então, minha vida.

Ricardo rompeu-se num choro desesperado. Anna acostumada a homens loucos ou sem caráter, comoveu-se com a sinceridade daquelas lágrimas, eram recheadas de amor, carinho e algum arrependimento.

– São para uma mulher que está sendo cuidada por uma Lotta. Você sabe o que somos?

– Você é uma Lotta?

Sérgio saiu da conversa com o Presidente um pouco mais animado. O Presidente ligou para o gabinete do

Presidente americano que não confirmou os fatos relatados, confirmando um teste com munição nuclear próximo àquela base e que não havia recebido um boletim sobre a morte de Fran. O Presidente ainda tentou a ONU, sem sucesso. Buscou então auxílio a uns poucos camaradas que ainda viviam na fronteira da Rússia com a Finlândia e eles prometeram uma resposta em breve. O Presidente disse a Sérgio que ainda não era o fim. Sérgio fez força para acreditar no Presidente. Ele precisava acreditar.

A conversa entre Ricardo e Anna evoluía. Ela lhe contou da reclusão, do convento e ele contou a ela de sua vida, todos os fatos bem resumidos. Disse que precisava daquelas ervas para deixar sua esposa

viva. Ela pensou em negar a ele esta salvação e assim salvar a si mesma...

O telefone de Anna tocou, era mais uma mensagem de Elli, a mensagem traduzida dizia: "Não acredite em notícias falando da morte de minha protegida, estamos vivas e bem. Traga as ervas para a região dos lagos em Helsinki, estamos na sauna da antiga sede das Lottas."

Após arremessar o transporte no mar e ouvir a explosão, Elli aplicou algumas vitaminas e remédios radioativos em Fran, a induziu ao coma e pediu auxílio a um velho amigo. Ele apareceu por lá com uma ambulância UTI e foram para a sede das Lottas. Ser um fantasma traz a enorme vantagem da invisibilidade, ninguém procura quem pensa que já morreu.

Em seguida tocou o telefone de Ricardo, era Sérgio:

– Ricardo, sente.

Ele sentou, sem pensar. Temeu o que vinha a seguir.

– Fran está morta. Falou com voz muito embargada o Ministro.

Ele deixou cair o telefone no chão e ficou tão branco que Anna levantou da poltrona e correu na direção dele:

– O que foi? Ricardo, por favor. O que foi?

– Ela está morta. Não adianta mais nada. Ele disse a Anna.

Anna pegou o telefone do chão e ouvindo o homem do outro lado da linha gritar falou com ele em inglês:

- Senhor, o que aconteceu?
- Quem é você? Perguntou Sérgio.
- Isso não importa. O que aconteceu?
- Sra. é particular. Chame o Ricardo.
- Não posso, ele está catatônico. Ficou desesperado com o que o senhor disse. O que houve?
- Quem é você?
- O que aconteceu? Ela insistiu.
- Ele teve uma grande perda. Disse Sérgio.
- Sou uma grande amiga, mentiu Anna, vou cuidar dele. Peça que ligue depois, está bem?

Do outro lado da linha o Ministro nada entendeu. Anna abriu a geladeira do quarto e pegou

uma garrafinha de vodca, fez com que Ricardo ingerisse de uma só vez. O calafrio que ele sentiu o despertou da letargia, dizendo:

– Anna, ela morreu.

Com um suave sorriso, ela disse:

– Bem, eu não acreditaria nisso, ao menos por enquanto e leu para ele a mensagem de seu celular. Só pode ser a mesma pessoa. Venha comigo, não feche a conta do Hotel, se já chegaram a este ponto já devem estar atrás de mim.

Ela tinha toda razão, o alarme da sala dos protegidos soara pela segunda vez naquele dia e desta vez para avisar que Anna havia deixado o convento e comprado uma passagem para Copenhague.

Saíram do hotel abraçados como entraram, compraram uma passagem para a Suécia, chegando lá embarcaram no navio para Helsinki, iria demorar mais, mas o rastro dos dois ficaria perdido.

Pediram uma só cabine para não gerar desconfiança. Tiveram tempo de sobra para conversar. Ricardo entendeu como as Lottas foram criadas, para que serviam e ficou muito tranquilo em saber que Fran estava sendo cuidada por uma delas.

No meio da noite, enquanto Anna dormia, ele que agora acreditava em qualquer coisa e em nada, resolveu remexer nas coisas delas, achou seu passaporte, uma carteira com muitos euros, seu celular e um diário muito antigo. O livro antigo chamou sua atenção, ele começou a revirar suas páginas e a ler por cima os escritos, quando ia se concentrar em uma das páginas, viu no canto da

mochila a sacola com as ervas. Olhou atentamente para aquelas sementes e flores secas e quis acreditar que salvariam Fran. Adormeceu ali mesmo, sentado com a mão no diário, abraçado à sacolinha.

Anna acordou num sobressalto e ficou olhando para Ricardo. O que aquele homem estava passando? Sua mulher deveria ser muito especial para causar nele tanta dor. Passou a gostar de Fran, não como gostava de Ricardo. Pensou que o amor deles era igual ao personagem de sua tataravó e do homem do seu diário. Para perdoar Ricardo pela invasão começou a revirar suas coisas, abriu a carteira dele e viu a foto de sua família, ele com a mulher e as duas filhas. Eram lindos e exalavam amor, cumplicidade, paixão. Ela faria tudo para vê-los unidos novamente. As Lottas tinham esta missão, manter famílias unidas, cuidavam dos pais, das mães

König

e dos filhos. Cuidavam acima de tudo de mantê-los ligados.

Elli acomodou Fran no colchão do abrigo nuclear que ficava atrás do museu, não podiam saber que elas estavam lá, a crença na morte delas era a garantia de sobrevivência.

De repente Fran abriu os olhos, Elli não sabia, a indução ao coma, reativou parte da mente de Fran, todavia o que melhorara em muito o estado de Fran eram as paredes do abrigo, forradas de metal radioativo, acabavam por, embora provocando muita dor, fazendo com que o metal pesado do sangue de Fran saísse da corrente sanguínea e fosse jogado para os poros, o problema é que isso sobrecarregaria os rins, o fígado e os pulmões. A escolha era fácil, como não tinha outra, só restaria esperar pelo que viesse a seguir.

König

– Olá, ela disse a Fran. Está tudo bem, vou cuidar de você. Foi tudo que Fran ouviu antes de dormir de novo, aquelas palavras foram verdadeiro alento para ela. Pela primeira vez em dias caiu no sono antes de desmaiar. Fechou os olhos por opção.

Ricardo acordou com o celular tocando. Era Suzana que estava no meio de uma emergência precisando

falar com Fran – ninguém precisava mais falar com Fran que ele mesmo.

– Oi Suzana. A Fran não pode atender agora nem pelos próximos dias, ela está... Escalando uma montanha.

– Está o quê? A secretária que a conhecia muito bem estranhou muito.

– É isso mesmo, um novo roteiro pelas montanhas. Peça ajuda a Dra. Sônia e se não for suficiente ligue para o Sérgio ele pode ajudar.

– O Dr. Sérgio, o Ministro?

– É Suzana, ele mesmo.

– Está mesmo tudo bem?

– Está, bom-dia, preciso desligar... Por favor, agora.

König

– Está bem. Ela desligou o telefone tendo certeza de que nada estava bem, alguma coisa muito ruim tinha acontecido.

Na sala dos protegidos a reunião de emergência continuava e eles estavam muito preocupados por este

caso estar chegando a um lugar onde poucos haviam chegado. A última fase da obrigação de manter o segredo era exterminar os herdeiros. Neste caso esta providência teria que ser adotada, era o ano de comemoração dos 850 anos da Bavária, não podiam deixar que bem agora a história da Europa mudasse. Distribuíram as cédulas de votação e recolheriam dali a 2 minutos.

Os guardiões tinham uma dura missão, eliminar os descendentes significa causar um daqueles acidentes inexplicáveis que aniquilam a família, todos desaparecem. Difícil também porque o guardião ao saber que a ordem foi dada teria que tirar a própria vida.

Ricardo olhou para suas mãos que ainda seguravam as ervas e o diário. Perguntou a Anna de quem era aquela história e ela disse que de sua tataravó. Pegou o livro das mãos dele e leu o seguinte trecho: “Passei a manhã, a tarde, a noite, na verdade faz uma semana que te espero. Lavo os cabelos como gostas, prendo a cintura em apertado espartilho – nada está mais apertado que meu coração – ponho cor rosada na face, tento tirar de meus lábios a brancura. Ponho doce em meus olhos, pequenos cravos em minha língua. Dói a alma tua saudade, porque não vens? Podre poder que te aprisiona. Dinheiro maldito que de rei te faz escravo. Sina sinistra de calabouços e castelos. Nada quero, além de tu, de teu corpo, tua alma.”

Anna fechou o diário lentamente percebendo que Ricardo dormia. Quase não cedeu a tentação de tocar nos lábios dele, entretanto ele parecia tão

cansado, contentou-se em tocar em suas mãos, eram tão quentes... Passou seus dedos pelo cabelo de Ricardo e eles ficaram perfumados pelo xampu dele. Ela atreveu-se, abaixou o nariz até a nuca dele e respirou suavemente, viu os pelos do braço dele eriçarem-se, afastou-se temendo que ele acordasse, temendo que ela acordasse...

Desprezou o comedimento que guiava sua vida. Aproximou-se dele e colocando a cabeça em seu peito deixou-se ficar. Permitiu ao espírito o domínio do corpo. Eram seus os pelos arrepiados agora. Nem sabe ao certo como pôde dormir em meio a tanta excitação.

Na sala da ordem, os votos foram recolhidos. O veredito comunicado a todos fez com que o protetor dirigisse-se ao andar mais alto do prédio, lá, na sala da purificação, retirou sua roupa, tomou um banho demorado de imersão, cedeu à massagem e escreveu um bilhete a sua família dizendo: “Que Deus os console.”

O homem velho e empertigado chorou na beira da janela, havia muito ainda a ser feito, a dizer, a ouvir, a viver.

Quantas renúncias havia feito pensando serem tão importantes e agora se via prestes a renunciar à própria vida. Sempre achou suicidas, soldados e samurais gente menor, que da morte faz fuga da vergonha. E não era nada, além disso, ele havia fracassado e como deveria protegê-los tinha que sair de cena para que os outros pudessem matá-los.

Deu um passo para trás. Nada de filme da sua vida, não lembrou os filhos pequenos, não lembrou o último beijo da mulher, não, nada de saudosismo. Ficou triste pelo que não viveu, pelo que ainda iria fazer. Recuou ainda mais, viu com o canto dos olhos a porta abrir atrás de si, e o segurança da noite anterior entrar. Ele o fitou sem nenhuma piedade e com seu corpo foi acuando o homem em seus medos. O protetor não pulou. Foi jogado pelo segurança que antes de arremessa-lo colocou em seu bolso a foto da Lotta morta.

– Tomara que vá para o inferno, disse o segurança. Exatamente cinco horas mais tarde, o tataraneto do rei e seus três filhos estavam mortos, todos no mesmo dia. Alguns outros foram sacrificados sem razão alguma, puro disfarce.

König

Foram ao todo 23 mortes. Para o controlador da operação um número aceitável perto do caos que geraria a transmissão do trono, além disso, o cara era um canalha. É interessante o pensamento que as pessoas criam para acalmar seus espíritos. Besteira, pura besteira.

O celular de Anna tocou novamente e ela temeu aquela ligação muda. Não sabia com quem estavam mexendo e aquilo poderia localizá-los. Abriu a porta do terraço da cabine e atirou o celular ao mar.

Na sala da Ordem a perda do sinal fez soar novamente o alarme. Na rua a confusão com o corpo caído estava formada. Jornalistas e curiosos chegaram rápido demais, isso também não estava previsto. O único que sorria era o segurança, feliz por ter avisado a polícia e a imprensa. Sorriu mais ainda quando o policial achou a foto no bolso do cadáver espatifado no chão.

Filho da puta pensou e deve ter dito, mesmo que em voz baixa, pois o segurança ao seu lado olhou para ele com uma cara muito estranha. Ele resolveu que iria embora naquele mesmo dia. Era o último dia que seria cúmplice daquela loucura.

Ricardo despertou com o vento da porta da sacada aberta. Estava frio e ele sentiu que ainda estava vivo, não sabia se achava aquilo bom ou ruim, não achava mais nada. Tão acostumado a atos pensados, calculados e planejados, estava vivendo por etapas, por reflexo aos acontecimentos.

Elli não conseguiu mais contato com Anna e ficou muito preocupada, o que teria acontecido? Cobriu Fran com a manta isolante e percebeu que seus poros exalavam um cheiro terrível, do seu nariz escorria sangue e de seus olhos saía uma secreção esverdeada e purulenta. Ela reparou como Fran era bonita. Colocou em seu rosto o oxigênio e era tudo que ela podia fazer. Pegou um quadradinho energético de seu bolso e colocou um pedacinho na boca de Fran, comendo o resto. A ração tinha de ser controlada ela não sabia quanto tempo ficariam ali e ninguém poderia vê-las.

O navio estava aportando e Anna desceu com Ricardo, compraram com os euros dela, duas máquinas, um chapéu e um boné, e vestindo camisas com a inscrição, “o sol da meia noite” e “Finlândia o fim do mundo”, desembarcaram no melhor estilo “turistas apaixonados”.

A manchete do jornal vendido na lojinha da esquerda do porto deixou Anna paralisada. Ele trazia a notícia do extermínio de sua família e ela não conseguia entender como a acharam tão rapidamente! Quem estaria por trás disso tudo? Explicou a Ricardo o acontecido e ele ficou comovido com a ajuda dela.

– Não me olhe assim, disse Anna. Sinto muito pelas crianças, eram anjinhos... Mas meu irmão era um diabo. Diziam que havia puxado o espírito de guerreiro de meu tataravô e a falta de caráter de

algum outro antepassado. Quem está por trás disso? Quem é tua mulher? O que ela fez? Ricardo achando que devia essa explicação, pegou no fundo da bolsinha que levava junto ao corpo, a maldita carta e entregou para Anna. Ela leu:

“O poder ao invés de libertar, torna escravo o poderoso. Dói a alma que se debate contra tudo e todos. Dói toda forma de amor. De onde viestes não posso ir. De onde sou, tu não és. Nosso destino é diverso, sendo o meu de servir e o teu apenas seres mulher. De meu lugar avisto o que sempre me faz lembrar de ti, sabendo que apenas na noite posso ter-te aqui, mas, por noites já não vem... Como estás nosso filho? Traga-o a mim, peça ajuda ao R.W., guardião de nosso amor e confidente de meu espírito, afinal tu não tens meu sangue, a realeza não lhe pertence, não és digna da coroa por sua linhagem baixa, embora sejas obra de Deus, certamente a mais primorosa e bela, entretanto, a ele

devo ensinar o que nunca soube, pois ele será Rei, continuará ao que não pude dar fim.

Com amor, LII”.

Anna sentiu a estranha sensação de conhecer aquele texto, e perguntou:

– Quem é LII? Que papel é esse?

Ricardo somente contou a parte da história que conhecia e que não fazia nenhum sentido, era absolutamente desproporcional a tudo isso. Ele a abraçou com carinho e foram para o Hotel Kamp. Quando chegaram largaram as máquinas e as blusas e desceram para pegar o carro para seguirem até o museu das Lottas. Anna quis ligar a TV e vendo aqueles pequenos caixões, lado a lado, sentiu uma enorme tristeza. A contração de seu peito fez com que pensasse e disse:

– Ricardo, essa carta... Há uma parecida no diário de minha tataravó. Veja.

Ela afastou com um dedo a capa do livro, fazendo abrir a parte de trás da capa da frente e encontrando lá dentro uma carta em papel similar e letra idêntica que dizia: *“Lembras das noites na sala dos espelhos? Serão só saudades... Lembra dos passeios na noite no jardim? Por lá ficaram. Lembra das juras de permanência? Esqueça. Lembra da ousada liberdade do amor? Ignore-a. Leve o que restou de nós embora. Confio a você a missão de criá-lo no amor e no anonimato. Faça dele descendentes, não importa se plebeus, bêbados ou mulheres. Faça dele semente perpétua, que se espalha sobre a terra e dela faz fértil. De nada adianta, minha cara, a semente existir sem a terra, de nada adianta a terra fértil, sem semente sobre ela. Deixe que eles*

König

sigam diversos caminhos, que se frustrem, que caiam, que amem, que sofram, que sejam pobres, mortais sem proteção. Deixe que eu tenha neles a vida que encontrei em ti. Para mim nada resta, para que este segredo de eternidade se mantenha, não posso permanecer. Minha felicidade é vossa ruína, sempre permiti a desgraça alheia para subir mais um degrau em minha vitória e soberba.

Não permitirei mais. Amanhã em duelo encomendado serei abatido. Não me chore. Compense minha ida com sua longa permanência, em ti e em nossos descendentes.

De quem era rei, hoje o seu servo, LII."

– Você está pensando o mesmo que eu? Disse Anna. Leram várias outras passagens e naquele momento entenderam tudo. Anna era descendente do Rei!

Por isso mataram seu irmão, nem desconfiavam que ela estava com Ricardo tentando

salvar Fran. As pernas de Anna falsearam e por um instante ela perdeu a consciência ou recobrou a que havia perdido há muito tempo... Ricardo a acomodou na cama e buscando uma toalha molhada passou em seus pulsos, nuca e testa.

Anna abriu os olhos devagar, recolheu o diário do chão e tudo se encaixou, os estranhos acontecimentos da sua vida, as pessoas que nela entravam e de repente sumiam, a sensação de ser observada, seguida, limitada... Tudo era real. Sua tataravó era a impossível amante do Rei. Seu sangue que sempre correria lentamente era real, talvez engrossado por séculos de mentira, amor, ódio e traição. Mais do que nunca ela queria salvar Fran, dar-lhe a vida novamente, como Fran havia lhe dado a sua. Restabelecido sua identidade.

Desceram pelo elevador e deixando as chaves na recepção, pediram o carro. Embarcaram na rua

lateral , na sua frente, no meio da praça, um conjunto cover dos Beatles tocava Imagine. Seguiram em direção ao museu das Lottas, o endereço era apontado pelo GPS do carro. Eles assustaram quando o celular por satélite de Ricardo tocou:

– Onde você está? Quis saber Sérgio?

– Pensando um pouco, preciso digerir minha vida...

Não tenho coragem de encarar Dona Tereza, as meninas, o espelho...

– Na Finlândia, perguntou Sérgio?

– Como você sabe que estou aqui? Antes de acabar a pergunta olhou o celular que o próprio Sérgio havia lhe entregado e se sentiu ridículo fazendo aquela pergunta. Vim a convite daquela empresa que representei, construtora de navios de cruzeiro, lembra? Ricardo corou com a mentira, era preciso naquele momento. Nem Sérgio era confiável.

– Escuta. Descobriram os descendentes do tal rei e segundo nosso informante eles seriam assassinados para manter o segredo.

– É mesmo? Que corja! Que tipo estranho de proteção.

– Ricardo não seja irônico. Fique por aí e fora de ação, ok?

– Ok. Vou à indústria naval e depois vou jantar com uns amigos, talvez salmão defumado e quem sabe carne de baleia. Sérgio, obrigado por tudo. Tenho que desligar.

– Está bem. Você não precisa mesmo de nada? Perguntou Sérgio, estranhando aquela conversa tão alegre.

– Não. Preciso refazer meu espírito para contar a todos o que aconteceu. Ainda não sei o que dizer. Na verdade Ricardo não sabia nem em que acreditar.

– Está bem e Ricardo, cuidado. Você conhece parte do segredo, podem achar que saiba demais...

– Está bem, obrigado. Falando isso ele desligou o telefone. A lembrança das meninas causou nele um enorme vazio. Se Fran estivesse viva, qual seria a sua qualidade de vida? Poderia superar o que passara? Veria as meninas crescerem? Elas cresciam tão rapidamente, o pouco tempo que ficava fora era com espanto que via o quanto cresciam na volta. Era um espetáculo muito lindo para perder. Vida jogada fora sempre causava nele um tipo de enjoo.

– Ricardo, disse Anna.

– Fala alteza.

– Estou com medo. É muita novidade para alguém com uma vida tão comum como a minha. O que terá acontecido? Como ela fugiu? Por que se casou com meu tataravô? Por que tanto segredo?

– Pela sobrevivência Anna, pela sobrevivência. Se as

pessoas que ameaçavam o rei e que queriam o trono, soubessem de vocês, teriam exterminado a todos. Exatamente ao contrário dos planos do rei. Na verdade, mesmo tendo morrido ele venceu a disputa. Permanece em vocês. Ele ganhou a eternidade, a imortalidade, parte dos seus anseios, medos, paixões, circula no seu sangue.

– Esse amante de minha tataravó, agora sei, o rei, quem era ele de fato? Nas histórias sempre ouvimos horrores a respeito dele: esbanjador, desmedido, solitário, louco... Era apenas um rei apaixonado pelo trono e por Sophia. Dizem que morreu afogado em uma poça, que se matou. Seu psiquiatra também foi encontrado morto. Agora meu irmão, que confesso não fazer falta alguma, seja a mim, seja a humanidade, mas meus sobrinhos, por quê?

– E a Fran, por quê? São todos uns canalhas!

O apito do GPS uma vez mais os assustou. Eles estavam a 100 metros do local. Estacionaram o carro e desceram comprando os ingressos do museu. A ambulância no fundo da casa chamou a atenção de Anna. Passearam pelo museu, assistiram ao filme, tudo com um controle descomunal de suas ansiedades. Saíram pelos fundos e começaram a pensar onde e se elas estariam por lá. Olhando ao redor, Anna comentou achar estranho a ambulância parada naquele local. O cenário bucólico e extremamente vazio, tornou-se agitado com a presença de um grupo de atuários que estavam em um congresso pela cidade.

Ricardo adorava os atuários, gente que somava letra e encontrava números, previa modelos e raramente errava, quase magia... Na seguradora do banco em que ele trabalhava o atuário era o que ele mais respeitava, nunca errava uma previsão, nem do

tempo. Gostaria que eles avaliassem a sua chance. Pensando melhor, preferia sua ignorante esperança. Aproveitaram o tumulto e se esconderam atrás da sauna. Um vigia olhou para os dois com estranheza, fazendo com que Ricardo agarrasse Anna e lhe beijasse a levando mais para trás. O vigia riu e se afastou. A liberdade daquele raro dia possível ao ar livre naquela região deixava o espírito das pessoas menos prevenido. Sorte deles.

Ao jogar Anna contra a parede da sauna e inclinar-se sobre ela, ele pôde reparar o quanto ela era linda, escondida em sua sobancelha grossa, sua franja sem corte, sua pele sem creme e sem maquiagem, seus lábios ressecados, muito escondida, dentro dela morava uma linda mulher, seria uma linda rainha. Anna por sua vez, sentiu um calor raro, um arrepio delirante e a vontade de acreditar que ele sentia o mesmo.

Naquele momento Ricardo lembrou-se de Fran e por puro instinto lembrou os abrigos citados no filme. Anna acompanhou o raciocínio dele e foram se arrastando até a beira do lago, pelo filme, o abrigo ficava por baixo de uma rocha na beira da água. Ao chegarem bem perto viram uma entrada recentemente remexida na lateral da estrada, Ricardo empurrou o mato, mas era apenas um buraco. Ali deitado no chão, achou aquilo tudo muito ridículo. Atuários tirando fotos.

Por que gente que se preocupa tanto com o futuro quer fotografar o presente? Que previsão pode ser feita de uma foto? Nada de previsão, apenas constatação. Viu um casal de indianos e ficou pensando se o casamento deles fora arranjado. Amavam-se? Seria capaz de amar mais alguém que não fosse Fran?

Elli viu pela câmara o movimento das pessoas no museu. Quem seriam? Fran estava melhor, ainda muito fraca, ela temia que as ervas não chegassem, que não funcionassem, que ela faria quando saísse dali? Sairia dali? Ricardo quase morreu de ansiedade quando viu um brilho no chão.

– Anna, olhe. Lembra que no filme disseram que os aviões viam de cima onde havia os abrigos e não atiravam porque ali estavam as mulheres e as crianças?

– Lembro. Malditos russos, atiraram bem nos abrigos, exatamente por esta razão. O que tem?

– Veja. E apontou para o brilho no chão.

– É ali mesmo. É bem no meio do pátio! Vamos ter que esperar anoitecer. Disse Anna.

König

Voltaram para dentro do museu e pediram um pedaço de um bolo muito perfumado, com um suco de uma fruta que ele não conhecia. Foram avisados que o museu fecharia em 5 minutos. Ótimo, foi o pensamento comum.

Saíram e entraram no carro, dando uma volta em torno do lago. Quando voltaram todos haviam saído, até o vigia.

Aproximaram-se do ponto que brilhava e acharam um gancho no meio da grama alta, puxaram. A porta a frente deles abriu. Elli deu um grito. Seria descoberta.

Os dois agentes da sala dos protetores desembarcaram na Finlândia e seguindo os rastros do nome de Ricardo que fora registrado no sistema do Hotel, chegaram no Hotel Kamp. Apresentando credenciais confirmadas o recepcionista os levou até o quarto de Ricardo. Eles começaram o mapeamento digital e quase entraram em êxtase quando junto com a digital confirmada de Ricardo, encontraram a de Anna. Estariam juntos? Coincidência? Como ele a descobriu? Para onde foram? Descobriram onde alugaram o carro e foram até lá. A mesma credencial foi usada para buscar os dados do carro.

Quando estavam saindo da locadora, a moça que os atendeu saiu correndo, interessada no mais gordinho dos dois e disse que o carro tinha GPS. A cara de sem entendimento deles, provocou nela um sorrisinho...

– Podemos localizar o sinal do GPS... Sua excitação era hollywoodana.

Entraram no escritório do gerente e ela acionou o localizador.

– Bem, ela disse, agora está desligado, entretanto, a última vez em que foi acionado estava em Tuusula.

– Tuusula?

– Fica na beira do lago. Um lugar pitoresco e turístico. O museu das Lottas fica por lá e muitas outras atrações.

O gordinho olhou para a moça e disse:

– Obrigado, nos vemos mais tarde. Mentiu o cretino, piscando o olho com safadeza.

Elli aproximou-se da entrada do abrigo e apagou as luzes do caminho. Ricardo foi na frente, não podiam gritar, nem tinham qualquer lanterna. Continuaram seguindo em frente. Fran acordou e gritou entre delírios:

– Ricardo...

Ele não aguentou a emoção, ela estava viva.

– Fran, estou aqui, onde você está? No desespero bateu a cabeça na reforçada parede.

Anna disse:

– Senhora, sou eu. Trouxe as ervas.

Elli aproximou-se dela e disse:

– A ordem era para seguir só.

– Senhora, ele é o marido dela! Estava atrás das ervas também.

Um sentimento de gratidão profunda transbordou de Ricardo. Ele pegou as mãos grossas de Elli e as beijou com devoção.

– Você não imagina como sou grato. Muito obrigado. Em meu nome, em nome de Fran e de minhas meninas.

Elli, incomodada com a explosiva reação, alertou:

– Ela está muito mal. Delira, convulsiona, está irreconhecível, por favor, não se assuste. Com essas palavras apontou o caminho, fechando a entrada atrás deles e ligando os sensores de movimento.

Quando entraram no último espaço do abrigo, o cheiro era insuportável, fezes, urina, comida e éter, se misturavam de forma estonteante.

– Desculpem, mas nossas possibilidades aqui são muito limitadas. Tentei o melhor. Disse Elli.

– Você é uma fada, um anjo. Obrigado. Dizendo isso,

Ricardo aproximou-se de Fran. Parou ao vê-la, o choque era inevitável, o que fizeram com ela? Seus cabelos, sua pele, seus olhos e lábios apagados. Ele teve certeza de que ela iria morrer. Ela estava apagando, sumindo... Era uma sensação tenebrosa.

Anna entregou a Elli as ervas. Ricardo permanecia parado. Ela cuidadosamente desembrulhou a receita que trazia no bolso. Pegou a tigela e começou a colocar as ervas na ordem determinada. Macetou, misturou, retirou uma seringa de sangue de Fran e acrescentou a mistura. Depois um pouco de saliva e por fim raspou um pouco de pele dela e finalizou o composto.

Ricardo olhava cético para tudo aquilo. Fran não sobreviveria. Ele dedicaria sua vida a matar os calhordas que fizeram aquilo com Fran, seria o fim. Ela estava morta! Elli pegou um pouco da mistura e acresceu ao soro que caía nas veias de Fran. Passou

parte do composto em sua boca, no céu da boca, nas axilas e na sola dos pés de Fran. Depois colocou uma luz tipo infravermelho sobre os emplastos.

Fran começou a convulsionar com muita força. No local das ervas a pele ficou muito vermelha e o sangue continuava a sair pelos poros dela.

– Será uma noite muito longa, advertiu Elli.

– Não temos nenhum lugar para ir e muita história para contar, disse Anna.

Ricardo não dizia nada. A cena o atormentava, era preciso ser forte e irracional para acreditar que o quadro de Fran era reversível. A fé de Elli na cura, ao contrário, era grande. Ela contou a eles sobre o espião contaminado com o mesmo veneno, contou do tratamento, da sobrevivência...

A noite passou muito rápido. A melhora foi pouca, mas foi melhora. Elli ficou espantada com a história de Anna e de imediato ofereceu abrigo a ela, identidade nova, vida nova. Ela a colocaria no serviço de proteção das Lottas, nunca seria descoberta.

Já era meio da tarde do dia do seguinte quando Elli achou estranha a imagem da câmera de segurança. Vejam aqueles dois homens olhando para aquele carro.

- Nosso carro, disse Anna.
- Meu Deus, estão atrás de vocês! Precisamos de tempo, disse Elli, ao menos mais 24 horas.
- Vou ser isca, disse Ricardo.
- Não, é muito perigoso, disse Anna.
- É verdade, disse Elli, mas talvez não haja outra solução.

– Não, disse Anna. É melhor ficarmos aqui. Se pegarem um de nós, pegarão todos, então que peguem todos depois.

Não é fácil nosso esconderijo. Eles não sabem o que procurar.

– Por este aspecto... Você tem razão, majestade! Concordou Ricardo.

Fran, neste momento, sofreu forte engasgo e ao voltar a respirar começou a vomitar uma gosma amarelada, embaçada. Elli comemorou:

– Ela está reagindo igual ao espião! Agora acho que teremos mais chance, precisamos de mais tempo.

– Vou ficar de olho, disse Ricardo. A dupla a serviço da célula da ONU que não existe, começou a passar

um aparelho sobre o carro e não entendiam o resultado. A máquina que identificava digitais além de dezenas que não os interessava acusava a localização de duas reconhecíveis: Ricardo e Anna.

- Eles estão juntos, disse o homem mais alto.
- Não é possível, seria muita sorte. Economizaria nossa missão em meses!

Ligaram para a central e enviaram os dados coletados. O sistema confirmou as identidades e envio a foto de Ricardo e Anna. A de Ricardo era recente, a de Anna tinha mais de 25 anos, hoje ela beirava os 40, poderia estar muito diferente.

Teriam que usar o bom senso. Continuaram com o equipamento ligado e foram como que farejando as digitais de Ricardo e Anna. Encontraram na porta de entrada, arrombaram a maçaneta, acharam marcas delas no refeitório, no corrimão da

escada, na saída do restaurante e aí, como por mágica, sumiram...

Se eles não estavam no carro, onde estariam? Teriam feito aquilo apenas para despistá-los? Começava a escurecer e eles esperando que Ricardo e Anna aparecessem para buscar o carro e nada. Por precaução colocaram no carro um rastreador. O segurança aproximou-se e perguntou se havia algum problema, informando que o museu estava fechado.

– Não, senhor, estamos indo embora. Achamos que este carro era de um amigo, o senhor viu o motorista?

– Não, desculpem, não reparei. O carro tem autorização para ficar estacionado aqui.

– Quem deu a ordem?

– Todas as ordens partem de nossa diretora, Lotta Cristie.

– Podemos falar com ela?

König

- Sinto muito somente amanhã, ela já foi embora. Desculpem-me, peço que saiam, preciso fechar os portões.
- Pois não, muito obrigado pelas informações, voltaremos amanhã.

Os homens entraram no carro e foram embora. O relatório que enviaram era esperançoso, nada conclusivo, do tipo que o chefe deles detestava.

No abrigo Fran melhorava espantosamente, abriu os olhos e sorria quando viu Ricardo, para desmaiar e acordar mais umas vinte vezes. Cada vez com períodos de maior consciência. Elli explicou que as paredes do abrigo eram perfeitas para o tratamento, com seu isolamento, tornavam mais intensiva a ação das ervas, acentuavam a força dos elementos e atraíam para si pelo magnetismo a carga metálica do veneno.

Quando olharam para Fran ela tentava falar alguma coisa, numa boca sem dentes e seca pelas ervas, sua voz não saía. Ricardo correu ao seu lado, e beijos suas mãos e sua testa e disse:

– Minha querida, estou aqui. Tudo ficará bem. Ela puxou sua cabeça para perto e para que ele pudesse ouvir:

– E as meninas? O som saiu fraco, com muita emoção, foi o coração de Fran quem falou.

– Estão bem. Loucas de saudades suas! Logo as veremos.

Falando isso pôde sentir o poder das ervas, a parte que grudou nele quando beijou Fran, começou a provocar formigamento e deixou a área quase roxa de tanta concentração sanguínea. Elli apressou-se em limpar Ricardo com um preparado também feito com uma das ervas e a sensação de melhora foi imediata. Ricardo, sempre muito prático e adepto dos antibióticos e tratamentos mais conservadores, depois daquela experiência passaria a respeitar mais a homeopatia e as ervas. Elas estavam trazendo a sua Fran de volta.

Estavam tão excitados que nem assustaram quando o celular de Ricardo tocou. Era Sérgio:

- Ricardo os informantes do presidente disseram que encontraram você e a tataraneta do rei? Como assim? Quem é ela? Como estão juntos?
- Sérgio, Fran está viva! Estou segurando as mãos dela agora e ela olha para mim. Os olhos dela são os mesmos!
- Caralho! Finalmente uma boa notícia, Fran viva! Agora fiquei mais preocupado, se acharam você e você está com ela, o risco é enorme. Vocês têm que se separar.
- Não de novo. Não nunca mais.
- Ricardo eles sabem de você e há ordem de extermínio, para você e para a tataraneta do rei.
- Sérgio confie em mim. Estamos seguros.
- Não, não estão. É questão de tempo e eles encontrarão vocês. Não sei se nossas conversas são gravadas, rastreadas. Te cuida. Mande notícias. Posso fazer alguma coisa?

– Continue torcendo. Pediu Ricardo.

Ele desligou o telefone e disse a Elli e a Anna no canto do quarto o que Sérgio havia lhe contado. Tremeu diante da certeza do amigo de que seriam pegos. Virou-se para olhar para Fran, ela estava melhorando tão rápido, não poderiam perder a vantagem do lugar naquele instante. Era o lugar perfeito para o tratamento dela, precisavam apenas de mais alguns dias.

Sérgio verificou na informação do rastreador do celular que estavam em Tussula na Finlândia, em algum lugar perto de um museu e de um lago. Ele precisava fazer alguma coisa... Anna sentiu a obrigação de fazer alguma coisa. Chega de inércia! Afastou-se lentamente aproveitando o desvio do olhar de Ricardo e pegando a chave do carro e sua mochila sem que ninguém percebesse saiu do abrigo.

König

Quando Ricardo e Elli se entreolharam de novo e começaram a procurar por Anna ficaram desorientados, onde ela estaria? Olharam para a câmara e foi com muita tristeza que a viram entrar no carro. O que aconteceria dali em diante?

No hotel dos agentes o alarme do sistema de rastreamento despertou os dois do sono profundo. De imediato conectaram o aparelho no computador e viram, com espanto, que o carro voltava para Helsinki. Puseram a roupa com muita rapidez e desceram pelas escadas mesmo. Pediram o carro que demorou uma eternidade para chegar.

Anna olhou a mochila e desviando a atenção da estrada pegou o diário de dentro dela e decidiu que precisava conhecer um pouco mais a história da sua origem. Quem era? Por que tudo aquilo? De repente, o farol brilhou, ela tentou desviar e entrou com o carro nas árvores do acostamento.

Sentiu uma mão que a tocava, abriu os olhos lentamente e não entendeu nada que o homem falava, sorriu simplesmente porque não eram os homens que a estavam perseguindo.

Começou mexendo os pés, depois as pernas, em seguida os braços, o pescoço e por fim piscou os olhos, estava ótima, precisava sair dali, com urgência.

Chacoalhou os braços simulando um avião e o homem fez que entendeu, colocou-a no carro e algum tempo depois Anna se viu no aeroporto. Teria coragem para continuar? Teria.

Os agentes do grupo de proteção chegaram onde estava o carro trombado e desanimaram quando o viram vazio, nenhum sinal de Ricardo ou Anna, onde teriam ido?

Enquanto isso, no aeroporto, Anna comprou, em dinheiro, a primeira passagem para Viena. Como a Finlândia fazia parte da comunidade europeia seu passaporte não foi registrado no sistema da companhia aérea. Para embarcar e emitir o bilhete usou a identidade do convento, com seu nome

alterado, pelo rebatismo que fizeram quando de sua vinculação.

Já dentro do avião Anna começou a chorar como criança, derrubou todas as lágrimas que nunca chorara. Chorou por quem não conheceu e muito por seus pobres sobrinhos, tão pequenos, vítimas daquela loucura. Anna havia anotado tudo que Ricardo lhe contava e precisava ter certeza do que acontecera com o passado de sua família, ela começou procurando no computador PSP do garoto ao seu lado informações sobre os descendentes de Dorothea Wëgner, um nome citado com carinho e respeito, muitas vezes, por sua tataravó em seu diário. Tudo era incerto. A identidade do Rei, a sua identidade.

Encontrou somente um homem, de mesmo sobrenome e que ainda morava na Áustria, Oliver Keller. Estava decidida a procurá-lo quando

König

desembarcasse. Anotou cuidadosamente o endereço num pedaço de papel e para ter a certeza de que não o perderia, guardou na alça de seu sutiã. O voo era muito breve e a descoberta muito excitante, não permitindo que Anna pudesse dormir.

Ricardo andava de um lado para outro e Fran já consciente estava preocupada com o marido. Queria ajudar. Elli pedia que ficasse quieta, senão as ervas que estavam sob seu corpo cairiam.

Então foi a vez de Ricardo contar a elas como encontrou Anna e como descobriram que ela era a possível tataraneta do rei. Fran ficou muda com a coincidência e demonstrou que estava muito bem quando sentiu uma pontada de ciúmes do que os dois dividiram. Ricardo divertiu-se com a cena de ciúmes da mulher e até entendeu porque, afinal suas palavras sobre Anna eram sempre nobres, doces e carinhosas.

Era uma rara pessoa de muito valor. Pensou nela com muito afeto, torcendo para que estivesse bem. Já no hotel, os agentes estavam desesperados, o

único sinal que tinham de Anna e Ricardo foi perdido, o que fariam ao chefe?

Elli esperou amanhecer, o que naquela época do ano não significava nada porque durante o dia havia poucas horas de sol e elas não eram pela manhã, e saiu do esconderijo em busca de comida. Abriu a parte traseira da ambulância, depois a geladeira desligada que estava lá dentro e tirou umas barras de proteína, alguma sopa desidratada e ficou preocupada, pois a quantidade era pequena e eles precisariam de mais uns dias, com Fran acordada seria mais uma a comer e ela precisava pensar em algo.

Quando desceu, com as mãos cheias, viu Ricardo encostado no canto da parede, olhando para Fran. Ele a olhava com tanto amor... Pôde ver sua alma, ele ignorava o estado do corpo de Fran. Seu amor era tão intenso que mesmo Fran estando no

estado em que estava ele sentia atração por ela, pela história deles teve certeza de que sairiam deste pesadelo mais fortes, mais unidos, mais apaixonados. Fran dormia alheia ao olhar do marido, apenas dormia, sem desmaios e sem falta de consciência e isso era uma novidade naqueles dias.

No que dependesse dela essa história teria um final feliz. Ela acordou Fran e retirou as ervas de cima dela e de dentro de sua boca. Passou pelo corpo dela um pano umedecido em uma mistura de vinagre, um chá feito com uma das ervas e água gasosa. Fran reclamou da sensação para logo em seguida colher as mãos de Elli entre as suas e após um sorriso, pronunciar a palavra:

– Obrigada.

Esta simples palavra deixou Fran exausta e ela precisava de descanso. Ricardo passou as mãos pelo corpo dela, fazendo com que ela sentisse calor, sentisse vida. Logo foi afastado por Elli que começou nova seção de infusões e aplicações sobre o corpo de Fran, dizendo:

- As ervas estão acabando, são suficientes para o tratamento completo que dura mais 3 dias. O que preocupa é a comida, não temos comida suficiente.
- Sim temos, disse Ricardo, e daquele momento em diante não comeu mais nada.

No final daquela noite a ausência de notícias de Anna atormentava o espírito no esconderijo, cada um a sua maneira se perguntava sobre ela, o que teria acontecido? Elli no início pensou que ela havia

sido capturada, não mais, afinal ainda estavam seguros. Ricardo não sabia o que pensar. O que ela faria, onde iria? Começou a percorrer em sua memória os trechos do diário em busca de alguma pista, seu aguçado instinto permitiu que logo concluísse que ela procuraria os descendentes de algum personagem do diário de sua tataravó, somente eles poderiam explicar alguma coisa, acalmar as dúvidas recentes do seu passado, mas seria loucura, eles estariam sendo vigiados!

Fran nada pensava, apenas a sensação de estar viva preenchia seu espírito, recheava seus pensamentos e lembranças, sentir o sangue correr e não jorrar, o coração bater sem descompasso, conseguir chegar ao final de um pensamento sem interrupções de convulsões ou paradas respiratórias, o mundo de Fran tinha ficado muito simples. Respirar, dormir, acordar, pensar eram ações as

quais ela passaria a dar muito valor. Seria inocência pensar que ela ignorava Anna.

Anna havia sido muito importante na sua localização, era responsável por sua melhora, entretanto, se permitiu o egoísmo, tornou menos nobre seus sentimentos, agradeceu por estar viva, seja qual forma de vida fosse e por Anna ter ido embora.



Anna desceu no aeroporto e pegou o táxi para o centro da cidade, fez *check in* numa antiga pousada bem perto do Rio Danúbio. Banho e cama.

Dormiu pesadamente. Na próxima manhã levantou com coragem e foi à casa do Sr. Oliver Keller. Casa típica, pequena, sem grandes ostentações. A proximidade com o castelo de Belvedere lhe dava a certeza de que estava no lugar certo.

Não sabia se existiam outros tataranetos, foi no primeiro que encontrou pela internet. Hesitou em tocar a campainha, mas o destino estava decidido a revelar o seu passado.

Oliver olhava Anna por detrás da cortina. Quem seria? Nunca a vira. Estaria na casa certa? Abriu a porta de supetão:

– Bom-dia? Posso ajudá-la?

– Bom-dia, procuro por Oliver Keller.

– Quem procura por Oliver?

– Eu.

– Muito bem, disse com alguma antipatia, e quem é você?

– Sou Anna, e somente Oliver pode dizer quem mais sou. Meu sobrenome de verdade.

– Por quê?

– Porque ele, talvez, seja o tataraneto de Dorothea Wëgner e talvez, somente talvez, e somente ele possa saber quem eu sou.

– E quem você pensa que é?

– Tataraneta de um Rei da Baviera?

A palidez no rosto de Oliver foi assustadora! Ele era um homem de quase cinquenta anos, muito altivo e com o corpo delineado pelo remo. Seus olhos eram azuis e quentes, sua pele bronzada e grossa. Seus

pelos dourados lhe davam uma coloração única e agradável. A apresentação de Anna tirou tudo isso dele. Ficou lívido. Olhos úmidos e boca seca.

Indefeso diante daquela revelação. Eram as histórias do passado que voltavam na voz daquela mulher.

– Venha, vamos conversar lá dentro. Ele disse mostrando a ela o caminho.

Ao seguir os passos de Anna, sentiu um arrependimento quente percorrer todo o seu corpo e quando isso acontecia não era bom. Todavia, para Oliver a história de sua família sempre esteve em dívida com Sissi e seu primo Rei da Bavária, de tudo que sempre ouvira de seus antepassados a mão que nunca negou ajuda foi a do rei ou a da imperatriz, todas as outras por muitas vezes, às vezes juntas, às

vezes isoladas, negaram apoio. As deles estiveram sempre estendidas. Assim como muita parte da história estivera e como dizia sua avó por lá deveria ficar. Ele discordava.

Toda esta gratidão também lhe soava esquisita, por vezes se sentia vendido, preso a monarquia que tanto combatera em seus tempos de anarquista. Pelo bom ou pelo mau motivo, resolveu contar o que sabia.

Tirou o casaco de Anna e lhe mostrou onde era o lavabo. Enquanto ela se dirigia ao banheiro foi observando as fotos dos porta-retratos, o piso de madeira marcava os passos dos dois, os de Oliver cessaram quando ele entrou na cozinha, os de Anna continuavam a ser ouvidos de dentro do banheiro. Molhou o rosto e ajeitou o cabelo, passou os dedos pela face buscando um pouco de cor. Estava bem melhor agora.

O barulho da chaleira no fogo chamou sua atenção. Foi para a cozinha e viu Oliver preparando uma bandeja com xícaras, biscoitos e pequenas frutas cristalizadas. Ficou grata pela preocupação dele. Sem ser convidada, puxou a cadeira fazendo com que o barulho assustasse Oliver.

– Você está aí, ele disse. Aqui não, vamos nos sentar no escritório. Colocando a água fervente nas xícaras e pousando a chaleira na bandeja, indicou o fundo da sala e para lá seguiram.

O escritório era um local grande, maior que a sala. Numa das paredes ficava uma enorme lareira de pedra verde e marfim, quatro poltronas circundavam o local, na parede da direita um piano pequeno e preto, ao lado um violão, um violino e estranhamente um pandeiro sobre o banquinho do

piano. Sobre o piano fotos de família. As outras paredes eram forradas de estantes e livros, centenas deles, sem ordem alguma, ao menos para ela. Oliver acompanhando os olhos de Anna na foto a apanhou e disse:

- Sabe quem são?
- Não. Ela respondeu ansiosa pela explicação dele.
- Minha tataravó, Richard e Sissi.

Oliver estendeu a mão apontando a ela a poltrona da direita. Da lateral da poltrona saiu uma graciosa mesinha sobre a qual ele colocou a xícara de Anna e um pratinho dourado com bordas floridas com alguns biscoitos e uma pequena porção das frutinhas. Anna pegou a mais vermelha e a acidez doce daquela fruta refrescou a sua mente.

– Por favor, me ajude. Disse Anna levando as mãos ao rosto. Deixando transparecer o quanto estava cansada.

– Vou te contar tudo que sei, segundo minha versão e você terá que acreditar em mim, se quiser, é claro, pois todos os documentos que poderiam comprovar o que lhe contarei foram perdidos há muito tempo.

Anna olhando nos olhos dele respondeu:

– Pelo que passei nos últimos dias, acreditar em você será fácil, difícil seria você acreditar em mim.

– Anna, a história de nossas famílias está interligada desde sempre.

Anna não se conteve:

– Então é verdade. Posso mesmo ser tataraneta dele?

– Tenho certeza que é. Se não for você, alguém é, porque sem dúvida alguma o Rei tinha descendentes. Minha tataravó estava certa disso, embora não haja qualquer prova.

Anna sentiu uma gratidão enorme pelas palavras dele, sentiu como que peças se encaixando num quebra-cabeça, neste caso quebra-vidas. Quantas haviam se perdido? Que desperdício de divindade, de glória, que ausência de alma, falta de fé.

– Prossiga, por favor. Dessa vez suas mãos pousaram sobre a mesa e Oliver pôde observar que quase não tinham mais unhas. Ele servindo agora a si mesmo o chá, continuou:

– Minha tataravó tinha ideias muito revolucionárias para a época, era muito amiga da mãe de Sissi. Quando Sissi foi enviada a Áustria, sua mãe pediu que minha tataravó a acompanhasse e se tornasse sua conselheira, sua waiting lady, como chamavam os nobres. Seus filhos já eram crescidos e moravam

m Paris, meu tataravô falecido, nada a impediria. Sissi além dela encontrou no Rei o amigo, o admirador, o confidente.

Os três mais Richard Wagner formavam uma espécie de confraria, gente que pensava numa época de raros pensamentos.

– Por que tua certeza a meu respeito? Perguntou Anna muito afoita.

– Bem, minha avó nos contava histórias quando éramos crianças que haviam sido contadas por sua mãe e por sua avó. Para mim eram encantadoras e uma de minhas preferidas era a de um rei apaixonado. Apaixonado por uma mulher, pela arte, pela música, por seus amigos, poucos e leais. Um rei transtornado por suas obrigações cruéis, por seus medos e prisioneiro de uma religião que lhe tolhia o pouco que lhe restava da sua liberdade. Este rei tinha

seu poder constantemente ameaçado e a única segurança que tinha era a de não ter descendentes não configurando ameaça alguma a quem pretendia herdar seu trono. Era esnobe, aparecido, gostava de grandiosidades e de exagero. Na mesma medida foi o amor que teve. Ela contava que o rei apaixonou-se por uma moça que não era da realeza, travara com ela duelos de romance, óperas reais, construía cada vez mais refúgios para que pudessem se encontrar, viviam uma vida apaixonada, até que a moça engravidou e dela nasceu um menino. Para um rei o varão é a certeza de sua imortalidade, através dele, tudo que ele não pode realizar, terá nova oportunidade. Um recomeço, entende?

O rei comoveu-se com aquele filho, mais que comoção, temeu pela vida da criança. A mãe temia mais que ele. Dizia a história...

E nesse instante parou, Anna estava tão concentrada no que ele dizia que a ele pareceu que ela havia entrado em alfa. Ela percebeu seu olhar e pediu:

– Por favor, prossiga.

Oliver levantou-se e enquanto acendia a lareira, prosseguiu:

– Dizia a história que a jovem era dona de uma beleza inigualável e de um espírito de liberdade impossível de ser tolhido, que não queria reinado, roupas, obrigações impostas ao seu filho, queria criá-lo como um plebeu, um soldado, um carpinteiro, um doutor, tudo, menos um sacerdote ou um rei.

Esta parte da história muito me divertia, sonhei com essa mulher na minha adolescência. O fogo esquentava o ambiente e Anna sentia seu rosto corar com o calor. Oliver a olhou com cautela, e

König

esmaeceu nele qualquer dúvida que ela era a tataraneta da mulher dos seus sonhos da juventude.

Ele continuou:

– O Rei então temendo que ela fugisse com seu herdeiro determinou que a criança fosse vigiada de perto pelo seu melhor soldado, soldado que já vigiava seu amor desde sempre, e este homem acompanhou toda a gravidez da jovem. No último mês, antes do nascimento, numa das visitas do rei a sua amada, ele foi seguido e o segredo descoberto por um dos espiões do herdeiro natural do trono. Sem contar nada a ninguém e certamente contra os desejos do futuro rei, o espião exarou a ordem de matar a mãe e o bebê, ainda sem nascer para não gerar qualquer espécie de direito. Sentando-se continuou:

König

– O soldado que cuidava da mulher ficou sabendo dos planos e contou ao Rei, este, em total desespero, pediu que o soldado assumisse a mulher e o filho como seus e cuidasse deles enquanto ele pensava numa solução. Com o casamento da mulher e do soldado, os dois mudaram-se para Portugal e por um tempo os ânimos acalmaram-se. Havia mais a ser dito:

– Mas o rei não podia viver sem ela, começou a enlouquecer. Nós tínhamos uma casa na Suíça, que nos foi presenteada por Sissi pelos anos de serviço e amizade de minha tataravó, e lá passou a ser ponto de encontro entre os dois, ou melhor, dos três e os momentos em que o Rei passava com a criança lhe davam forças para tentar manter a sanidade.

Estes encontros aconteciam também com a permissão da imperatriz e por algum tempo conseguiram manter o segredo.

Segredos, você sabe, existem para serem descobertos e este foi. A perseguição reiniciou-se e o rei tentou de todas as formas protegê-los e para a melhor proteção deles, ele confiou ao soldado a guarda deles sem nem ao menos saber para onde iriam. E eles, de fato, sumiram. Após um gole de chá, prosseguiu Oliver:

– O sofrimento do rei era atroz, com a morte do Sr. Wagner, o rei perdeu mais um confidente, só lhe restava minha tataravó e Sissi. Nem elas sabiam do paradeiro da mulher e da criança. Era melhor assim, mas não foi o suficiente. Quando as forças contrárias ao rei souberam que ainda viviam determinaram que o rei fosse declarado louco e, a esta altura, o pobre rei

estava louco mesmo, de amor, de saudade, de paixão, de receio pelo futuro daqueles que amava. Sentia-se amaldiçoado, preso a uma maldita culpa que o enlouquecia.

A igreja acabava por tirar dele os últimos sentimentos isentos de culpa e se não era louco começara a enlouquecer de fato. Foi afastado do poder e recluso num castelo. Quer mais chá?

– Não obrigada, apenas vá até o fim, por favor.

– Está bem.

Oliver disse isso aproximando a poltrona dele a de Anna. Tomando mais um gole de chá, ele continuou:

– O Rei foi afastado por médicos suspeitos que ouviram testemunhos suspeitos e sequer fora avaliado psiquicamente.

Uma vez afastado passou a ser tratado por um excelente psiquiatra. Ficaram amigos. O rei confessou ao médico toda sua história, o médico sabendo da razão de seus transtornos deixou de tratá-lo como louco e prometeu localizar sua família. Não foi fácil, gastou meses e segredo era tão indispensável que, por vezes, o próprio médico foi atrás da informação.

Anna não piscava e Oliver, sempre após um gole de chá, prosseguia:

– Encontrou o soldado, a mulher e a criança, trouxe uma espécie de foto ao rei. Minha avó nesta parte da história enchia os olhos de lágrima, dizia que o rei ao olhar a foto, ajoelhou e chorou como criança, gritava o nome Sophia, Sophia, arrancando os cabelos, colocava a foto contra o peito como se quisesse tatuá-la em sua pele, enfiá-la em seu coração. Era o mais

König

poderoso dos cidadãos e o menos livre, o mais prisioneiro de sua sina. Anna viu a cena, não segurou as lágrimas. Oliver não parou a história:

– Marcaram uma fuga para o rei, mas o médico havia sido descoberto, explicar a razão da traição revelaria o segredo, revelaria a linhagem do rei, era preciso acabar com ele de outra maneira. Deixaram que o plano prosseguisse. Naquela tarde, permitiu o médico que o rei saísse em sua companhia para um passeio às margens do lago que margeava o castelo, o rei nadava muito bem e o plano seria o seguinte, o rei atacaria o médico que fingindo desmaio, cairia e esperaria tempo suficiente para recobrar os sentidos e fazer soar o alarme, o rei fugiria nadando até o outro lado do lago onde seria resgatado por um amigo do médico que o levaria a sua Sophia e ao seu filho. Esperariam o menino crescer um pouco e

voltariam para reclamar o trono. Sequer imaginavam que o plano deles era melhor, muito melhor... Oliver afastou a franja dos olhos e deu um longo gole de chá, ele quase podia ouvir o coração de Anna, seu forte batimento fazia com que a blusa subisse e baixasse rapidamente, sua respiração era ofegante e inconstante, ele querendo diminuir o seu sofrimento prosseguiu:

– Quando saíram do castelo o espião deu o sinal, esperaram que o Rei começasse a atacar o médico, abraçaram-se muito, os dois choravam, talvez sabedores de seus destinos, talvez não... Quando o rei lançou-se no lago, apareceram outros homens que surraram o médico até a morte jogando seu corpo no lago. O barulho fez com que o rei parasse o nado e olhasse para trás, não avistou o médico e começou a entrar em pânico, vários barcos a remo cercaram o rei que nadou por muitos minutos buscando uma

saída, horas de nado o levaram a exaustão e enquanto afundava permitindo que a água daquele lago preenchesse o vazio do seu corpo, rasgou em minúsculos pedaços a foto de sua mulher e de seu filho.

Seu corpo afogava, seu espírito só pensava em Sophia e em seu herdeiro, o último perfume que veio a sua mente foi dos cabelos dela. A última imagem, a dos olhos de seu filho. O rei morreu, o médico morreu e as únicas pessoas que sabiam da história calaram-se temendo por suas vidas. Os corpos foram levados para a beirada do lago e a alegação foi de briga seguida de suicídio do rei. Oliver colocou mais lenha na lareira que queimava velozmente.

– Minha avó antes de morrer pegou esta foto que te

mostrei e me disse que um dia eu seria procurado por alguém, e que era meu dever contar esta história. Era uma dívida que teríamos de pagar ao rei. Ao nosso rei, ela disse.

– Anos mais tarde já no colégio, quando estudava a história da Baviera e chegamos ao reinado de Luis II tive quase certeza que era dele que vovó falava. Como te disse, nada de provas. Só certezas. Anna abriu a bolsa e mostrou a ele o diário de sua tataravó, com as cartas, desenhos, sua história que agora ganhava liga, encaixava. Enfim o vazio que ela sentia no estômago, a sensação de pertencer a algum lugar, começava a ser preenchida, encontrada.

– Será que não achamos nada na internet? Nada que possa comprovar tudo isso? Disse Anna.

– Podemos tentar. Respondeu Oliver entusiasmado. Cumpriria a promessa que fizera a sua avó. Honraria a memória de sua família e quem sabe seria

reintegrado a ela? Poderia ser novamente aceito, incluído, seus erros perdoados? Será que existe perdão de verdade? Não será o perdão conveniente esquecimento que será lembrado mais tarde, na hora mais apropriada? Queria de fato ser perdoado? Oliver era outro de alma atormentada, quase bipolar, raivoso e preconceituoso. Anarquista e covarde. Muito humano no sentido pejorativo do adjetivo.

Aproximaram-se da mesa e o computador de Oliver era a única peça com menos de 10 anos naquela sala, não muito menos que isso... A internet ainda era discada e Anna não conteve um sorriso. Não conteve seus movimentos e quando viu era ela quem teclava no Google todas as expressões possíveis, Luis II, Ludovico, Baviera, Sissi, morte de Luis II, Richard Wagner...

Enquanto liam as matérias que apareciam aos montes, na sala da Ordem, o alarme soou. No mesmo instante, apareceram na tela os mapas, o IP da conexão, os sites e conteúdos visitados. O coordenador deliciou-se com o resultado, no mapa: a cidade austríaca de Viena, na cidade: o endereço. Ele apenas apertou a tela interrogação e o nome de Oliver estava lá, clicou sobre o nome de Oliver e toda sua vida expõe-se: quem ele era, o que fazia, seus antepassados apareceram e com um sorriso nos olhos, o coordenador descobriu que ele era um descendente de uma família próxima a Imperatriz. O que fazia todo sentido!

Fez soar o alarme apertando o botão azul no canto da mesa. Em menos de um minuto a sala estava cheia. Dez pessoas se espremiavam no espaço entre a mesa do coordenador e a porta, uma delas

estava sob o batente, olhos e ouvidos atentos ao que ele diria:

– O erro não será admitido. Talvez seja nossa última chance de acabar honradamente com essa confusão toda. Desloquem nossos homens de Munique para lá. Quanto tempo demoram a chegar?

– Umás três horas senhor.

– Então ordene já.

Na mesma hora uma mensagem foi lançada no twitter para os homens de Munique. Ela continha somente o nome da cidade, o endereço e palavra: faça. Para eles era o suficiente. A Ordem sempre utilizava a mais recente tecnologia para se comunicar com seus homens, twitter, facebook, orkut, my space, todas as formas de comunicação pública eram utilizadas. Segundo o coordenador por estas redes passavam tantas histórias absurdas que tudo parecia

normal. Não há melhor lugar para um segredo do que aquele onde ele jamais seria procurado.

Os homens em Munique entraram no carro, lendo a última mensagem do twitter que já não era a mensagem da Ordem, mas sim uma piada de alguém que seguiam. Seguir era um verbo que significava trabalho e diversão para eles.

Sem nem imaginar o cerco que era montado em torno de si Anna prosseguia com sua viagem cibernética atrás do seu passado. Tudo isso era muito confuso para ela. Buscar o passado na tela de um computador... E a cada palavra digitada, milhares de páginas se tornavam disponíveis e interessantes.

Oliver ao lado dela, embarcou na mesma viagem e, de tempos em tempos, voltava com mais chá quente e novas tigelinhas, cada vez repletas de outros tipos de frutas e biscoitos.

Ele era um grande anfitrião. Anna lia uma nova página, agora um relatório de um professor da faculdade de psicologia de Coimbra que contestava o suicídio do Rei, ia além, o documento contestava a insanidade do rei. Era muito tranquilizante para ela encontrar um texto que não tratasse o rei como um louco, perdulário e doente sexual. Verdade que este texto era exceção, mas para ela bastava. Tinha o diário, tinha a história da avó de Oliver e agora tinha este texto científico. Era o suficiente.

Enviou um e-mail para o professor pedindo uma audiência com ele, assim que a mensagem foi enviada, tentou desligar o micro, sem sucesso, a conexão estava travada, como que presa em algum site... Na hora ela entendeu.

– Oliver, desculpe-me, pus tua vida em risco. De alguma maneira, inimaginável, acho que nos localizaram.

– Nos localizaram, quem?

Anna, em resumo, contou a ele sobre Francisca, frisando que já estava morta, de Ricardo, dizendo que desaparecera e de sua família, completamente exterminada, de forma que beirava o surreal. Mesmo no desespero protegera aquelas pessoas que faziam parte da sua história atual.

Oliver não sabia o que dizer. Seus instintos diziam que deveria acreditar nela, sua avó disse que um dia seria procurado.

Ele se deixaria levar pela intuição ao menos desta vez.

– Vamos. Abriu a gaveta da escrivaninha onde estava Anna, pegou o passaporte, um envelope com dinheiro. Subiu as escadas, pegou a menor mala que tinha, colocou algumas roupas, pegou o casaco. Desceu ao porão, desligou o gás, voltando ao escritório, apagou a lareira e estendeu a mão para Anna:

– Vamos?

Anna pegou o seu diário, o casaco e aceitou a mão dele. Saíram em direção à garagem e ela disse:

– Não no seu carro. Vão nos encontrar.

– Que gente é essa?

– Dizem que é um organismo secreto da ONU.

– ONU? Não pode ser!

– Não pode, mas parece que é. Era a vez de Anna estender a mão e levar Oliver para o outro lado da

rua. Nem bem viraram a esquina, viram o carro preto parando na porta e os homens de terno escuro descendo do carro. Anna sentiu um calafrio. Oliver sentiu medo mesmo.

– Foi por pouco, ele disse.

– Vamos. Onde é a estação de trem?

– Logo ali na frente.

– Costuma ter trens com que frequência?

– Em cinco minutos sai o trem para Zurich.

– Não temos cinco minutos.

– É o melhor que posso fazer. Sem carro...

Pararam na loja de roupas no meio do caminho e compraram chapéu e luvas. Dois cachecóis e duas capas de chuva.

Vestiram a roupa e foram para estação de trem. Entraram no primeiro vagão, quando a porta estava fechando. Sentaram nos lugares vazios e

respiraram pela primeira vez, desde que deixaram a casa de Oliver.

De dentro da casa, o homem mais alto ligou para a sala da Ordem:

– Senhor, não tem ninguém aqui. Saíram, penso que sem pressa de voltarem, desligaram o gás e não localizamos nenhum documento importante.

– Saíram? Como? Localizem o carro dele, gritou para alguém da central.

– Senhor, o carro é perda de tempo, estamos vendo o carro daqui.

O coordenador não podia acreditar. Aquilo estava indo além dos limites. Começou a passar o dedo pela tela do computador abrindo opções de fuga da cidade, horários de voos, locadoras de veículos, estações de trem, utilização do cartão de crédito...

Da tela veio a imagem identificada de Anna originária da câmera de segurança de uma das lojinhas perto do prédio.

Ele passou o endereço aos dois e pediu que fossem atrás de imagens e algum comentário. Voos não tinham pegado, mas havia o trem. O último saiu para Zurich há 10 minutos.

– Corram. Resolvam. Os dois saíram dali com muita pressa e foram à loja. Com foto dos passaportes de Oliver e Anna começaram a interrogar o dono da pequena loja. Ele resistiu o quanto pôde até que o soro da verdade começasse a fazer efeito e aí disse:

– Oliver e sua prima foram fazer um passeio de trem, iam pegar o próximo para Zurich, saíram daqui correndo.

Os dois largaram o homem falando sozinho, que concluía o pensamento:

– Prima, ha ha ha, prima uma ova. Aquele safado... Agora o mais baixo ligou para a Ordem e avisou que estavam no trem. O coordenador checkou a rota e viu que a próxima parada seria em 45 minutos, precisava mandar alguém interceptar os dois ali, sem falhas.

Oliver e Anna estavam desesperados, se eles eram tão bons como Anna dizia, pegariam os dois na próxima parada. Com esse pensamento veio a lembrança e a ideia:

– Anna, quando eu era moleque, pegávamos o trem sem o bilhete e como sabíamos que ele só seria checado na estação, esperávamos que o trem diminuísse a velocidade e saltávamos. Disse Oliver:

– Isso era naquela época, hoje as portas são trancadas

automaticamente. Lembrou Anna com muita tristeza.

– É, sorriu Oliver, menos no vagão da saída de emergência... Pegaram as coisas e foram até a porta de emergência.

Assim que o trem começou a diminuir a velocidade, saltaram. Anna não acreditava no que sua vida havia se transformado: de reclusa a fugitiva. Caíram no chão com poucos danos. A calça de Anna rasgou no joelho e o sapato de Oliver perdeu parte da sola.

– E agora? Questionou Anna.

– Agora, vamos pela margem da estrada do outro lado, voltando à cidade em que o trem não parou. Quarenta homens foram deslocados de helicóptero para a próxima estação em que pararia o trem.

Pousaram todos num campo de futebol perto da estação e ninguém entendeu o que estava acontecendo. Saíram em veículos rápidos e muitas motos para a estação de trem. A operação estava ficando ousada, pouco escondida. Quando o trem parou, cada homem entrou num vagão, a todos foi solicitado que tirassem os chapéus.

A varredura foi completa e nada deles. O chefe da operação ligou para o coordenador:

- Senhor, não sei como, mas não estão aqui.
- Merda. Não é possível! Onde desceram? Veja o relatório do condutor se houve algum imprevisto, alguma parada extra, suspeita, algum sinal?

O grupo do primeiro esquadrão deteve o condutor que alegou nada saber. Ao pedirem o relatório das emergências viram que a porta de

emergência do vagão central foi acionada durante o percurso, a uns 45 quilômetros de onde estavam.

O cheiro de álcool que exalava do condutor deixava claro àqueles homens porque ele não havia escutado ao sinal da abertura da porta. Precisavam ligar a sala da ordem novamente. O mesmo homem baixo ligou:

– Os perdemos, mas sabemos onde saltaram do trem. Vamos atrás deles. Desligou o telefone antes de escutar a sequência de xingamentos do coordenador.

Fran abriu os olhos e achou Ricardo um pouco pálido. Apenas sorriu e nada disse, afinal as ervas na sua boca a impediam de qualquer comentário.

A fraqueza de seu estômago também. Elli a limpou uma vez mais e lhe deu um pouco de suco de proteína, pela primeira vez em dias ela comeria alguma coisa. O corpo de Fran não resistiu ao suco e ela vomitou além do que engolira muito da erva que lhe foi aplicada nos últimos dias, o cheiro de podridão com fermentação e veneno exalava no ar. Ricardo ficou em pânico, Elli o olhou com tanta firmeza que ele confiou.

Fran vomitou por minutos, após a maratona de mal-estar caiu em sono profundo, o sorriso de Elli confundiu Ricardo, ela explicou:

König

- É parte da cura. Ela precisa agora expelir o que ficou em suas entranhas. É um bom sinal.
 - Está bem. Vamos em frente. Respondeu Ricardo, cada vez mais confuso com o que era bom ou não.
- Elli, sentindo o medo de Ricardo, se aproximou dele e colocando as mãos em seus ombros o confortou:
- Ela vai ficar bem, tenho certeza.
 - Obrigado, ele disse. Muito obrigado.



Anna e Oliver estavam perdidos. Para onde iriam? Anna pensou em Portugal. Oliver nunca havia estado por lá. A ideia o agradou. Pegaram um mapa com os horários dos trens e voos. Alugaram um carro sem GPS e deixaram a garantia em dinheiro, largaram o carro em uma rua calma e escreveram uma carta para a locadora dando a exata localização do carro e postaram a mesma, numa caixa do correio no meio da cidade. Pegaram o trem para Espanha, de lá pegariam outro em direção a Portugal, desceriam na cidade do Porto e de lá pegariam um barco e subiriam o D'ouro em direção à cidade de Peso da Régua, onde havia um convento da mesma ordem religiosa que Anna havia servido e uma querida amiga Lotta.

Os homens do esquadrão perderam a pista. O coordenador que, já não dormia há dias, perdera a

esperança de dormir novamente. Aquilo não estava acontecendo! O guarda do posto um, ficava muito feliz com a agonia do coordenador, ele ainda tinha em seu celular a foto da Lotta morta. Em seu peito ainda tinha o inconformismo pela covardia de não ter partido.

Durante todo o trajeto Oliver leu o diário de Anna e ficou impressionado com a história de amor ali contada. O rei e sua Sophia foram de fato apaixonados. Foram também a prova de que amor somente não é tudo, embora tenha deixado descendentes, estes desconheciam o seu passado e não puderam cumprir seu destino, vidas desperdiçadas, histórias perdidas, gerações confusas de sua missão. Anna dormia, sem sonhos. Vivia um pesadelo, agora que tinha uma vida para viver, corria o risco de perdê-la a cada instante. Oliver temeu só por ela. A sua vida não tinha graça

König

nenhuma, era um poço de vergonha, delator de seus amigos, safou-se, mas ficou preso à vergonha, sem talento, aquele para o qual enviavam dinheiro para ficar longe, vivia à margem. Depois da morte de sua avó ficou só, assim como Anna.

Elli ficava cada vez mais preocupada com o destino deles. O que comeriam? Como sairiam dali?

Embora Francisca estivesse ficando mais forte ainda era muito frágil para qualquer fuga e em breve, o inverno chegaria em definitivo e como fariam?

– Ricardo, falou Elli. Precisamos pensar em como sairemos daqui, o dia da ida está chegando.

– Penso nisso a cada minuto, falou Ricardo. Pensei em ligar para o Sérgio e ver se não pode nos ajudar, mas não acho seguro... Não sei o que fazer e isso é muito novo para mim.

Otrem de Anna e Oliver parou em Lisboa, eles pegaram um ônibus com destino a cidade do Porto. Anna detestava Lisboa, ao contrário, o Porto morava em seu coração. Aquelas ladeiras, o prédio da bolsa, o Rio D'ouro com suas pontes, o vinho, tudo que tinha lá fazia bem a ela. Ela precisava desse ar, ela precisava de alguma coisa que a fizesse parar de pensar em Ricardo.

Desde o dia que o viu pela primeira vez algo dentro dela ficou diferente. Algo dentro dela renasceu. Algo que era bom, muito bom, pena que pela pessoa errada. Ele brigava pela vida da esposa e o que ela pudesse fazer para mantê-los unidos faria.

Oliver pegou em seu braço a salvando de uma queda no rio, vez que seus pensamentos a levaram para outro planeta.

– Obrigada. Venha, vamos procurar uma amiga. Anna seguiu pela ladeira defronte à entrada principal dos cruzeiros pelo rio.

– Recomendo, disse a Oliver, apontando para o cruzeiro que dali seguia até o Peso da régua. Quem sabe ainda hoje não podemos embarcar? Oliver continuava sentindo-se muito mal, consigo, com sua vida, com seu baixo caráter. Do seu não talento. Começou a questionar coisas que havia decidido. E se estivesse do lado errado? E se Anna não fosse o lado certo para apoiar? Se ele a entregasse, o que aconteceria? Seria famoso? Reconhecido? Afinal conhecia a história há tanto tempo, para que valorá-la agora? E se existisse uma recompensa? Ela falava em ONU. Ele tinha que repensar seu futuro. Não teria outra chance.

Anna sentiu frio ao olhar para ele. Isso nunca foi bom. Ela ignorou o estômago e usou a razão. Ele

não iria até lá se não fosse para ajudá-la. Tinha em seu sangue o DNA de uma pessoa confiável e digna. Bobagem, pensou, teoria da conspiração. Ela estava cansada, só isso. Entrou numa das centenas de lojinhas indianas perto da estação rodoviária e pagou dez dólares para o vendedor que lhe emprestou o telemóvel para que ela fizesse uma ligação. Após a chamada cuidou de deletar o número, deletou os três últimos por garantia.

Seu estômago não parava de incomodá-la, mas a voz amiga, do outro lado da linha, havia sido acolhedora e solícita. Era uma antiga Lotta que havia servido com ela. Hoje casada com um português, ainda mantinham contado. Anna anotou o endereço falso num pedaço de papel e entregou a Oliver, o endereço real guardou consigo. Teoria da conspiração ou não, prudência nunca era exagero.

Oliver olhou o papel como se fosse um trunfo. Anna, entendendo tudo, manteve-se firme e seguiu com o plano. Foram para o hotel e suas dúvidas se confirmaram quando ela viu Oliver inserindo o cartão de crédito no computador do lobby para ter acesso à internet. Com muita tristeza ela virou-se para o outro lado, deixou um bilhete na recepção: “Querido Oliver, peço que me encontre no endereço que lhe dei em três horas. Não atrase. Vou passear na beira do Rio. Beijos, Anna”.

E aproveitando uma excursão de brasileiros que chegavam ao Hotel, se misturou a eles e saiu dali. Seu único pensamento foi: mais uma decepção. Caráter, definitivamente, não vem inscrito no DNA. Oliver em sua empáfia burra, em sua mística tentativa de ser útil ou valorar sua existência pífia, passou um e-mail para a ONU e lançou os dados do mesmo no Google. O email dizia: Sei de Anna,

tataraneta do Rei. Estamos na cidade do Porto. Estaremos no seguinte endereço daqui a três horas.

O e-mail nem havia sido enviado, na sala da Ordem o alerta do uso do cartão acendeu. A tela ligou o Google map que localizou o lugar em segundos e, como mágica, os operadores da estação da sala da Ordem invadiram as câmeras do hotel e lá estava ele, Oliver. O coordenador sorriu novamente, sentindo muito nojo da burrice daquele sujeito. O e-mail enviado indicou novo alerta que foi ignorado, já tinham a localização deles.

Anna passou na loja na rua de baixo, comprou uma boina, roupa nova, só não trocou os sapatos, precisava guardar tudo que tinha agora que era só ela. Embarcou no cruzeiro do Rio D'ouro, pegou o mais barato dos barcos e seguiu em direção à cidade de Peso da Régua para encontrar a Lotta.

Durante o cruzeiro viu crianças brincando, turistas por todo lado, gente se beijando, e não pôde evitar o pensamento em Ricardo. Ela descobriu que o amava e por isso faria tudo pelo amor dele. Quanto mais o barco subia, mais a mente dela descansava. As quintas com suas parreiras que cobriam o chão, cercadas por oliveiras e pessegueiros, tudo margeado pelo céu azul, sem nuvens e o dourado da beira das folhas dos pés de uva. Os trabalhadores cantavam em meio às parreiras.

Ela respirou aquele ar e por um único instante teve uma intenção leviana, pensou que se Fran morresse ela tentaria conquistar Ricardo e suas filhas, seriam uma família muito unida e poderiam até vir para a vindima do próximo ano. Como aquela região a encantava! No embalo destes pensamentos, acabou por dormir e acordou com a parada do barco no porto.

Pegou tudo que tinha, que era tão pouco, e saiu em direção à casa de Ludmila. Após a convocação da melhor equipe em Portugal para a ação e apenas 18 minutos após a localização de Oliver, eles já estavam instalados no quarto ao lado dele. Ouviram o banho, a abertura da geladeira, do copo sobre a mesa de vidro, o destampar da garrafa, o líquido caindo no copo e então começaram a jogar o gás por baixo da porta, na contagem regressiva a partir de 100, no número 43, ouviram um tombo, pelo barulho o do homem... Esperaram, nada da queda do segundo. Será que ela estava sobre a cama? Na banheira?

Acabaram a contagem para a dispersão do produto, colocaram suas máscaras e entraram no quarto. Encontraram Oliver nu, no chão, com o sex channel pay per view ligado e nada de Anna. O homem estava sozinho!

– Cacete, falou o comandante. Cadê a porra da mulher? Vasculhem tudo. Peguem qualquer coisa. Acharam dentre as coisas de Oliver o bilhete. Precisavam do endereço. Ligaram para o coordenador, mantiveram ligado o pay per view e procuram como loucos o tal endereço.

Encontraram no bolso da calça de Oliver e destinaram uma equipe para o local. Depois de horas, nada. O que teria acontecido? O coordenador mandou que voltassem a fita e ficou procurando por detalhes, viu quando entraram no hotel e pediu que fixassem a imagem no rosto de Anna. Desconfiou de seus olhos.

Sua certeza veio quando viu seu olhar ao perceber que Oliver havia inserido o cartão na máquina, viu quando ela escreveu o bilhete e viu

quando ela afastou-se. Ele a havia traído e ela sabia disso. Pediu que aproximassem a câmera da tela do computador e pôde ler o e-mail.

– Filho da Puta. Matamos o cara antes de poder interrogá-lo! Ele a traiu! Rápido, quero todas as câmeras de rua na saída do hotel, para cima e para baixo. Eles acessaram, mas as imagens de Anna paravam na esquina da rua em frente ao Sofitel do Porto. Ela sumiu no meio da multidão.

Mais imagens estavam chegando. Em menos de 15 minutos, tinham quase todo o percurso deles, com raros intervalos. Tinham a entrada na lojinha indiana, o que fariam por lá?

– Mandem uma equipe ao endereço e outra para a loja, os melhores para a loja, minha aposta é que ela

não lhe entregou o endereço correto. Falou o descabelado comandante.

Dentro da loja, o jovem indiano, ainda com os dólares no bolso, estava carregando a última caixa de reposição do estoque quando ouviu a porta da loja bater e a grade de ferro ser abaixada. Seriam os punks novamente? Há menos de um mês haviam destruído a loja toda. Pegou a arma que trazia nas costas e pelo espelho do lado da escada viu três homens de pé num canto e outro vasculhando o caixa e o telefone.

Tinha somente duas balas. Se atirasse alardearia os homens. Subiu para o telhado e começou a remover as telhas, saiu pelo buraco do telhado e pulou na casa vizinha. De telhado em telhado, saltou nos fundos da escola pública na rua de baixo, pulou o muro e desapareceu no meio da

multidão. Foi para casa da namorada para ligar para o chefe. O dono da loja, um velho indiano casado com uma angolana 20 anos mais nova que ele, começou a xingar o rapaz:

– Por que deixou a loja, Raj?

– Senhor, três homens invadiram a loja, fecharam a porta e estavam revistando tudo! Abriram o caixa e não levaram nada. Tudo estranho. Muito estranho...

– Fez bem Raj, fez bem de sair. Antes de terminar a frase a sua porta estava sendo arrombada e seus passaportes confiscados. Foram levados a um escritório distante do centro, subterrâneo e com fundos para o Rio D'ouro. Havia dois homens lá dentro que começaram a fazer perguntas desconexas, até que mostraram a ele a imagem da moça entrando na loja e ele pediu permissão para falar com o funcionário.

– Raj, preciso saber da moça de calça jeans e blusa branca de florzinha, com homem muito alto e loiro, hoje na lojinha.

– Moça muito educada, chefe, ela entrou e pediu o celular emprestado, em troca me deu dez dólares.

A conversa, que estava no viva voz, era transmitida à sala da Ordem que, no mesmo instante, iniciou a busca de números discados naquele horário. Bingo, disse o coordenador, temos um número e uma identidade. Esperava o coordenador uma resposta rápida, mas o sistema não parava de mudar o nome da mulher, alterou muitas e muitas vezes, até que, duas horas depois, parou...

– Puta que o pariu, gritou o coordenador, é da casa de Ludmila Juvenski.

– Quem? Perguntou o agente que estava ao seu lado.

– Uma ex-Lotta. Nos prestou serviço por anos, por isso tantas identidades.

Não existem ex-Lottas, idiota, pensou o guarda, na porta. Anna havia chegado muito rapidamente na casa de Ludmila e contou a ela uma pequena parte do que sabia da história. O marido de Ludmila era professor de história em Coimbra e ficou enfeitiçado com o que ouviu e ao mesmo tempo chateado, pois sabia que teriam que mudar.

Como na última vez, já havia novo endereço e novo nome. Agora a identidade era Suíça e o endereço também. Ligaram o gás e deixaram a lareira acesa na sala, nem bem viraram a segunda esquina, ouviram a explosão. Na mão de cada um uma mala, eles já haviam acostumado com isso. Por isso não tiveram filhos. Precisavam continuar a missão de Ludmila e ele a amava por suas

promessas. Mais histórias de amor, pensou Anna, quando viria a sua?

Pegaram a imagem de Ludmila e Anna e começaram a procurar nas câmeras possíveis, Portugal era um excelente local para esconder-se por causa deste pouco desenvolvimento.

Poucas câmeras, redes isoladas e sem comunicação, perda de dados. Melhor para Anna que podia andar sem ser vista. Ludmila contactou outra Lotta na Finlândia e passando o telefone a Anna esta lhe deu algumas informações e pediu alimentos, remédios e disfarces, eles precisariam sair dali algum dia e ela pressentia que o dia estava próximo.

Fran despertou e falando com sua voz fraca perguntou das meninas. Ricardo também estava fraco, era o terceiro dia sem comida. Disse à mulher que estavam muito bem, passou a mão pela sua cabeça e sentiu muitas saudades dos seus cabelos. Ela voltaria a ser sua mulher? Temeu seu pensamento mesquinho. Ela estava viva, era o que importava. Mas ele não podia furtar-se aos pensamentos da paixão. Teria ela novamente, na cama, do jeito que tanto gostavam? Ela para sempre seria sua esposa, a mãe de suas filhas, mas seria novamente sua mulher? Sexo mesmo?

Com vergonha dos seus pensamentos, tomou um gole de água e uma dose da bebida muito amarga que Elli carregava com ela. O efeito no estômago vazio dele foi imediato. Ah Fran, pensou deixando escapar um, que merda, alto o suficiente

para que Fran reabrisse os olhos e como que adivinhando os pensamentos dele virasse o rosto na outra direção.

Quando fez isso, confirmou seus temores. A parede de aço refletiu a sua imagem, ela era um monstro. Queria passar as mãos no rosto, mas os braços estavam paralisados, ela então olhou as mãos, sem unhas, no lugar delas uma carne esponjosa com algum sangue, as veias muito dilatadas, na superfície da pele, entreabriu a boca e percebeu-se sem dentes. Começou a chorar muito! Elli recolheu suas mãos e disse aos dois:

– Vai passar. Como um pesadelo isso um dia será somente lembrança. Má lembrança é verdade, mas passado e isso será muito bom. Coragem, falta pouco.

König

Dizendo isso, Elli buscava acalmar-se também, já tinha dúvidas do quanto aguentariam. Ela iria até o fim e eles estavam com ela. E o fim também estava por perto.

No quartel das Lottas iniciou-se novo movimento, a Lotta que era o contato da célula da ONU que não existe, estranhou a excitação. Fazia muito tempo, desde o dia da destruição do esconderijo que não via tanta confusão. O máximo que pôde saber era que se tratava de um pedido de ajuda e para ali mesmo na Finlândia.

O coordenador estranhou muito e resolveu questionar os homens que investigaram o local. Depois de ler e reler o relatório viu que não haviam falado com a responsável pelo museu. Pediu que voltassem e acabassem o serviço.

A Lotta, da gerência, disse que nada havia de errado e quanto ao tal carro não se lembrava de nada. Eles pediram para ver as fitas do museu e nada localizaram. Foram embora frustrados e levando cópias das fitas ao coordenador. Assim que saíram,

ela emitiu um sinal que foi recebido apenas pela célula de operações secretas, a mesma que havia recebido os sinais de Anna. Rebecca tornou a operação mais sigilosa e afastou do grupo qualquer pessoa que tivesse usado o telefone naquele dia.

Na sala da Ordem, o coordenador assistiu as imagens em câmera lenta por três vezes e a única coisa que o intrigava era um par de sapatos de couro marrom claro e salto baixo que aparecia por detrás de uma moita para depois desaparecer sem qualquer vestígio de que alguém tenha saído da moita.

Enviou a fita ao DTI – Departamento Técnico de Imagens para que verificassem se houve interrupção da filmagem ou algo que pudesse cortar parte do filme. Pediu ainda que qualquer movimentação que envolvesse a Finlândia, o museu ou aquela região lhe fosse relatada. No seu costumeiro mau humor foi dormir, deixando ordens

König

suficientes para que ninguém mais dormisse naquela
noite.



nna agradeceu muito a Ludmila, desistindo de seu passado, resolveu cuidar do seu futuro e começou seu caminho de volta, precisava contar a Elli onde havia alimento e remédios suficientes para a cura de Fran. Ludmilla, agora Ester, abraçou o marido que olhava espantado para a agora loira mulher e os três se despediram, Anna seguia de carona com uma prima distante de Ludmilla que não a via há anos e que adorava participar de suas missões.

Dois dias depois chegou a Paris e de lá pegou um carro alugado por Maria Amélia, a prima de Ludmilla, e seguiu para Londres, onde pegou um navio de cruzeiro que seguiu para Suécia. Assim que chegou, embarcou no barco de uma noite para Finlândia. Ela desceu do barco e resolveu seguir a pé

para não gerar suspeitas. No meio do caminho pegou duas caronas e chegou à frente do museu.

Deitou-se na mesma moita que da primeira vez e ficou esperando. Bem no meio da noite, como a câmera era desperta pelo sensor de movimentos, atirou o maior pedaço de pau que pôde para o outro lado, fazendo com que a câmera virasse na outra direção. Anna então correu para a entrada do esconderijo e tendo certeza que ninguém a vira, correu corredor adentro. O cheiro era insuportável. Ela quase vomitou. Só manteve o controle ao ver Ricardo dormindo, suave, com as mãos sob o rosto. Ela chegou bem perto dele e se permitiu não olhar para mais ninguém. Colocou sua mão fresca na testa dele que despertou sem alarde e ao vê-la sorriu com sinceras saudades:

– Anna, a adorável! Levantou num salto e a abraçou com muito carinho, permaneceu sentindo o perfume dela.

Ninguém por lá cheirava melhor que ela, cheirava a banho, a xampu e a sabonete. Sentiu amizade, amor fraterno. Anna sentiu desejo, coisa de sexo mesmo. Controlou-se, percebeu pelo seu toque o que ele sentia, o quanto era diferente. Elli como que percebendo a mudança da energia despertou e também ficou muito feliz em ver Anna, por ser mais prática, ficou muito preocupada também.

– Ninguém te seguiu? Perguntou com segura na voz.

– Não e contando tudo que aconteceu, se passaram duas horas. Elli lembrou Ludmilla com muitas saudades, com muito carinho e respeito. Ficou muito agradecida pela atitude de Anna e disse:

– Te agradeço, mas não sei se esta sobrevida não nos levará a morte.

– Não, respondeu com positividade Anna, se algo tivesse que dar errado já teria dado. Abriu a bolsa e estendeu a mão, primeiro a Ricardo e depois a Elli, ofereceu a eles uma barra de cereais, uma de chocolate e um suco de tomate em lata. Informou que a ambulância estava novamente carregada.

Armaram um plano. Como Elli, em tese, era única imagem desconhecida, ela iria buscar a comida que havia sido colocada na ambulância. Foi e voltou sem nenhum problema.

Aquela noite foi um banquete e Fran comeu pela primeira vez em muito tempo. Junto vieram produtos de limpeza hospitalar.

Eles, então, transformaram aquela caverna fétida num lugar quase estéril. Foi uma noite mágica.

König

Quando o nada é tudo que se possui, qualquer pouco
é motivo de agradecimento.

O coordenador se remoía na cama. Ele precisava de alguma pista, a imagem do sapato por detrás da moita ao

lado do museu não lhe saía da mente. Como todo bom cretino tinha um instinto perigoso.

Sem perceber o peso de sua consciência, adormeceu. Fran passou muito mal naquela noite. A comida pela primeira vez em dias foi para ela quase mortal e ela entrou em coma novamente. Ricardo começou a perder as esperanças novamente e não fosse pelo ombro caloroso de Anna e a lembrança da doce e normal vida que tinham antes de tudo isso, ele não teria sobrevivido àquela noite. É para isso que servem as memórias, para nos salvar.

Algumas horas depois, dentro do abrigo as coisas estavam mais serenas, Fran saiu do coma e Ricardo e Anna dormiam abraçados quando ela reabriu os olhos. A cena a deixou confusa. O que

aquela mulher queria com seu marido? O mesmo que ela... Enquanto pensava nisso seu coração viajou até suas meninas, como estariam? Quanta saudade... A dor foi tão profunda que ela conseguiu pela primeira vez emitir um grito, tão alto que todos acordaram muito assustados, como ela olhava fixamente para Ricardo ele aproximou-se dela, colheu suas mãos e esforçou-se para beijar sua testa.

Ele a amava muito, mas a aparência dela estava repugnante. Ele deve ter transparecido algo no olhar porque Fran baixou os olhos e apontou para Elli. Ela aproximou-se e entendendo a ansiedade de Fran, olhou dentro de seus olhos lançando suas palavras em sua alma e disse mais uma vez:

– Confie, isso vai passar.

No Brasil o Presidente retornava de longa viagem ao exterior e assim que chegou ao Palácio mandou que chamassem Sérgio, sabia que ele queria lhe falar.

– Olá Presidente, como vai? Disse Sérgio com um enorme sorriso. Como foi a viagem?

– Muito cansativa e nada de resultados. Ainda nos veem como terceiro mundo, terra de índios, cobras e lagartos. Isso me farta.

– Ninguém lhe disse que seria fácil... Disse Sérgio.

– Pois é, nem que seria tão difícil. Vá lá, que queres além do papo, vejo que tua aflição supera tua felicidade em me ver...

– É Francisca. Ricardo não me ligou mais e o celular aponta que estão no mesmo local. Estou muito preocupado. Queria agir, não sei como.

– Eu sei, disse o Presidente. Pensei nisso durante todo o trajeto, desde que li teu e-mail. Solicitei uma série de relatórios. O problema é que não estou certo em quem podemos confiar. Escute, pensei em pedir ajuda às forças armadas da Rússia, sei que foram inimigos da Finlândia, mas estão em processo de religamento e talvez fosse uma oportunidade para uma troca. Na Rússia há um espião finlandês preso há vinte anos e a família pediu através do governo que interviesse junto ao nosso governo para requerer a sua libertação à Rússia. Pois bem, se eles estão em Tusula, pensei em de alguma maneira, classificar Fran como nossa prisioneira e solicitar que o governo finlandês a prendesse, com sua prisão faríamos a troca pelo o prisioneiro russo.

– Mas e a Rússia, Presidente?

– Já falei com o primeiro ministro e eles não veem a hora de mandar o fulano embora, só precisam de um motivo.

– É muito arriscado. Não sei...

– É nossa única chance. Sérgio, não há vitória sem risco! Nunca saberemos se não tentarmos e sozinhos não conseguirão.

– Está bem, estou sob seu comando.

O Presidente na mesma hora convocou uma reunião com o chefe das forças armadas e requisitou força militar, além de equipes de socorro e começou a explicar seu plano.

Sérgio olhou para ele com muita gratidão. O Presidente devolveu o olhar com a mesma gratidão. Sérgio fazia parte de seu batalhão, nunca negou apoio fosse intelectual, fosse de amizade. Nunca se furtou a ajudar ao amigo e agora ao presidente.

Por vezes colocou sua reputação em risco. Muitas vezes deixou que a culpa lhe fosse imposta para livrar a imagem do presidente. Escolheu os que levariam a culpa, trocou outros de lugar, inverteu identidades. Foi leal. E lealdade é algo que se paga na mesma moeda. Se Fran era tão importante assim para Sérgio e havia sobrevivido até então, ele compraria a briga.

Sérgio então ligou para Ricardo relatando em detalhes o que aconteceria. Ricardo ficou apavorado, pela fraqueza de Fran, ela não sobreviveria, embora ele concordasse que era a única forma de saírem dali. – Esteja preparado, avisou Sérgio. Quando eu ligar novamente siga para estação russa, perto de Helsinki. Estaremos lá.

Ricardo relatou os planos do governo para Elli, Anna e sua Fran. A única que sorriu foi Fran, lembrando com carinho do amigo e do Presidente a

König

quem tanto admirava! E agora seria salva por ele...
Quem duvida que a vida é de fato uma roda? Segue
um ciclo de troca, onde lá na frente se recebe o que
distribuiu no passado.

Senhor, senhor, batiam na porta do quarto do coordenador. Temos novidades. O coordenador

resmungando levantou e vestiu a camisa do pijama, abrindo a porta.

O sorridente rapaz trazia um relatório dando conta de que o filme do museu havia sido cortado e melhor, houve uma ligação, via satélite para aquela região e a ligação vinha do governo brasileiro. A agitação na coordenação foi total. O coordenador escovou rapidamente os dentes e já saiu falando no celular pedindo uma equipe para o museu, na mesma hora o avião da força aérea brasileira com sede na França, pousava numa base perto de Helsinki. O governo russo já havia embarcado o prisioneiro para uma de suas bases e a troca seria feita a qualquer instante.

No abrigo a tensão era evidente. Ouviram um barulho na entrada e ouviram passos. Prepararam-se para a luta, era a diretora do museu, uma velha amiga de Elli. Ela disse:

– Recebi uma ligação de um amigo interno na ONU que confirmou que estão vindo para cá. Parece-me que rastrearam um telefonema via satélite. O fato é que vocês têm de sair imediatamente. Vamos.

– Que merda, falou Ricardo, já recolhendo as coisas em volta de si.

Saíram, Elli e Anna carregando parte da medicação e Ricardo levando Franco no colo. Como ela estava leve, fraca...

Como ele a amava! Ele ligou para Sérgio e a ligação caiu na secretária:

– Nos acharam! Tivemos que fugir, estou jogando o celular fora, fomos rastreados por ele. Obrigado por tudo e se tudo der errado, olhe pelas meninas e por Dona Tereza.

O tchau de Ricardo ficou muito abafado. Ele chorava novamente. Era forte, mais forte era seu medo. Saíram pelo buraco do solo e viram que a câmera estava desligada.

Na sala da Ordem tiveram a mesma informação, a câmera estava desligada.

– Onde vocês estão? Gritou o coordenador no celular para a equipe de solo.

– A 100 metros do museu.

A ligação foi interrompida pelo barulho de uma sirene de uma ambulância. O coordenador gritava:

– Que porra é esta?

– Uma ambulância senhor, em alta velocidade.

– Ok, disse o coordenador para museu, rápido. Antes de desligar, olhando a última imagem da câmera vira uma ambulância parada na entrada do museu, com a sigla PKV – 6878.

Na mesma hora seu maldito instinto acendeu todos os sinais e ele disse a equipe:

– Rápido, deixe um de vocês a pé para seguir até o museu e sigam a ambulância, eles estão lá dentro.

Max, o novato desceu e foi verificar o museu, encontrou a entrada do esconderijo e as imagens que ele tirava não paravam de chegar à tela central da sala da Ordem. A mistura das ervas, a cama, a presença de várias digitais, tudo começou a ser esclarecido. Como puderam passar dias ali? Quando o computador confirmou uma digital recente de Anna o coordenador ficou muito irritado:

– Ela saiu e voltou, passou por nossas barbas e não a pegamos! Que fracasso somos! Uma freira nos dá um baile, monte de merda é isso que vocês são. E saiu de fato muito irritado da sala.

– Novidade, perguntou aos agentes do carro?

– Estamos seguindo a ambulância. Vamos abordá-la na próxima esquina.

Dentro da ambulância a diretora do museu ria.

No pequeno carro do vigia do museu, Anna de um lado e Ricardo de outro prendiam o corpo de Fran sentada no banco, enquanto Elli pilotava o veículo com muito cuidado.

No abrigo Max encontrou o celular com uma mensagem na tela: Ok, siga o plano. Na mesma hora ele posicionou o coordenador a respeito da mensagem. Ele o parabenizou e até pediu que uma equipe de peritos fosse ao lugar, dando dois dias de folga ao novato. Se eles tinham um plano que envolvia o governo brasileiro a localização seria mais fácil.

Ativando sua senha no computador da ONU na célula que não existe, começou a buscar informações sobre acordos envolvendo o governo brasileiro. Encontrou apenas três, um com um

prisioneiro italiano, um caso de expulsão de um argentino e uma negociação que envolvia a libertação de um espião finlandês.

– Bingo! Para logo em seguida ficar muito irritado pela falta de planos no tratado de troca. Ligou na mesma hora para um amigo do governo russo que sempre sabia de tudo que acabou lhe contando a estratégia da troca de um preso finlandês por uma prisioneira brasileira detida na Finlândia. O russo tomou a liberdade de perguntar:

– Por quê?

– Não é da sua conta, foi a resposta.

– Seu idiota, disse o russo, não se sabe se para si mesmo no espelho ou para o telefone.

No carro Elli começava a ficar preocupada, o plano era muito audacioso. Mas se sobreviveram até então, talvez desse certo, talvez fosse o destino. Quando chegaram à base, estava tudo muito quieto. Elli estacionou o carro na outra esquina e foi até lá ver o que estava acontecendo, foi agachada pela beirada da cerca, quando chegou na esquina começou a levantar devagarzinho, mal chegou na metade de sua altura, vários holofotes acenderam em sua direção, ela tremeu, o que estaria acontecendo? Ouvia gritos de “ela é nossa”, “chegamos primeiro”, “fora daqui”...

Logo em seguida vieram os tiros, não contra ela, de uns contra os outros. A pequena equipe do exército brasileiro, a do russo, a dos revolucionários que queriam a liberação do prisioneiro, dos soldados da Ordem, dos homens da célula de proteção...

Elli se jogou no chão com tanta força, que machucou o ombro. As balas passavam por cima dela e eram muitas!

De dentro do carro, Ricardo via a situação com muito medo. Como acabaria aquela confusão? Fran com toda aquela agitação começou a vomitar e revirar os olhos. Anna a socorreu segurando sua testa e aplicando em sua veia a medicação que Elli havia preparado.

Quando tirou os cabelos dos olhos e pôde levantar o olhar, viu o olhar apaixonado de Ricardo por Fran. Aquele olhar a comoveu. Eram olhos de paixão, amor verdadeiro. Um amor que ela nunca teria. Talvez não fosse merecedora, não haveria tempo de descobrir. O sangue em suas veias era real, acostumado a dar a vida em troca de algum objetivo mais nobre que si próprio. Não havia nada mais nobre que aquele amor.

Ela precisava salvar aquele sentimento, ele nunca sentiria por ela, o que sentia por Fran. Munindo-se de coragem e já começando a confessar seus pecados, ela disse a ele:

– Seja o que eu fizer, não conteste! Nem bem acabando de falar, tirou a roupa térmica de Fran e colocou em si, fez o mesmo com o lenço, enrolando em sua cabeça e ordenou a Ricardo, com a voz mais decidida que ele já ouvira, deite Fran no banco de trás, vá para o banco da frente e solte o freio fazendo com que o carro se mova.

– Você não tem quem fazer isso, ele disse com ternura nos olhos.

Anna simplesmente o olhou com doçura, vestiu o casaco de Fran, colocou o diário de sua tataravó, que agora era o guardião da carta do

castelo, no bolso interno do casaco com muita formalidade, levantou a gola na altura do pescoço, decidida, puxou o rosto de Ricardo para si e beijou seus lábios, com carinho e desejo profundos, passou os dedos pelas sobrancelhas dele com amor verdadeiro e com os olhos úmidos e fixos, ela abriu a porta do carro, foi andando lentamente, imitando um cambaleamento, até parar no meio do tiroteio, em pé, dobrando um pouco as costas.

Elli vendo a cena entendeu tudo. Fran não poderia estar de pé daquela maneira, era Anna! Acostumada a este tipo de sacrifício, visto por muitas vezes durante sua vida de Lotta, começou a arrastar-se para trás, rastejando com uma velocidade incrível. Passou pela esquina e erguendo-se correu para o carro que já virava no final da rua. Abriu a porta e pulou para dentro do carro, por cima de Fran.

O barulho dos tiros era ensurdecedor. O coração de Ricardo estava dividido. Seria justo permitir que Anna fizesse isso? Pelo retrovisor ela avistava as faíscas dos tiros. Anna permanecia em pé. Ele estava muito confuso. Elli olhando seu olhar no espelho retrovisor, apenas disse:

– Olhe para frente. É para frente que se olha, vamos. Ele seguiu em frente, com o motor ainda desligado e com os olhos ainda fixos no retrovisor. Elli ordenou que ele ligasse o carro e dirigisse o mais rapidamente possível. Ele não obedeceu.

O carro com os seguranças finalmente abordou a ambulância e quando viram que estava vazia, acabaram por matar a diretora que a dirigia, por pura raiva.

– Maldita, gritaram, em meio a muitos tiros. Ligaram ao coordenador e para não sofrerem represália mentiram: duas baixas de alvo e uma da circunstância, Sr. Ricardo e ao que parece, uma Lotta, além da diretora do museu. Depois da mentira, sumiram com tudo para não serem descobertos. A notícia caiu como uma bomba para o coordenador, que aos berros perguntou:

– E o alvo principal?

König

– Ouvimos no radio que a prisioneira está na base russa, arriscaram os soldados com muito medo da verdade.

O coordenador, com imensa ira, ligou para o exército da coordenação e o alívio veio a seguir com a informação de que havia uma equipe do exército secreto da Organização relatando que encontraram Francisca e que a tinham sob mira.

– Atirem com o desintegrador. Ela tem que sumir do mundo. Não pode ser identificada de forma alguma, quero imagens do antes e do depois. Quero provas e quero que ela suma. Ordeno que suma. A raiva descontrolada impedia o seu pensamento. A irreabilidade do momento.

– Senhor a filmagem está muito escura, o local está sob fogo cruzado. Havia um movimento pró-libertação do prisioneiro finlandês que tentava sequestro. As equipes estão se enfrentando.

– Merda, atire de uma vez! Foque no alvo. Nada nos

König

interessa, apenas ela e o segredo que guarda. Esta mulher parece um daqueles personagens de filme de terror que não morre nunca. Acabem com ela de uma vez! Agora.

Ficou deliciado ao ouvir o barulho do único tiro. Seco, grave, oco, profundo. Ele adorava aquele som. O som do fim, do desaparecimento completo. Da aniquilação de qualquer prova. Barulho do nada.

Oalvo acendeu na testa de Anna, Ricardo estremeceu. Anna também. Apertou com muita força o diário que estava colado em seu corpo, como a foto de sua tataravó estava colada no corpo do Rei, naquele lago. Ricardo agarrou com muita força a direção e viu uma cena que não esqueceria jamais, Anna sendo atingida. Não houve explosão.

Ela simplesmente sumiu, e com ela toda a descendência do rei. Toda a história terminando ali, exatamente como sempre fora contada. Um rei sem herdeiros. Mesmo que a verdade viesse à tona, não faria mais sentido, não havia mais provas, Anna havia provado sua realeza, sua nobreza de espírito.

Ele não salvara o emprego do melhor amigo e ela deu a vida por eles. Isso era o que diferenciava os heróis dos comuns. Suas atitudes.

König

Aquilo foi muito triste e ele gritava muito, socando com muita raiva a direção, para logo em seguida cair em choro profundo. Anna havia sumido, para sempre. O estampido seco, mágica do desaparecimento, permaneceu em sua alma, como um prego, como um espinho. A imagem de Anna simplesmente desaparecendo era terrível. Como ele poderia viver com aquilo?

Baixando o espelho retrovisor, olhou longamente para Fran, viu nela sua vida, suas filhas, assumiu sua falta de heroísmo, sua mortalidade, seus medos, sua humanidade e sua alma aquietou-se. Seu amor por Fran era tão grande, que aceitou os fatos e rezou por Anna, a fé dela seria suficiente para ambos.

Como faria pelo resto de sua vida, rezaria por ela, em sua homenagem. Ela não fora princesa ou rainha como merecia, fora um anjo, que o salvara.

Reinados de anjos não têm fim. Anjos são anjos desde o início e para sempre.

No final da prece acelerou o carro o mais que pôde e em minutos estavam muito longe de tudo aquilo. Todavia Anna estaria para sempre dentro dele, como um amuleto de sua alma.

No dia seguinte, após revezar a direção com Elli, chegaram a um quartel de Lottas no extremo oeste do País e foi a vez de Elli chorar pela diretora do museu. Pegaram documentos falsos e Elli contactou Sérgio que mandou um esquadrão especial para resgatá-los, a equipe levou novas identidades e os transferiu para a Noruega.

Fran permaneceu internada por quatro meses e Ricardo voltou, já com seu novo rosto e identidade ao Brasil para resolver as pendências. Com uma autorização do governo o elegendo representante de Fran, passou as ações do escritório de Fran para sua sócia, vendeu a casa e todos os bens deles e de Dona Tereza, entregou a Suzana um lindo presente.

Usando a influência do banco em que trabalhava e com a ajuda de Sérgio, pegou as filhas e a sogra que também ganharam novas identidades do governo brasileiro e que já estavam morando em outro estado desde o dia do resgate. Todos a bordo do avião particular fretado por ele voltaram à Noruega.

Estavam afastados há quatro meses. Este isolamento era necessário por medida de segurança. Apenas se falavam. Apenas boletins médicos eram

enviados com frequência e todos eram muito animadores.

Ricardo parou o carro na porta do hospital e respirou muito fundo. Quando entrou no hospital ficou esperando na saleta da entrada por longos dez minutos, tempo que Fran demorou para despedir-se de cada um que cuidou dela nestes meses.

Fran passou pela frente dele e não o reconheceu. Ele reconheceu Fran. Sentiram atração um pelo outro e então se entre olharam de longe mais uma vez. Não se reconheceram, apenas souberam quem eram.

Ela estava muito bem, ela estava de volta! Podia ver que sua alma regenerara seu corpo, estavam em sintonia novamente! Seus cabelos em corte curto, seus dentes e unhas foram reimplantados, uma pequena alteração de sua

sobrancelha e em seu nariz a deixaram com a aparência mais rejuvenescida.

Ele duvidou ser ela, quando em sua voz firme, ouviu que ela falava norueguês com uma das enfermeiras que a acompanhavam. Elas sorriram para Ricardo, fazendo um pequeno cumprimento com a cabeça. Fran usava um vestido azul marinho, com um cinto que marcava sua muito magra cintura.

Quando ela se virou, ele pôde ver seus olhos... O mesmo verde, o mesmo brilho, sua Fran tinha voltado!

Ela, embora recuperada, ainda não podia correr. Começou a caminhar na direção dele, aproximou-se com receio e disse com voz firme:

– Ricardo? É você, não é? Disse isso colocando as mãos ao lado de sua face, procurando por ele dentro de seus olhos, agora azuis. Ele a abraçou, acariciando seus agora curtos cabelos, a beijou com calor

reprimido. Ela se entregou aquele momento, impediu que lágrimas caíssem, não as conteve quando afastando-se do beijo, viu suas meninas e sua mãe atrás de Ricardo.

As abraçou com força, fez cócegas, deram risadas. Sentaram ali mesmo, no chão do hospital, o mundo ao redor sumira. Estavam juntos novamente e isso era incrível! Recriariam seu mundo, seu pequeno e confortável planeta.

Na principal sala da Ordem o coordenador foi chamado. Seu superior queria parabenizá-lo pelo serviço. Sua ação foi escolhida a ação do ano.

Para o evento ele passou, com vigor, flanela nos sapatos, penteou os cabelos, apertou o nó da gravata. Seu superior entregou a ele uma medalha, mais uma pensou o coordenador, mais uma que ninguém pode ver ou saber. Que valor tem medalhas secretas? Ele sabia e sua empáfia era tanta que ele se bastava. Na tela as imagens da desintegração de Francisca...

O coordenador não sabia que o filme havia sido possível, nem tivera a curiosidade de perguntar. Tinha dado o caso como encerrado. Seria muito bom rever aquela grande vitória! Preferia ter ficado na ignorância, porque ao assistir a imagem da desintegração, na hora que a luz atingiu a testa do

alvo e ele percorreu seus olhos sobre a mulher, de cima para baixo, reconheceu seus sapatos. Os mesmos de Portugal, os mesmos da entrada do abrigo, os mesmos da herdeira do Rei, de Anna, maldita freira! Aquela não era Francisca!

O que ele faria? Falar a verdade assumindo erro terrível? Admitir a falha? Passar a ser visto como trapalhão? Alardear o erro que ninguém percebera? Calou-se. Controlou-se para não transpirar. O lenço passou por sua testa muitas vezes.

A camisa engomada estava molhada. Assim como ninguém saberia de sua medalha, ninguém saberia de sua falha. Tomaria suas providências.

Dois anos passaram até que se adaptassem as suas novas vidas. Naquele final de semana, saíram de

Oslo pela manhã, pegaram o trem para Flan e depois o barco, foram parando de cidade em cidade, fazendo a brincadeira que as meninas adoravam de descer do barco, tirar uma foto sob a placa com o nome do local e voltar correndo ao barco, até chegarem a Balestrand.

Hospedaram-se no hotel Kiev, colocaram a mala no quarto e ao olharem pela sacada o fiorde dos sonhos e toda aquela paz, respiraram com mais leveza.

Fran, Ricardo e as meninas estavam completamente adaptados a suas novas identidades. Ela estava com o cabelo e a pele bem mais claros, sol tropical nunca mais. Mudou o nariz mais uma vez e

lentes de contato escureciam seus olhos, as crianças já falavam norueguês fluentemente.

Ricardo, depois de duas cirurgias plásticas, embora tivesse o mesmo olhar estava bem diferente, deixou uma rala barba crescer e como sempre já estava bem colocado num banco norueguês.

Fran, com a intervenção de Sergio, emitia importantes pareceres e votos para um amigo que agora era Ministro do Supremo Tribunal Federal. Sentia muita falta do tablado do júri, das testemunhas, das audiências, de seu escritório, de seus clientes... Sabia que aqueles papéis eram o mais perto que chegaria de um processo. Sentia saudades. Sinceramente? Não ligava. Estava em outra fase de sua vida. Olhando para Ricardo e para as meninas que corriam, já tão crescidas, pelo campo de dentes de leão assoprando suas flores, nem podia acreditar naquilo tudo. Não estava inteira, mas estava ali, com

eles. Era o que importava. Era uma visão. Um conforto.

Um desafio. Um milagre. Então, ela rezou mais uma vez. Desta vez, com fé verdadeira. Ao chegarem à praça defronte ao campo de dentes de leão, viram a estátua de um rei. Era o Rei Belle. Fran aproximou-se dele e reparou em detalhes da escultura, olhando mais de perto viu que a mão do rei segurava parte da longa barba, como se pensasse, e o mais estranho era que embora estivesse num dos lugares mais belos do mundo, na beira dos fiordes dos sonhos, ele os ignorava: o Rei olhava para a terra, para o meio da cidade.

Ela ficou na ponta dos pés e tentou manter o olhar na mesma direção do olhar do Rei, ele focava uma casa vermelha de telhado pontudo com uma espécie de carranca na ponta.

Como ela estava muito quieta, Ricardo perguntou:

– Tudo bem?

– Tudo, só estava pensando... Por que ele olha para aquela casa, bem no meio da cidade, se há tanto para olhar em volta? Quem moraria lá? O que isso quer dizer?

Ricardo ainda apavorado com o lugar que foram parar suas vidas na última vez que Fran fez perguntas parecidas, tratou de dar um longo beijo em sua mulher, um beijo de boca e mãos. Aquele beijo, de fato, fez com que Fran esquecesse o rei Belle e seus mistérios. Ela se entregou a esse momento, às mãos e aos lábios de Ricardo.

Por muitas vezes na sua vida, a lembrança deste beijo fez com que ela tivesse forças de seguir

König

em frente. Por muitas vezes, cenas como esta, causaram náuseas no coordenador, que permanecia solitário no comando da principal sala da Ordem.

FIM

König

CONTATO COM A AUTORA

anapetraroli@me.com